ONE MAN GUY

— Só sei que gosto de estar aqui com você e não consigo me imaginar querendo mais ninguém. Isso basta para você?



Michael Barakiva

LeYa

Ficha Técnica

Título original: *One man guy*

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Tradução: Regiane Winarski
Produção editorial e adaptação de capa: Crayon Editorial
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Barakiva, Michael
One man guy / Michael Barakiva ; tradução Regiane Winarski. – São Paulo : LeYa, 2015.
ISBN 9788544102510
Título original: *One man guy*
1. Literatura – Adolescentes 2. Nova Iorque (Estados Unidos) 3. Ficção armênia 4. Autoaceitação I. Título II. Winarski, Regiane
15-0472 CDD 891.992
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura – Adolescentes
2. Ficção armênia

LEYA EDITORA LTDA.
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com.br

Para Rafael
Quando comecei este livro,
eu não sabia
que estava escrevendo para você
e
Para minha família
Por me dar amor infinito, apoio e,
claro, material

Uma pessoa se sente em casa em Nova York instantaneamente. Uma pessoa se sente em casa na cidade tanto depois de cinco minutos quanto depois de cinco anos.

Tom Wolfe

Se você consegue fazer um bom negócio com um armênio, consegue fazer um bom negócio com o diabo.

Antigo ditado persa

Tenho o traje para a festa.

Rufus Wainwright, “Rashida”

1

Alek olhou para o cardápio com desconfiança. Sentiu cheiro de molho de tomate e de armadilha.

— Bem-vindos à Trattoria dell'Arte. Meu nome é Lizzy. Querem pedir uma bebida?

A garçonete era jovem, talvez uma estudante universitária que já tinha voltado para casa por conta das férias de verão, com rosto gentil e redondo e uma franja que fazia uma voltinha na ponta. Alek teve pena dela. A moça não fazia ideia no que tinha se metido.

— Que água mineral vocês têm? — perguntou a mãe de Alek, enquanto o pai e o irmão examinavam o cardápio como drones inimigos procurando o ponto fraco do oponente.

Apesar de o pai e a mãe terem nascido nos Estados Unidos, a mãe de Alek falava com um leve sotaque que herdou do bairro Little Armenia, em Los Angeles, onde passou a infância. Na maior parte do tempo, o sotaque não se destacava em sua fala, apenas alongava as vogais e dava um ar europeu não identificável. Mas, quando precisava, como agora, ela o acionava como uma aranha lançando uma teia especialmente sedutora para atrair a presa para o bote.

— Ok, água mineral a caminho! — respondeu Lizzy com alegria, sem entender a pergunta.

— Não, nós gostaríamos de saber que *marcas* de água mineral você tem — especificou o pai de Alek.

— Ah — disse Lizzy, como se ele pudesse estar brincando.

— Sabe, muitas marcas têm níveis de contaminação similares ou até maiores do que os da água da torneira — a mãe de Alek informou à pobre Lizzy, como se estivesse fazendo um favor a ela.

Alek olhou para o irmão mais velho, Nik, que continuava a ignorá-lo. Virou-se para Lizzy com expressão de pena, tentando inutilmente prepará-la por telepatia para a provação que viria em seguida.

— Temos Evian — ofereceu Lizzy.

— Evian é boa — consentiu o pai.

Lizzy relaxou.

— Então, Evian para começar?

— Vocês têm alguma garrafa em temperatura ambiente? — perguntou

a mãe de Alek.

— Como? — perguntou Lizzy, com a voz agitada. Alek desconfiava que ela estava começando a perceber o horror da situação.

A mãe de Alek aproveitou a oportunidade para um ensinamento.

— Digerir água gelada sobrecarrega o organismo — justificou — porque ele precisa igualar a temperatura de tudo o que ingere à dele antes que chegue ao estômago. É por isso que preferimos água em temperatura ambiente.

— É melhor para o corpo — acrescentou Nik, como se isso fosse uma coisa que todos deveriam saber.

— Posso perguntar — ofereceu Lizzy com voz fraca, sucumbindo ao ataque da equipe de três pessoas.

— Seria ótimo — prosseguiu a mãe de Alek. — E, se não tiver, você pode pedir para alguém da cozinha aquecê-la até chegar à temperatura ambiente?

Lizzy riu, como se a mãe de Alek tivesse feito uma piada. Mas Alek sabia que não era piada.

— Não mais do que 20 graus, por favor. Vinte e um, no máximo — instruiu ela. — Não quero que esteja *quente* porque aí teríamos de botar gelo, e isso seria acrescentar agentes contaminantes e tudo isso perderia todo o sentido. Tenho certeza de que você entende. — Alek desconfiava que Lizzy estava se perguntando que crime hediondo havia cometido em vidas anteriores para ter de atender aquela mesa. — A não ser, claro, que você tenha gelo feito de água mineral.

— Não — respondeu a jovem lentamente, como se estivesse falando com uma criminosa perigosa. — Acho que todo nosso gelo é de água da torneira.

— Então vamos ver se conseguimos encontrar uma Evian em temperatura ambiente — concluiu a mãe de Alek. Lizzy se afastou.

Alek achava que armênios deviam ser proibidos por lei de ir a restaurantes. Ou que, pelo menos, fossem obrigados a portar avisos, como os maços de cigarro: “Servir armênios pode ser perigoso para a saúde”. O problema era que os armênios tinham orgulho de cozinhar muito bem e se ressentiam de pagar por uma coisa que achavam que podiam fazer melhor.

— Eu queria que aqui tivesse *za´atar* — Nik declarou, alto o suficiente para os funcionários poderem ouvi-lo reclamar da ausência no cardápio da mistura de especiarias do Oriente Médio.

— Podemos fazer quando chegarmos em casa — sua mãe respondeu.

Alek se perguntou se famílias que não eram armênias planejavam refeições adicionais enquanto ainda estavam no restaurante cuja refeição não agradou.

— Pois bem, Alek, sua mãe e eu precisamos conversar com você sobre um assunto — o pai começou a falar.

— Eu sei — respondeu Alek. — E sei que deve ser algo ruim, pois estou implorando para vocês me trazerem aqui há meses.

Ele mergulhou um pedaço de pão em azeite.

— Sabe, eles podem estar fazendo uma coisa legal — Nik interrompeu. Alek conseguiu ouvir o *Não que você mereça* implícito nas palavras do irmão.

— Bom, então falem logo e vamos acabar com isso — disse Alek.

— Você vai fazer um curso de verão! — anunciou a mãe, como se ele tivesse acabado de ganhar um prêmio.

— Eu o quê?

Alek abandonou o pedaço de pão no prato.

— Ela disse que você vai para o *curso de verão* — repetiu Nik, do outro lado da mesa.

— Não é que eu não tenha ouvido, otário. Só não acreditei — respondeu Alek.

— Aleksander, baixe a voz, por favor — advertiu o pai, passando as mãos distraidamente na barba grisalha que deixara crescer recentemente. — Estamos em público.

Se Alek estivesse com humor melhor, talvez fizesse uma piada sobre a crença ilusória dos armênios de que, como com a família real, havia *paparazzi* seguindo tudo o que eles faziam. Mas não estava.

— Por que eu vou fazer um curso de verão? Eu não repeti em matéria nenhuma.

A mente de Alek começou a funcionar loucamente para tentar descobrir que milagre poderia fazer na última semana de aula para alterar esse destino terrível.

— Querido, a senhora Schmidt se mostrou disposta a abrir uma exceção para você — explicou a mãe de Alek. — Ela disse que se você refizer as aulas de inglês e de matemática e conseguir notas suficientes, você vai poder frequentar a turma especial ano que vem.

— Você falou com a senhora Schmidt pelas minhas costas? Isso é uma conspiração.

— Aleksander, você tem 14 anos. Somos seus pais. Quando falamos com sua orientadora educacional, é para seu próprio bem — disse o pai, em tom de bronca.

— Bem, talvez eu ainda consiga aumentar minhas notas…

A mãe de Alek o interrompeu:

— A senhora Schmidt nos disse que, mesmo que tirasse as maiores notas possíveis, você ainda não conseguiria ir para a turma especial.

— E quem liga para isso? — respondeu Alek, na defensiva. — Eu fico na turma comum ano que vem. Não seria o fim do mundo nem nada.

— Sabe, Alek — disse o pai —, South Windsor tem um dos melhores sistemas de escolas públicas de Nova Jersey. Seus bisavós deixaram a Turquia durante o genocídio do povo armênio quase cem anos atrás e chegaram a este país sem nada. Deixaram para trás as terras, os pertences e suas histórias para viver em um país em que pudessem ficar em segurança e onde os filhos crescessem sem perseguição e tivessem acesso à melhor educação do mundo.

Alek sabia que quando o pai começava a falar do “Mundo Antigo” as coisas estavam ruins.

— O sacrifício deles significa que você tem a responsabilidade de fazer o melhor que puder — concluiu o pai.

— Mas e o acampamento de tênis? — reclamou Alek.

Os pais viram Lizzy voltando com uma garrafa de Evian e pararam de falar na mesma hora.

“Que Deus não permita um estranho ouvir os segredos da família Khederian”, pensou Alek.

— Tenho boas notícias: temos algumas garrafas de Evian em temperatura ambiente — disse Lizzy, abrindo a garrafa.

— Pena que você não mencionou que as garrafas eram de plástico — lamentou a mãe de Alek, em tom de quem pede desculpas, antes de Lizzy servir.

— O quê? — perguntou a garçonete.

— Não bebemos água de garrafas de plástico — explicou a mãe de Alek, como se as palavras saindo de sua boca fizessem sentido. — O policloreto de vinila distribui poluentes que podem perturbar o equilíbrio hormonal. Além disso, o bisfenol A já foi ligado à obesidade e a cromossomos anormais. E você nem vai querer saber o que o plástico faz com a água se a garrafa ficou no sol! — Alek ficava impressionado com a capacidade da mãe de dizer coisas insanas de forma sensata. — Vamos tomar chá-verde — concluiu a mãe de Alek.

— Posso falar sobre os pratos especiais do dia? — perguntou Lizzy, dando um passo para trás na expectativa de um novo ataque.

— Na verdade, podemos fazer algumas perguntas primeiro? — contra-atacou o pai de Alek.

— Claro — respondeu Lizzy, com cautela.

Os pais de Alek se prepararam para o interrogatório.

— De que fazenda vem a muçarela de vocês?

— Quais legumes são de plantações locais?

— Os tomates são orgânicos?

— Os picles são fervidos antes de ser colocados em conserva?

— As ervilhas são frescas ou congeladas?

— A paleta de cordeiro é importada ou é de produção regional?

Lizzy consultou as anotações que tomou freneticamente no bloquinho.

— Hum, vamos ver. A muçarela é genérica, acho que algumas abobrinhas e pepinos são locais e não sei sobre os tomates. O que mais vocês perguntaram? Alguma coisa sobre picles?

Lizzy fez o melhor que pôde enquanto o ataque prosseguia, mas, quando terminou, estava arrasada. As risadinhas nada sutis de Nik cada vez que ela não conseguia responder uma pergunta não ajudaram.

— Já sabem o que gostariam de comer? — perguntou ela com desânimo, segurando o bloquinho como um escudo. — Ou precisam de mais tempo?

— Acho que ainda estamos decidindo — disse o pai de Alek.

Alek jurou ter ouvido a antes gentil Lizzy murmurando obscenidades bem baixinho enquanto se afastava.

— Pelo menos eles vão ter de ferver a água para fazer o chá, então sabemos que é seguro — disse a mãe a todos à mesa. — Bom, sobre o que estávamos falando mesmo?

— Eu estava perguntando como vou poder fazer o curso de verão se o acampamento de tênis começa em duas semanas. Estão lembrados do acampamento de tênis? Aquela coisa que vocês *prometeram* que eu podia fazer porque não me deixaram tentar entrar na equipe este ano?

— Não deixamos você tentar porque achamos que o tempo seria mais bem utilizado para melhorar suas notas. E, infelizmente, o acampamento de tênis também vai ter de esperar — informou o pai.

— Mas e a inscrição? Vocês sabem que não vão devolver o dinheiro? — perguntou Alek.

— Nós sabemos, Alek — respondeu a mãe. — Mas é uma perda com a qual estamos dispostos a arcar. O estudo vem em primeiro lugar na nossa família.

— Que saco! — sussurrou Alek.

— Não use essa palavra — reprimiu o pai.

Alek se lembrou da primeira vez que ouviu um dos amigos falar um palavrão na frente dos pais. Um palavrão de verdade, não *saco* nem *droga*. Isso jamais aconteceria na casa dele.

— Se você achar a matéria difícil demais, fico feliz em ajudar — disse Nik, com um sorrisinho malicioso.

Alek chutou o irmão por baixo da mesa.

— Alek, pare com isso! — reclamou a mãe. — As pessoas estão olhando!

Ela olhou ao redor para ver se alguém tinha testemunhado a falha imperdoável.

— Meu Deus, mãe, você não entende, ninguém está olhando para nós. Ninguém liga para o que fazemos. Posso ficar em pé em cima da mesa e jogar pão nele que ninguém ligaria.

Para demonstrar, Alek pegou o pedaço de pão encharcado de azeite e vinagre balsâmico e mirou em Nik, do outro lado da mesa.

— Aleksander, já basta — advertiu o pai. — Coloque esse pedaço de pão no prato, sente-se como adulto, que é como você sempre pede para ser tratado, e aprecie a comida pela qual estamos pagando.

"A comida pela qual mamãe está pagando", pensou Alek. Mas sabia que não devia dizer isso em voz alta. Desde que o pai havia sido demitido da firma de arquitetura no ano anterior e a mãe teve de voltar a trabalhar em tempo integral, o pai de Alek passou a ficar ainda mais sensível a dinheiro.

— Ah, obrigado — disse Alek, com a voz adocicada. — Vamos ver. Vocês acham que sou idiota, me dizem uma semana antes do fim das aulas que vou ter de passar o resto do verão no poço do desespero que é minha escola, não posso ir para o acampamento de tênis, apesar de vocês terem *prometido* que eu ia… Tem mais alguma coisa que vocês querem me contar?

— Bem — disse a mãe de Alek, mexendo no guardanapo.

— Ah, meu Deus, você está de brincadeira? O que mais pode haver?

A mãe olhou para o pai pedindo ajuda, mas ele estava lendo o cardápio como se fosse a Arca da Aliança.

— Você não precisa fazer parte dos cinco por cento melhores da turma como eu para entender — observou Nik. — Se você vai estudar no verão, não vai poder viajar com a gente nas férias da família.

— Pode deixar, Andranik, nós cuidamos disso — falou o pai, finalmente erguendo o rosto. Nik, que tinha crescido dez centímetros no segundo ano do ensino médio, teve a decência de calar a boca. — Sabe, Alek, quando nos comprometemos a ir às Cataratas do Niágara no verão com outras famílias da igreja, nós conseguimos um pacote de grupo. Se desistíssemos, estaríamos colocando em risco a viagem de férias de todo mundo.

— Sem mencionar que eu precisei pedir permissão especial para passar esses dias fora do acampamento — acrescentou Nik.

— Vocês estão me dizendo que preferem as pessoas da igreja ao próprio filho para passar as férias *familiares*? — perguntou Alek, incrédulo. — E tenho certeza de que o fato de a namorada de Nik ser uma dessas pessoas é mera coincidência, não é? Estou acostumado a vocês escolherem Nik em vez de a mim, mas escolher Nanar em vez de sangue do seu próprio sangue? Eis uma nova frustração.

— Ela não tem nada a ver com isso — disse Nik.

— Ah, tá.

— Alek, a família de Nanar é só uma das muitas famílias que atrapalharíamos se desistíssemos agora — explicou a mãe.

Nik mexeu no cardápio, e o desdém com o qual virou as páginas deixou claro que ele não estava se importando nem um pouco com a discussão:

— Além do mais, nós, da Juventude Armênia, estamos planejando pesquisar nossos projetos de herança cultural no arquivo municipal de Toronto.

— Sem mencionar todo o dinheiro jogado fora — concluiu o pai.

— Ainda não entendo por que não tiramos férias normais, só nós quatro — disse Alek com petulância.

— Se é isso que você quer fazer ano que vem, é o que faremos. Seu pai e eu decidimos que, como você não pode ir este ano, pode escolher para onde iremos no próximo verão.

— Se eu não tiver de fazer curso de verão mais uma vez, né? — respondeu Alek. — Afinal, quem sabe? Talvez eu tire outro — ele ofegou para provocar efeito dramático —, que Deus não permita… outro C, e vão ameaçar me tirar da turma especial de novo, e vou ter de sacrificar outro verão da minha vida na instituição mais cruel da história da humanidade…

— Seja sensato… — começou o pai, mas ele parou de falar quando viu Lizzy se aproximando devagar, equilibrando um bule de água quente e quatro xícaras com saquinhos de chá dentro.

A mãe de Alek sorriu para a garçonete quando ela chegou à mesa. Lizzy viu como bom sinal, mas Alek sabia que não era.

— Você tem chá com as folhinhas soltas? — a mãe quis saber.

— Folhinhas soltas? — perguntou Lizzy, docilmente.

— É que alguns estudos mostram que o papel dos saquinhos de chá…

— Ah, meu Deus! — explodiu Alek. — Por que vocês estão torturando essa pobre garota? Ela nem é parente de vocês! E ninguém desenvolve câncer por beber chá de saquinho. Estão ouvindo? NINGUÉM. E ninguém pega câncer por beber Evian em garrafas de plástico!

O jeito como os outros clientes do restaurante estavam olhando para Alek denunciava que ele devia estar falando alto, mas ele não se importou.

— Era para ser o meu jantar? Meu prêmio de consolação por ter sido traído pelos meus pais e ter que passar um verão dos infernos? Então vamos fazer do meu jeito. — Ele olhou para Lizzy, cuja perplexidade rapidamente se transformava em gratidão. — O chá está ótimo, obrigado. — Alek fechou o cardápio. — Quero a massa à carbonara. Eles vão dividir o filé grelhado, e aquele babaca com a boca aberta feito um peixe ali no canto vai comer lasanha. E peça para a carne vir bem passada, tá?

Lizzy fez que sim enquanto anotava furiosamente no bloquinho.

— Agora vá rápido, antes que eles tenham chance de dizer alguma coisa!

A jovem não precisava de mais encorajamento. Ela saiu correndo, com as tiras do avental balançando atrás dela.

Assim que Lizzy se afastou, a mãe de Alek se inclinou para a frente.

— Espero mesmo que eles cozinhem bem a carne — cochichou. — Senão, vou ter de devolver o prato.

2

— Tchau, seu poço nojento de pecado! — gritou Becky o mais alto que conseguiu.

Ela tinha acabado de colocar o patim direito e estava tentando colocar o esquerdo. Algumas pessoas que estavam passando perto do armário dela riram, mas a maioria estava apressada demais para fugir do último dia de aula para prestar qualquer atenção.

— Você está pronta? — perguntou Alek, em tom de queixa.

— Tchau, sua monstruosidade hedionda de concreto! — continuou Becky, ignorando-o. — Tchau, atrocidades culinárias que fingem ser almoço! E, para os professores quase inconscientes, um tchau bem especial para vocês!

Becky se virou oscilante, ainda com só um patim, e olhou pela janela para o pátio na frente da escola, onde até os ônibus enfileirados pareciam impacientes. Ela gritou para os alunos lá fora, sabendo que eles não podiam ouvir:

— E o mais importante, tchau para vocês, caros colegas manipulados.

Becky acenou. Alguns alunos, sem saber o que ela dizia, acenaram de volta, inspirando Becky a prosseguir.

— Por três meses abençoados, minha vida estará livre de vocês todos. — Becky tinha colocado o segundo patim e começara a patinar pelo corredor com alegria. — Chega de deveres de casa sem sentido e reuniões escolares. Chega…

— Becky, já deu — interrompeu Alek.

Ele passou os dedos pelo cabelo encaracolado e ajeitou a mochila JanSport verde-musgo que ganhara da mãe no primeiro dia do sétimo ano e que, desde então, rezava todos os dias para que rasgasse.

— Podemos ir, por favor?

— Ai, alguém está uma pilha hoje... Não é porque você vai ter de fazer o curso de verão que eu tenho de deixar de lado meu ritual de último dia de aula.

— Só estou dizendo que um pouco de consideração não iria matá-la. Ainda vou ter de encarar todas essas coisas idiotas das quais você está se despedindo.

— Não é minha culpa você ser burro.

— Não é minha culpa você ser uma vaca — retrucou Alek.

Ele olhou para os corredores da escola sem acreditar que só seis dias tinham se passado desde que os pais o informaram de que o merecido descanso de verão, direito sagrado de todos os adolescentes, seria negado a ele.

— Aliás, o ano de 1999 ligou. Está pedindo os patins de volta.

— Devo aproveitar para devolver seu guarda-roupa inteiro também? — perguntou ela, superando-o na resposta, como sempre. — Ainda não entendi por que você vai fazer isso.

— Eu já falei, meus pais estão me obrigando! A senhora Schmidt disse que, se eu tirar A em álgebra e inglês, posso ficar na turma especial, e assim posso até conseguir entrar no grupo de aulas avançadas no segundo ano.

— A senhora Schmidt é uma vaca. Como podem esperar que a gente receba orientação de uma pessoa que decidiu se tornar orientadora educacional? É como pedir a um cego para ajudar na escolha de óculos novos. — Becky colocou o último item de proteção. — Está pronto? Estou esperando você há uma eternidade.

Alek revirou os olhos.

— Me pegue se for capaz, tartaruga.

Becky deu um impulso e saiu patinando pelo corredor principal, onde faixas esportivas verdes e brancas dos anos anteriores estavam penduradas como bichos-preguiça. Um inspetor de corredor repreendeu, sem ânimo:

— Nada de patinar nos corredores.

Mas Becky ignorou a advertência e disparou pela saída principal para a Western Avenue. Alek não se deu ao trabalho de correr atrás dela. Sabia que ela acabaria voltando.

Alek subiu a pequena colina na frente da escola enquanto tentava entender por que seu nono ano havia sido tão infeliz. Até sentia falta dos anos anteriores do fundamental II, embora o constrangesse admitir. Ele podia não ter sido o garoto mais popular do oitavo ano, mas chegou à turma especial sem esforço, jogou tênis na equipe de duplas, não precisou se preocupar em encontrar parceiros para atividades em aula e até foi convidado para festas de aniversário e *bar/bat mitzvá* suficientes para manter os fins de semana ocupados.

Mas Alek percebeu que agora estava em um novo mundo com regras próprias. Conforme as notas começaram a diminuir, seu nono ano virou uma confusão de conferências e reuniões de pais e professores, e nenhuma delas fez diferença. E quanto mais ele se esforçava pior era seu desempenho, como um remédio que só deixa você mais doente.

E quando os pais de Alek não o deixaram tentar entrar na equipe de tênis acabaram afastando-o de todos os amigos antigos, como Jason e Matthew. A vida social de Alek chegou ao fundo do poço da humilhação quando a mãe procurou alguns desses amigos e os convidou para um jantar-surpresa de aniversário. Alek percebeu que eles só compareceram porque os pais deles os obrigaram, e que todos preferiam estar no cinema ou jogando videogame. E, em vez de pedir pizza, que era o que ele preferiria se alguém tivesse se dado

ao trabalho de perguntar, os pais insistiram em fazer um banquete armênio completo. O que os adultos não perceberam foi que não houve nada mais constrangedor do que quando eles tentaram ajudar.

Os Khederian moravam perto o bastante da escola para que Alek pudesse ir e voltar andando quando o tempo estava bom, e ele e Becky faziam questão de percorrer esse caminho juntos. Sempre que ela não precisava ficar na escola para o ensaio da banda, eles se encontravam na frente do armário dela e ela saía patinando, mas acabava voltando para acompanhá-lo na altura das quadras de tênis e do grande freixo escurecido que fora atingido por um relâmpago na primavera anterior.

O som de um apito agudo penetrou no cérebro de Alek. Ele apertou os olhos encarando o sol da tarde de junho.

— Preste atenção, rapazinho — disse um guarda idoso, chamando a atenção dele, com as dobras das rugas na testa se arqueando de preocupação.

Alek levantou o rosto, assustado, e voltou para cima da calçada, murmurando um agradecimento. Ele viu Becky à frente, patinando sinuosamente pelos pedestres na calçada.

Alek não era uma dessas pessoas que funcionam bem sob pressão, como seu antigo parceiro de duplas. Seth não jogava tênis melhor do que Alek, mas, quando realmente fazia diferença, alcançava resultados, conseguindo um *ace* ou acertando um *forehand* vencedor dentro da linha da quadra.

Quando Alek se sentia pressionado, o tempo acelerava e ficava fora de controle, como quando ele e Seth jogaram a partida final no ano anterior contra Steinbrook. As duas equipes estavam seguindo com pontuação similar e chegaram ao *tiebreaker* no quinto *set*. O placar marcava 6 × 5 e Alek estava no saque. Eles precisavam marcar o ponto para ficar na partida.

Seth foi até Alek depois que ele errou o primeiro saque.

— Estou contando com você, cara. Você consegue.

Seth deu uma batidinha encorajadora no ombro de Alek e voltou para a posição na quadra.

Errar de novo faria com que eles perdessem o ponto e a partida, então Alek se preparou para fazer um segundo saque simples e confiável. Quando firmou o pé e se preparou para jogar a bola no ar, decidiu ir com tudo. Ele imaginou que a força inesperada surpreenderia a equipe adversária. Além do mais, era a última partida que jogaria no oitavo ano, e queria que fizesse a diferença. Mirando no canto da quadra adversária, Alek levantou e girou a raquete para bater na bola com força máxima, torcendo para que o saque atingisse o alvo.

Mas a bola bateu na rede. Alek cometeu dupla falta, perdendo o ponto e a partida.

No vestiário, mais tarde, Seth tentou puxar Alek do buraco negro em que ele tinha afundado.

— Não se preocupe, cara. É só um jogo de tênis.

Alek levantou o rosto, relaxando os ombros pela primeira vez desde o final da partida. Pensou no quanto sentiria falta do parceiro de tênis no ano seguinte, pois Seth estava mudando para uma escola particular que ficava um

pouco mais distante. Apesar de eles só terem se conhecido quando começaram a jogar juntos e não terem os mesmos amigos nem passarem juntos o tempo livre, a parceria no tênis se transformou num tipo especial de amizade.

— Guarde isto.

Seth entregou uma bola de tênis a Alek.

— Por quê?

— É a bola do seu último saque.

— E daí?

— Eu precisei soltar da rede. Você bateu na bola com tanta força que ela ficou presa. Não é uma coisa fácil de fazer, cara. Se seu saque tivesse passado, você teria feito um *ace*, sem dúvida.

Seth se inclinou para a frente, e a luz bateu no ouro do cordão com a Estrela de Davi que ele começou a usar depois do *bar mitzvá*.

— Mas não fiz o *ace*. Cometi dupla falta e perdi nossa partida.

— Pare com isso, cara. Eu prefiro jogar com alguém que usa tudo o que sabe a jogar com alguém que escolhe o caminho seguro, tá? Foi por isso que foi tão divertido jogar com você este ano.

Alek esticou a mão para pegar a bola, e os dedos dos dois se tocaram. Alek manteve a mão ali, enquanto os dois seguravam a bola. Os dedos unidos, ligando-os e abraçando a bola suspensa.

Alek pensou ter visto Seth inclinar um pouco para a direita antes de a porta do vestiário abrir.

— Aleksander, você está pronto? — gritou seu pai.

— Estou, pai… um segundo! — Alek pegou suas coisas e foi em direção à porta. — Ei, Seth…

Ele queria agradecer por Seth ter sido um parceiro e um amigo tão incrível, por ter sido gentil com ele quando a maioria das pessoas o teria arrasado, mas não sabia como fazer isso sem parecer idiota e brega.

— Obrigado pela bola — agradeceu, afastando o olhar.

— Tudo bem, cara.

Alek não via Seth desde então. Pensava em procurá-lo, mas nunca o fez porque não sabia o que dizer. Alek só sabia que sentia falta de Seth de uma maneira diferente de todo o resto do mundo que deixou para trás.

3

Alek virou na rua Etra e viu Becky encostada em uma placa de "Pare".

— Por que você demorou tanto? Dava tempo de fazer uma prova de vestibular inteira de tanto que você demorou.

Mesmo de patins, Becky mal chegava a um metro e meio. Nada na aparência dela, do cabelo castanho ondulado até a roupa diária (macacão e suéter), traíam sua verdadeira personalidade. Becky estudou em outra escola de South Windsor até o oitavo ano, e Alek só a conheceu quando eles se sentaram juntos na aula de ciências no primeiro dia do nono ano. Ela começou a sussurrar coisas sobre os pelos na orelha do professor menos de cinco minutos depois e, quando o sinal tocou, o senhor Cenci já tinha chamado a atenção de Alek duas vezes por atrapalhar a aula com as gargalhadas. Em cada uma dessas vezes, Becky ficou olhando para a frente, séria e solene, fingindo inocência quanto ao comportamento agitado de Alek.

— Quando você vai para o Maine? — perguntou Alek.

— Mudei meus planos.

— O que aconteceu?

— Eu decidi deixar minha avó pra lá quando descobri isso.

Ela abriu a mochila e entregou um livreto a Alek.

— Um acampamento de patinação? Sério?

Alek folheou o livreto e viu imagens brilhantes de adolescentes fazendo manobras e truques.

— Vai ser nas duas últimas semanas antes das aulas. Tem treinamento com profissionais. Mal posso esperar! — disse Becky, girando de alegria. — Meus pais me disseram que eu tinha de pagar se quisesse ir, então arrumei um emprego no Dairy Queen.

— Meu Deus, estou tão feliz que você vai ficar aqui! — admitiu Alek.

— Todo mundo está dizendo isso. Alguns minutos atrás, um grupo de líderes de torcida parou e me agradeceu por decidir ficar. Elas disseram que o verão não seria o mesmo sem mim.

— Não mesmo! Quer ir ao cinema no fim de semana?

— Tudo bem, mas tem um filme com a Audrey Hepburn que quero ver. Por que não vemos o filme idiota de super-herói que você deve estar querendo ver na sexta à noite e depois passamos uma tarde civilizada assistindo a *My fair lady* no sábado? Vou ver se Mandy e Suzie podem ir.

— Você precisa mesmo chamar as duas? — perguntou Alek.

— Pode ser minha última chance de vê-las antes do acampamento da banda — protestou Becky.

— Você sabe que não gosto de sair com garotas — disse Alek.

— Muito obrigada.

— Você sabe o que eu quero dizer. Você não é como elas. É diferente.

— Ah, nem pense em me dar o bolo — avisou Becky. — Se você não for, vou deixar você de lado. Tenho fama de durona por aqui. Por que você acha que ninguém pega no nosso pé? Todo mundo sabe que você anda comigo e meu grupo.

Era difícil imaginar alguém menos intimidante do que Becky. Por sorte, South Windsor não era o tipo de escola em que as pessoas levavam surras. Os alunos estavam interessados em notas altas, em resultados satisfatórios nos exames para a faculdade e em conseguir entrar para as melhores delas. Alunos da Sociedade de Honra da escola South Windsor eram tratados como os atletas seriam em outras escolas.

— Se eu tiver sorte, o livro sobre a filmagem de *My fair lady* já deve estar chegando. É por isso que quero ver o filme de novo! Na verdade, acho que vou querer ver mais uma vez *depois* de ler o livro, para poder apreciar as nuanças.

Alek e Becky seguiram até chegar a Orchard Street.

— Eu posso continuar sozinha pelo resto do caminho.

Becky sorriu, iniciando o ritual de todos os dias.

— Por que eu não acompanho você até a porta de casa?

Na primeira vez que Alek e Becky voltaram da escola juntos, ele insistiu em levá-la até a porta de casa porque “foi o que minha mãe me disse que um cavalheiro faria”. Becky ficou tão perplexa com a formalidade de cavalheiro de Alek que deixou que a acompanhasse. Desde então, quando chegavam àquele cruzamento, eles repetiam o diálogo.

Alek deixou Becky em casa, voltou até a Mercer e seguiu para casa. Alguns minutos depois, chegou à estação de trem, na metade do caminho entre sua casa e a de Becky.

Ele ouviu que um trem se aproximava, então correu até a estação para vê-lo. Alek tinha se apaixonado por uma locomotiva de madeira em miniatura feita à mão que ganhou em seu segundo aniversário, e desde então amava trens. A força e a velocidade dos trens o deixavam maravilhado, principalmente os trens expressos que não paravam em South Windsor e seguiam direto pela estação na velocidade máxima, como se nem ocorresse a eles parar no subúrbio insignificante. O trem que estava parando agora seguia para o sul, vindo de Nova York e passando por Nova Jersey. O outro lado da estação, que Alek nunca visitou, era dos trens indo para o norte passando pela cidade.

Nos últimos anos, Alek havia ido a Nova York com os pais algumas vezes. Normalmente, a família ia de carro em uma manhã de sábado, pegava uma matinê de *show* da Broadway ou ia a uma exposição de museu e depois voltava. Alek implorava para ficar mais, mas os restaurantes de

Manhattan deixavam seus pais claustrofóbicos, e eles recusavam, na mesma hora, a sugestão de Alek de "dar uma voltinha". Alek sentia que outras partes da cidade o chamavam, áreas escondidas debaixo de arranha-céus como animais exóticos em uma selva. Mas esses passeios familiares eram a única forma de ele ver a cidade, e ele aceitava o que podia ter.

O trem parou e as portas se abriram. Algumas poucas pessoas saíram, bem diferente da multidão que saía no final de um dia de trabalho. Alek sentiu inveja dessas pessoas por poderem ir a Nova York, mas também tinha pena delas por terem de voltar para o subúrbio. Sempre fazia com que ele pensasse em Tântalo, o personagem da mitologia grega sobre quem aprendeu no sexto ano, destinado a morrer de sede e fome no mundo subterrâneo, com água e comida quase ao alcance da mão. Alek não sabia o que era pior, estar tão perto do que se queria e não poder pegar, como Tântalo, ou estar totalmente exilado do que se queria.

As portas se fecharam e o trem começou a se afastar. Alek o viu seguir como uma flecha disparada alegremente na direção do alvo.

Alek morou a vida toda no bairro daquele lado da estação. As casas imponentes ficavam atrás de gramados bem cuidados, formando linhas perfeitas, e, como a associação imobiliária insistia para que todas fossem pintadas dentro da mesma paleta de cores pastel horrendas, os quarteirões pareciam fileiras de balas na caixa de doces de um gigante.

O outro lado da estação, onde ficava a plataforma dos trens que iam para Nova York, era o limite de um lado menos receptivo da cidade. Como se tratava de South Windsor, não era um lugar perigoso, pelo menos em comparação com os lugares de Nova York que os pais de Alek descreveram, de quando moraram na cidade antes do casamento. Mas o lado de lá não tinha a sensação limpa que o lado de Alek tinha.

Os dois lados da estação só se ligavam por um pequeno túnel subterrâneo, até que uma passarela foi construída. Ao passar pela estação todos os dias na caminhada de ida e volta da escola nesse último ano, Alek fantasiava sobre ir para o outro lado, entrar em um trem e ir disparado para a cidade. Mas os pais de Alek deixavam bem claro que ele não podia ir sem os dois sob nenhuma circunstância.

— Eu sei que você ama Nova York — disse a mãe de Alek um mês antes, no carro, quando eles voltavam da igreja armênia. — Mas a cidade é muito perigosa, principalmente para um jovem. Talvez, quando você estiver no último ano da escola e depois de termos explorado a cidade um pouco juntos, possamos deixá-lo ir. Durante o dia, claro. A apenas algumas áreas que decidíssemos antes. Com alguns amigos. E um adulto. E, talvez, escolta policial.

Alek esperava encontrar um pouco de apoio no pai.

— Você não se mudou para Nova York para fazer a faculdade quando era só alguns anos mais velho do que eu sou agora? — perguntou ele.

Mas o pai não cedeu.

— Escute sua mãe. A cidade não é segura.

Alek parou na entrada do túnel. Mesmo no meio do dia, ele era escuro,

iluminado só por lâmpadas fluorescentes laranja que piscavam e faziam com que parecesse cenário de um filme de terror. Desde que a passarela havia sido construída, o túnel estava praticamente sem uso, esquecido como uma calça jeans velha. Apesar de saber que o pai esperava que ele fosse para casa logo depois da aula, Alek hesitou. O aço corrugado que formava a abertura do túnel o convidava e o ameaçava ao mesmo tempo. Ele deu um passo para dentro. E outro.

Alek observou sua mão e ficou impressionado como a luz laranja deixava sua pele estranha. Saiu andando, fazendo os passos acompanharem o som da água que pingava de um cano. Concentrou-se na pequena área de luz no final do túnel que o chamava. O ar estava mais frio lá dentro. Alek inspirou e continuou a andar.

Ao sair, deu em um estacionamento abandonado do outro lado da estação. Um grupo de garotos mais velhos que ele reconheceu da escola estava andando de skate em uma pista de obstáculos com rampas e pinos que eles mesmos tinham arrumado. Esses garotos eram da idade de Nik, mas Alek sabia que não faziam parte da galera da Sociedade de Honra do irmão. Eram chamados de desistentes por causa da taxa absurdamente baixa de formandos. Cada grupo da escola South Windsor tinha seu papel a desempenhar, e sempre era possível contar com os desistentes para levar cigarros escondido, matar aula e provocar incêndios. Alek não conhecia a maioria pelo nome, mas reconheceu Ethan, o garoto que iniciou a famosa guerra de comida em março.

O diretor Saunder implementara um código de vestimentas que proibia as calças abaixo da cintura usadas pelos garotos e tinha acabado de rejeitar o abaixo-assinado dos alunos pedindo-as de volta. Por isso, diziam os boatos, Ethan decidiu iniciar uma guerra de comida no refeitório como protesto. Alek não tinha o mesmo horário de almoço que Ethan e não testemunhou a guerra, mas se lembrava da aparência dos alunos quando foram levados para fora do refeitório, com as roupas imundas de *ketchup*, leite, pão, farelos de batata frita e Deus sabe o que mais, e mais felizes do que ele jamais vira um grupo de alunos da escola South Windsor. Apesar de Alek ter ficado aliviado por não ter sido envolvido na sujeira, ele também desejava que isso tivesse acontecido durante seu horário de almoço, para que pudesse testemunhar o pandemônio.

Mesmo antes da guerra de comida, Alek já achava que Ethan era sinônimo de tudo de mais legal. Naquela tarde, Ethan estava usando calça cargo verde-militar, com fivelas e correntes presas, e uma camiseta preta com os dizeres OUSE RESISTIR ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA em letras vermelhas garrafais. Alek olhou para seu short cáqui sem graça e para a camisa de mangas curtas azul-marinho que usava. Mesmo que os pais o deixassem comprar as próprias roupas, ele não saberia onde encontrar qualquer coisa diferente das mesmas roupas repetitivas da Gap que sempre compraram para ele.

Alek viu Ethan manobrar o skate pela pista de obstáculos com facilidade, rindo e falando com os amigos ao mesmo tempo. Ethan era alguns

centímetros mais alto do que Alek, e seu cabelo louro ondulado caía no rosto de um jeito que fazia Alek pensar em surfistas. O cabelo de Alek era escuro, volumoso e difícil de controlar, como ervas daninhas em um jardim. Ele tinha tentado deixar crescer no ano anterior, mas foi só ficando mais volumoso em vez de ficar legal. Todos os garotos da igreja o chamavam de afro-armênio, e os pais disseram que um dia ele veria a sorte que tinha por ter um cabelo tão volumoso. Mas Alek sentia inveja do jeito como o cabelo de Ethan balançava conforme ele manobrava por cima dos pinos, descia pelas escadas e deslizava pelos corrimões.

Um desistente grandalhudo, com braços grossos cruzados na frente do peito, viu Alek e gritou:

— Ei, garoto, algum problema?

Alek sentiu o rosto enrubescer. Não queria parecer que estava com medo, mas só conseguiu gaguejar em resposta:

— Não, hã, eu só estava, hã…

O garoto andou até Alek enquanto limpava o nariz no braço. Estava usando uma camisa xadrez de mangas curtas que ficava bem justa no corpo largo, e o cabelo castanho era tosado nas laterais da cabeça, tão rente que dava para ver o couro cabeludo. A parte de cima do cabelo era espetada como uma imitação de moicano, o que o fazia parecer ainda maior. Alek não conseguia lembrar o nome dele, mas sabia que era para ter se formado no ano anterior. Ele se aproximou com um gingado confiante, como o de alguém que está à vontade no local.

— Fala logo, cara. Eu perguntei: algum problema?

Antes que Alek pudesse responder, o garoto deu um empurrão nele. A força o pegou desprevenido e ele caiu no chão. Alek gritou, mais de surpresa do que de dor. A confusão chamou a atenção dos outros. Eles se aproximaram com seus skates, torcendo por alguma diversão. Alek ficou olhando, ainda no chão, os rostos que iam aparecendo no seu campo de visão como naves espaciais inimigas.

Jack. Alek se lembrou de repente do nome do agressor. Jack.

O rosto de Jack pairava ameaçadoramente sobre Alek.

— Qual é seu problema? Por que você não se levanta e encara como homem?

Alek tentou se afastar, mas Jack agachou e usou os joelhos para prender Alek no chão e fez novamente as mesmas perguntas, gritando como um sargento furioso.

O cheiro de cebola e mostarda atingiu as narinas de Alek. “Estar prestes a levar uma surra é assim”, pensou. Ele só esperava que, fosse lá o que acontecesse, ele saísse sem marcas visíveis, para que os pais não fizessem perguntas. Levar uma surra era humilhante. Ter de explicar aos pais era ainda pior.

Como Alek não respondeu, Jack baixou o rosto até ficar bem perto do dele.

— Eu mandei você levantar, filho! — gritou.

— Deixe-o em paz, Jack.

Alek virou o rosto para ver quem tinha ido ao seu resgate. Ethan se aproximou calmamente girando o skate, deixando à mostra uma colagem com adesivos coloridos. As rodas verdes continuaram a girar enquanto ele segurava o skate com uma das mãos e colocava a outra no ombro de Jack.

Jack olhou nos olhos de Ethan.

— Eu só estou me divertindo, cara.

— É isso que você chama de diversão? Implicar com um garoto com metade do seu tamanho? — brincou Ethan. Mas, como Jack não se levantou, Ethan prosseguiu: — Mas acho que, do jeito que você anda comendo, encontrar alguém do seu tamanho para implicar seria praticamente impossível.

— Você não precisa ouvir isso, Jack! — gritou alguém atrás de Alek.

— É, mostre a ele quem é quem!

Jack foi ficando vermelho enquanto o restante dos garotos continuava a provocá-lo.

— Vamos ver se você ainda vai falar assim quando meu soco acertar sua cara, Ethan.

— Seu punho e minha cara são quase do mesmo tamanho, garotão — riu Ethan.

Com um grunhido, Jack pulou de cima de Alek e correu até Ethan, derrubando-o no chão. Alek continuou no chão, esquecido, enquanto os rostos que olhavam para ele correram para testemunhar um espetáculo bem mais empolgante. Alek ouviu gritos de “Pega ele, Ethan!” e “Mostre quem é quem, Jack”, assim como os ruídos ocasionais de punhos acertando pele.

Alek pensou em gaguejar um agradecimento para Ethan, mas decidiu não chamar mais atenção para si. Apenas levantou, se virou, saiu correndo pelo túnel e foi para casa.

4

O toque impiedoso do despertador foi uma agressão psicológica ao cérebro de Alek. Ele abriu os olhos um pouquinho. Os números vermelhos marcavam 7h17. Alek fez as contas de cabeça, desesperado por um cálculo que o permitisse mais cinco minutos sem que se atrasasse. Mas, como os números se recusaram a cooperar, ele teve de se jogar da cama e cair no chão, para que o impacto o fizesse despertar. Ficou deitado assim por um momento, perguntando-se que barganha faustiniana poderia fazer para fugir de ter de ir ao primeiro dia das aulas de verão. Mas não havia a menor esperança, nenhuma aparição de poder demoníaco. Aparentemente, ninguém estava interessado na alma dele.

Os cinco dias que passaram desde o fim das aulas do ano letivo regular nem se pareceram com miniférias, principalmente porque a chuva fez Alek passar a maior parte do fim de semana enfiado em casa com a família.

— Ande logo se quiser tomar café da manhã — Alek ouviu o pai gritar do andar de baixo.

Alek dominava a arte de ficar pronto em 12 minutos. Ele cambaleou até o banheiro, ligou o chuveiro e, enquanto a água esquentava, reuniu os cadernos e livros. Colocou-os na JanSport verde surrada, olhando com ódio para a mochila impossivelmente resistente. Em seguida, pegou as roupas. Normalmente, tentava ir arrumado ao primeiro dia de aula. Mas, como essas aulas eram apenas um programa para delinquentes e incompetentes, um short de brim e uma camiseta mostarda bastavam.

Ele entrou no chuveiro, se lavou, saiu e secou o corpo e o cabelo. Colocou as roupas e desceu a escada, com os números 7h29 no relógio como prova de seu sistema perfeito.

Nik e a mãe já estavam sentados à mesa da cozinha, vestidos e prontos para iniciar o dia. Nik estava usando os novos óculos de armação azul, pesados demais, que Alek sabia que o irmão achava que o deixavam com aparência descolada, mas que Alek achava que o deixavam com uma aparência patética de "quero ser *hipster*" constrangedora.

O irmão de Alek sempre foi magro, mas, depois que começou a fazer a barba, o corpo chegou a proporções quase cômicas. Alek achava que o jeito como ele estava vestido também não ajudava. Para o primeiro dia de orientação como monitor de acampamento, Nik estava usando um short

dobrado acima do joelho e uma camiseta com listras horizontais brancas e azuis por baixo de uma jaqueta azul-marinho. E, para piorar, estava com cinto e sapatos vermelhos, como se usar acessórios fosse compensar a falta de personalidade.

— Oi, querido — cumprimentou a mãe de Alek. Ela já estava vestida para trabalhar, como sempre, de forma impecável: uma saia abaixo dos joelhos e um cardigã verde-claro por cima de uma blusa creme. Ela colocou o BlackBerry que já estava apitando na mesa e olhou para Alek. — Dormiu bem?

Alek grunhiu de forma evasiva e se sentou à mesa. Perguntou-se se ficaria encrencado por estar atrasado, pois era o responsável por preparar o café. Mas na mesa já estavam um bule de chá quente, uma pilha de pãezinhos recém-assados, geleia de abricó e mirtilo, uma cesta de pão árabe, um prato de frutas frescas cortadas, um prato de frios e queijos cortados finos e, claro, uma tigela de *za'atar*. O pai costumava acrescentar uma porção extra de manjerona à mistura de ervas moídas, para que, quando chegasse à consistência pastosa perfeita para mergulhar o pão árabe, estivesse ainda mais apurado. Como sempre, nada podia ser tocado até que todos estivessem presentes. Assim que Alek se sentou, o irmão começou a comer.

— O que você quer na omelete? — perguntou o pai.

Ele estava de pé em frente ao fogão, usando um avental florido por cima do pijama, com o cabelo grisalho em cachos soltos ao redor da cabeça.

— Qualquer coisa — respondeu Alek.

O pai falou com entusiasmo:

— Bem, já coloquei tomate, espinafre e… que tal queijo?

— Eu disse *qualquer coisa* — repetiu Alek.

— Tudo bem, então — disse o pai, animado. — Queijo *chanakh*.

Alek sorriu. O pai sabia que o sal do *chanakh* fazia dele seu queijo favorito. Ele jogou uma quantidade generosa de manteiga na frigideira já aquecida e incorporou o queijo à mistura de ovos, tomates e espinafre enquanto a manteiga derretia. Assim que a manteiga derreteu, antes que começasse a queimar, ele jogou a mistura na frigideira.

Alek mergulhou o pão árabe no *za'atar*, mastigou e passou geleia em um pãozinho.

— Qual é o problema, Alek? Você não está comendo direito.

— Sabe o que meus amigos comem no café da manhã, mãe? Uma tigela de cereal e só!

— Você sabe como são *esses americanos* — sua mãe respondeu. — Não sabem nada sobre comida. Lembra quando — ela começou a falar já sem conseguir controlar a gargalhada —, lembra quando você dormiu na casa do Jason no sexto ano?

— Quando você ainda tinha amigos — sussurrou Nik, ganhando um chute de Alek por debaixo da mesa.

Alek esperava que o pai estivesse ocupado demais com a omelete para ouvir, mas ele continuou a história, como se fosse combinado.

— É, é, e os pais de Jason disseram que vocês podiam fazer panquecas

com eles na manhã seguinte! — disse o pai.

— O que aconteceu? Eu não lembro — disse Nik, embora Alek soubesse que ele só estava dando aos pais a desculpa de que precisavam para recontar a história.

— Bem — prosseguiu a mãe de Alek, contando a Nik —, Alek acordou no dia seguinte e eles foram para a cozinha. Ele estava tão animado que mal conseguia se controlar. Até a hora que os viu pegar a caixa de mistura pronta para panquecas. — Ela se dirigiu a Alek. — Você se lembra do que disse?

— Não — cortou Alek, desejando que o sofrimento acabasse.

— Eu lembro porque a mãe de Jason nos ligou naquela manhã e nos contou tudo. Você disse: "Isso não é fazer panquecas", e foi até os armários para pegar farinha, fermento e sal para fazer, *sozinho*, a massa. Depois, quando terminou, você disse: "*Isto* é fazer panquecas". — A família riu da frase final, embora Alek não visse essa hilaridade irrefutável. — E, quando chegou em casa, precisei explicar a você que, para *esses americanos*, usar mistura pronta é fazer panquecas.

Os pais de Alek usavam essa expressão, *esses americanos*, sempre que queriam criticar sem que parecesse que estavam criticando.

"*Esses americanos* têm televisão em todos os aposentos."

"*Esses americanos* acham que a hora de jantar é 17h."

"*Esses americanos* são obcecados por esportes."

E era só o começo.

Sempre que Alek tentava chamar a atenção dos pais por causa disso, eles insistiam que a expressão era meramente descritiva. Mas a entonação que davam ao falar deixava claro que, sempre que *esses americanos* faziam alguma coisa, eles não aprovavam. Alek se perguntou o que aconteceria se ele observasse que, como os pais nasceram nos Estados Unidos, eles eram tão americanos quanto *esses americanos.*

— Ah, quer saber, mãe? *Esses americanos* não acham que todas as vezes que você se senta para comer precisa comer tanto a ponto de sentir que vai explodir.

— Então você está dizendo que não quer omelete? — perguntou o pai, tirando a frigideira do fogão. O cheiro de tomate, espinafre e *chanakh* parecia chamar Alek.

— Eu não disse isso.

O pai andou até ele, deslizou a omelete da frigideira para o prato e polvilhou com açúcar, do jeito tradicional armênio.

— O que você diz agora? — perguntou a mãe, de forma incisiva.

— Valeu — murmurou Alek.

— *O que* você diz? — repetiu a mãe.

— Obrigado — respondeu Alek.

— Assim é melhor — disse a mãe. — E deseje boa sorte ao seu pai na entrevista de emprego.

— Você tem entrevista hoje? — perguntou Alek, sem acreditar, olhando para o traje de pijama com avental.

— É só à tarde — respondeu o pai na defensiva.

— Deseje sorte — repetiu a mãe de Alek.

— *Hachoghootyoon* — murmurou Alek em armênio, o que provocou um olhar de gratidão do pai e da mãe que um desejo de sorte em inglês jamais teria provocado.

— Está animado para o primeiro dia do curso de verão? — perguntou Nik ao irmão enquanto enfiava comida no corpo de varapau.

— É, acho que vai ser emocionante — respondeu Alek com sarcasmo, entre pedaços de omelete.

— Bem, minha proposta continua de pé. Se você achar difícil demais, ficarei feliz em ajudar. Você sabe, eu fui monitor da Sociedade de Honra ano passado. — Nik sorriu.

— Nik, se eu quiser vomitar, é só enfiar o dedo na goela.

— Aleksander, não fale assim à mesa do café da manhã — disse a mãe.

— Mas ele…

— Eu só ofereci ajuda — protestou Nik. — Aliás, mãe, você viu o artigo sobre Peter Balakian que saiu no *New York Times* hoje?

Todas as vezes que Nik queria distrair os pais, ele mencionava alguma coisa armênia, e todas as vezes eles caíam.

— Vi, sim, Nik. Era sobre o livro novo. — A mãe sorriu para Nik com orgulho.

— Mal posso esperar para ler. É a primeira coisa que vou comprar com o dinheiro do acampamento — disse Nik.

— Por que você não pega o meu emprestado? — perguntou o pai.

— Eu quero ter o meu para poder levar comigo quando for para a faculdade.

Alek começou a achar que ia mesmo vomitar.

— Mãe, você se importa se sairmos um pouco mais cedo? Quero causar uma boa impressão no primeiro dia — disse Nik.

— Claro que não — disse a mãe. — Ah, querido. — Ela se virou para Alek. — Quando você quer sair para comprar roupas de verão? — perguntou, com os dedos deslizando sobre o teclado do BlackBerry.

— Você podia me deixar na loja e eu faço as compras sozinho — respondeu Alek.

— Talvez ano que vem, querido — respondeu a mãe, ainda com os olhos grudados na tela do aparelho.

— No sábado, então — disse Alek, deixando os ombros penderem, derrotado.

— Mas você ia levar Nanar e eu para Nova York para podermos começar a trabalhar em nosso projeto de herança cultural — reclamou Nik, quase choramingando.

— Você tem certeza de que não dá para fazermos as compras durante a semana? — perguntou a mãe a Alek.

— Não quero me comprometer com nada sem saber exatamente qual vai ser a carga de estudos das aulas — respondeu Alek com rispidez. — Comprimir um ano inteiro em poucas semanas significa uma quantidade enorme de dever de casa, como tenho certeza de que você e a senhora

Schmidt discutiram. Claro que entendo se levar Nik e a namorada armênia à cidade for mais importante do que passar um tempo comigo. Nik tira notas melhores, afinal. Deve ser bom ter um filho do qual você pode se orgulhar.

A mãe ergueu o olhar do BlackBerry, com frustração e mágoa nos olhos. Alek sabia que tinha ido longe demais, mas, em vez de falar alguma coisa, ela só suspirou com tristeza.

— Acho que vai ter de esperar, porque vou ajudar Nik e Nanar no sábado, e no domingo temos de ir à igreja.

— Se frequentássemos uma igreja normal como *esses americanos*, não teríamos de passar três horas nos deslocando aos domingos — respondeu Alek.

— Somos armênios, Aleksander — disse o pai. — Por isso, vamos a uma igreja armênia. Ponto. Tem mais alguma coisa que você queira dizer para estragar a manhã de todo mundo?

— Não, só isso. Vocês podem me dar licença para sair da mesa? Eu gostaria de chegar na hora no meu primeiro dia de curso de verão, para poder causar uma boa impressão.

Sem esperar resposta, Alek pegou a odiada mochila verde e saiu pela porta.

******

Ao passar na entrada da Orchard Street, a caminho da escola, Alek lembrou o quanto ele e Becky riram depois de assistir a *My fair lady* no fim de semana anterior.

— *Bum dia, meu senhor* — Becky disse imitando o sotaque *cockney* de Eliza antes de se tornar uma mulher refinada.

Alek imitou o sotaque britânico incorrigível do professor.

— *Ela deveria ser enforcada pelo crime de assassinato a sangue-frio da língua inglesa!*

— *A chuva na Espanha cai com intensidade tamanha* — citou Becky.

— *Pelo rei George, ela conseguiu! Pelo rei George, ela conseguiu!* — exclamava Alek com alegria, como fez o professor quando Eliza finalmente conseguiu falar de forma correta.

Alek amava a companhia de Becky porque era fácil estar com ela. Eles passaram quase todos os finais de semana do nono ano assim. Depois de assistir a um filme, eles discutiam o que gostaram e não gostaram ou só ficavam de farra. Às vezes, ficavam sentados em um silêncio confortável bebendo Dr. Pepper diet.

Depois de descer a pequena colina na frente da escola, Alek viu que a entrada principal estava fechada para a reforma do saguão, então foi para os fundos. “Nem podemos usar a entrada de verdade”, pensou Alek. Ele se perguntou se conhecia alguém da turma.

Um grupo impressionante de incompetentes saiu dos ônibus como

formigas desorientadas. Algumas pessoas pareciam nem ter acordado direito. Outras estavam usando roupas que pareciam ter herdado de irmãos, que por sua vez herdaram de outras pessoas. Alguns adolescentes nem estavam de mochila. Alek teve a fantasia de gritar “Filhos de famílias disfuncionais, uni-vos!” e liderar essa gente tão variada em um complô contra a escola.

Os alunos não eram o único elemento surreal do curso de verão. O prédio todo parecia pouco ocupado, como se tivesse sido afetado por uma peste arrasadora. A maior parte do prédio estava fechada e as salas de aula estavam sendo pintadas, o que deixava o ar do corredor com o odor persistente da tinta. Não havia nenhum pôster de atividades para alunos pendurado nas paredes e até os menores sons ecoavam. Era como andar por uma cidade fantasma. Alek quase esperava ver bolas de mato seco rolando pelos corredores.

Ele sofreu por toda a aula de inglês com a senhora Imbrie, depois se arrastou para o refeitório. Como havia poucos alunos no curso de verão, a cozinha estava fechada e cada um tinha de levar sua comida. Ele se sentou à mesa em que costumava fazer as refeições com Becky, torcendo de forma irracional para que ela se materializasse do nada e o divertisse como fazia durante o ano letivo comum. Estava até sentindo falta das críticas que ela fazia à comida armênia que os pais inevitavelmente mandavam para ele, como o *dolma* de hoje, com *baklava* de sobremesa e uma bebida de iogurte para acompanhar. Apesar de ter certeza de que Nik exibiria aquilo tudo com orgulho, Alek daria qualquer coisa por um sanduíche de pasta de amendoim com geleia, batata Lays e uma maçã brilhante e sem gosto.

Alek conseguia ver todo o refeitório da mesa em que estava, no canto. Para sua consternação, viu o grupo de desistentes entrar e ocupar a mesa de sempre no meio do salão.

“É claro que estão todos aqui”, pensou.

Ele se virou e ficou de costas para todo o salão, olhando para o canto. O único jeito de sobreviver ao inferno do curso de verão, concluiu, era ficar de costas para tudo, não dizer nem fazer nada, até que tudo acabasse. Seria seu verão zumbi.

Quando o período truncado de almoço terminou, os alunos voltaram para as salas de aula. Alek foi até a sala onde teria aula de álgebra, no anexo, e se sentou no fundo, como fez de manhã, desejando poder se camuflar com a parede. A sala tinha um pôster do Charlie Brown olhando para uma pilha de livros com as palavras QUANTO MAIS EU SEI, MAS EU SEI O QUANTO NÃO SEI pendurado ao lado do quadro-negro. Alek pegou o livro de álgebra, abriu o caderno e afundou na cadeira. O sinal tocou e o professor se levantou e fechou a porta.

Alek só tinha ouvido falar do senhor Weedin e sua reputação de rigidez irredutível e rigorosa. Ele era um homem alto e magro que parecia uma águia de cabeça branca. Usava os óculos bem na ponta do nariz e tinha um jeito arrogante de olhar para todo mundo com superioridade. O sotaque britânico só tornava tudo pior.

— Bem-vindos a álgebra I e II. Como havia tão poucos alunos de

álgebra para o curso de verão, os administradores da escola, em sua infinita sabedoria, decidiram juntar as turmas. Vou passar a primeira parte do tempo de aula ensinando álgebra I enquanto os alunos de álgebra II podem revisar o dever de casa da noite anterior. Os alunos de álgebra I podem iniciar o dever enquanto dou a aula de álgebra II. Se vocês tiverem alguma pergunta, não hesitem em…

A porta da sala foi aberta, interrompendo o discurso ensaiado do senhor Weedin.

— E aí, *prof*?

Alek levantou o rosto e viu Ethan entrar na sala. Na mesma hora, se ajeitou na cadeira.

— Ethan Novick, não é? — perguntou o senhor Weedin, consultando a lista de alunos.

— Isso aí. Me desculpe pelo atraso. Tive permissão de sair do *campus* para almoçar e estraguei uma rodinha do skate na volta.

— Senhor Novick, seu meio de transporte não é de interesse algum para mim. Se você não passar nessa matéria, vai ter de repetir o segundo ano, e tenho certeza de que não quer isso, assim como os professores daqui não querem. — O senhor Weedin se virou para toda a turma. — Como cada aula do curso de verão equivale a uma semana de trabalho, qualquer pessoa que matar aula sem justificativa vai repetir a matéria. Ponto. E três atrasos contam como uma falta. — Ele se voltou para Ethan novamente. — Assim, senhor Novick, para o seu bem, assim como para o meu, seja mais responsável no futuro, porque, se você se atrasar mais duas vezes, vai repetir.

— Beleza, *prof* — respondeu Ethan.

Ele seguiu para o fundo da sala. Alek reparou que o lábio inferior dele estava inchado e se perguntou se seria resquício da briga com Jack no último dia de aula. Ethan jogou a mochila na cadeira vazia ao lado de Alek e se sentou. Alek desviou o olhar rapidamente. Queria agradecer por Ethan ter interferido, mas nem sabia se o garoto se lembrava dele.

— Alunos de álgebra I, vamos começar com os números inteiros. Abram o livro no primeiro capítulo. Turma, preste atenção nas carteiras onde estão, vão ser suas carteiras pelo resto do verão — disse o senhor Weedin.

Alek achou que conseguiria se desligar e esperar o verão passar. Mas, com Ethan sentado tão perto, era difícil se concentrar em qualquer coisa. Alek abriu o livro de álgebra no primeiro capítulo. Achava que, se virasse o corpo meio de lado e inclinasse o livro do jeito certo, conseguiria fazer parecer que estava lendo sobre os números inteiros enquanto apreciava uma visão perfeita de Ethan.

5

— Chegou! Chegou! — Becky gritava com alegria enquanto atacava uma caixa de papelão comum que fora entregue na casa dela mais cedo.

A primeira semana do curso de verão tinha finalmente acabado e Alek estava se permitindo uma noite na casa de Becky vendo filmes.

— O quê?

— *O livro de receitas do cinema*! É uma coleção de receitas de comidas feitas em vários filmes: *Assassinato em Gosford Park*, *A grande noite*, *A festa de Babette* e *Adivinhe quem vem para jantar*! Eu achei que fosse chegar só na semana que vem.

O pacote estava destruído ao redor de Becky, que folheava o livro com carinho.

— Você não acha que passa tempo demais obcecada por filmes?

— Ah, o que mais vou fazer? Viver minha vida? Eu prefiro ver gente bonita e bem-vestida fazendo isso por mim.

Becky correu escada abaixo até o porão, onde ficava a televisão com *home theather*. Alek foi atrás. Os pais de Becky não haviam reformado todo o porão, então metade dele ainda parecia um espaço de trabalho industrial.

— Onde estão seus pais? — perguntou Alek.

— Em uma conferência. Em algum lugar da Suíça, acho.

— E deixaram você sozinha?

— Claro. Falei para eles que, se tenho idade para ser *baby-sitter*, tenho idade para não precisar de *baby-sitter*. Além do mais, o que eu vou fazer? Dar uma festa cheia de bebidas alcoólicas e convidar a galera dos instrumentos de sopro?

— Faz sentido.

A maioria dos outros amigos de Becky, como Mandy e Suzie, era formada por colegas da banda. Mas, quando todos decidiram ir ao acampamento juntos no verão, Becky se recusou até a pensar na ideia, pois disse que era clichê demais. Alek admirava Becky, que, ao contrário da maioria das garotas de sua idade, ficava feliz em fazer suas próprias coisas, mesmo que isso significasse ficar em casa assistindo a filmes e passando o dia andando sozinha de patins.

Becky e Alek se sentaram no sofá no meio da sala, de frente para a televisão de tela plana.

— O que vamos ver hoje? — perguntou Alek.

— *Adivinhe quem vem para jantar*. É com Spencer Tracy e Katharine Hepburn. E, claro, Sidney Poitier.

— Sobre o que é esse filme?

Becky fez um som chocado.

— Você está falando sério?

— Nem todos são obcecados por filmes antigos, sabe.

— Me preocupo com o que seria de você sem mim — disse Becky. Ela se inclinou para a frente e começou a explicar o enredo, como se a vida de Alek dependesse disso. — Spencer Tracy e Katharine Hepburn fazem o papel de pais liberais de classe alta e a filha chega de férias acompanhada de um médico negro incrível feito pelo maravilhoso Sidney Poitier, e fala: "Acabamos de nos conhecer, mas vamos nos casar". Os pais dela a criaram para que fosse uma pessoa de mente aberta e tudo, mas, quando encaram a ideia de a filha se casar com um homem de cor, eles surtam. O filme é sobre as diferenças entre o que você acredita e a realidade. E, principalmente, a importância de um bom jantar.

— Então você já viu?

— Claro que vi. Por acaso eu pareço otária?

— Claro que não. Você sabe que é a garota mais bacana de South Windsor High.

Becky jogou o cabelo para trás de um jeito provocativo, debochado.

— Eu sei, todos os caras do time de futebol americano querem me convidar para sair — disse ela. — Mas estou ocupada demais saindo com o pessoal do time de futebol para ter tempo para eles. Você me acha vagabunda?

— Hum, não sei, mas você devia ler o que escrevem sobre você no banheiro masculino. Dizem que você é fácil.

— Ah, meu Deus! Não! Não acredito! Isso é tão humilhante! Todos os caras com quem dormi prometeram que não iam dizer nada! Isso vai acabar com a minha reputação. E, aí, papai não vai comprar para mim aquele BMW conversível com estofamento de couro marrom! — Becky apertou os olhos e fingiu que estava chorando. De repente, parou de encenar e se virou para Alek. — Podemos ver o filme agora?

Duas horas depois, os créditos finais rolaram na TV, e Becky colocou a cabeça no colo de Alek. Ela tinha começado a chorar perto do fim do filme, e o gotejar de lágrimas virou um rio na cena final, quando o personagem de Spencer Tracy fez o discurso sobre os obstáculos que um casal inter-racial enfrentaria, mas ressaltou que o fato de eles estarem apaixonados fazia com que devessem se casar de qualquer modo.

— É tão lindo. Não consigo aguentar a beleza disso — chorou Becky.

— Está tudo bem. É só um filme — disse Alek de forma tranquilizadora, passando os dedos pelo cabelo castanho e reparando que estava menos ondulado do que o habitual.

Becky era a primeira amiga de verdade que Alek tinha e que era garota, e ele ficou surpreso com o quanto eles foram ficando à vontade fisicamente

um com o outro ao longo do ano anterior. Becky ajeitou a cabeça no colo de Alek, e ele continuou fazendo carinho no cabelo dela.

Lentamente, Becky parou de chorar. Ela foi ao banheiro, assoou o nariz algumas vezes, lavou o rosto e voltou com o nariz e os olhos ainda inchados.

— E como está o curso de verão? Você não me contou nada.

Alek sentiu o rosto ficar vermelho. Becky sabia o quanto ele estava chateado por ter de fazer o curso de verão, mas não sabia que agora ele ficava ansioso para ir à aula. Principalmente a de álgebra.

— O curso de verão é idiota e as pessoas que estão lá são idiotas — disse Alek.

— Mas por que você não ficou na turma comum? Aí você não ia precisar passar o verão enfiado na escola.

— Não é assim que as coisas funcionam na minha casa. Tem um monte de coisas que acontecem só pelo fato de eu ser armênio. Por exemplo, só se vai à Igreja Ortodoxa Armênia, mesmo que isso queira dizer passar uma hora e meia no carro *para ir* e mais uma hora e meia *para voltar*. Xadrez e música clássica? Você tem de gostar das duas coisas, e nunca, nunca comer em restaurante turco nem comprar roupas feitas na Turquia.

— Por que essa coisa toda antiturca? — perguntou Becky. — Parece preconceito.

— Você acha que seria preconceito se os índios americanos ficassem com raiva dos colonizadores por matarem o povo deles e roubar sua terra? — perguntou Alek com um tom acalorado. — Ou se os judeus tivessem problema com os nazistas que cometeram o holocausto?

— Não, mas… — disse Becky.

— Foi exatamente isso que os turcos fizeram com os armênios antes e ao longo da Primeira Guerra Mundial. E o governo turco nem admite. Uma coisa seria se eles estivessem realojando armênios sem lar, construindo memoriais ou devolvendo nossa terra. Mas eles fingem que não aconteceu. "Baixas de guerra" é o que eles alegam. Mas baixas de guerra, em teoria, são do lado inimigo, não porque o governo do país em que você vive obriga seu povo a fazer marchas mortais pelo deserto.

— Tudo bem, Alek, caramba. Foi só uma pergunta.

Alek abriu os punhos lentamente, não tinha percebido que os tinha fechado.

— Lembra quando seus pais liam histórias quando você era criança?

— Claro — disse Becky.

— Esta era uma das favoritas da hora de dormir na casa dos Khederian.

Ele fechou os olhos e recitou:

Se por acaso não aguentarmos
essa luta injusta e, esgotados
de força e sofrendo,
cairmos no chão da morte para nunca levantar,
e o grande crime acabar
com os últimos olhos armênios
se fechando sem ver um dia de vitória,

juremos que quando encontrarmos
Deus no paraíso oferecendo consolo
para compensar nossa dor,
juremos que vamos recusar
dizendo Não, mande-nos para o inferno de novo.
Nós escolhemos o inferno. Você nos fez conhecê-lo bem.
Guarde seu paraíso para os turcos.

— O que é isso? — perguntou Becky.

— "Diremos a Deus". Foi escrito por Vahan Tekeyan, um poeta armênio muito famoso. São os últimos versos que me abalam: "Nós escolhemos o inferno. Você nos fez conhecê-lo bem./Guarde seu paraíso para os turcos". Era o que meus pais liam para mim enquanto você ouvia Branca de Neve ou a porcaria da Pequena Sereia.

— Cara, isso é muito doido — disse Becky.

— Nem me fale. Mas eles não conseguem evitar. Nem eu. Somos aquilo que fomos criados para ser. — Até aquele momento, Alek achava que essas coisas armênias eram importantes para os pais e para Nik, mas não para ele. — Como foi que começamos a falar disso?

— Você estava defendendo as políticas abertamente racistas dos armênios — lembrou Becky.

— Isso mesmo. Bem, fora essa coisa dos turcos, a segunda coisa mais importante é ir bem na escola.

— Tudo isso me parece intenso demais. Eu tirei C em história e em educação física ano passado e meus pais só me mandaram me esforçar mais no ano seguinte. E aquela vez que matei aula para patinar no parque eles só disseram: "Avise da próxima vez para podermos mandar um bilhete para a escola".

— Isso é totalmente incompreensível para mim. Se eu matasse aula, meus pais surtariam.

— Pelo menos eles não obrigaram você a arrumar um emprego de verão.

Alek colocou os pés para cima.

— Ah, é. Como estão as coisas no DQ?

— Achei que ia ser divertido. Me enganei redondamente. A gerente, Laurie, é um rinoceronte. Ela fica com raiva quando algum amigo de funcionários aparece para uma visita, mas eu digo o seguinte: "Pelo menos eles estão atraindo clientes para essa loja patética. E daí se querem conversar um pouco?" E os clientes… nem me pergunte. Sabe aquele ditado: "Quando o inferno congelar"? É o Dairy Queen.

— Por que você não pede demissão?

— Já falei, eu preciso do dinheiro para pagar o acampamento. E decidi que preciso de um par de patins novo, meus Activas não estão mais bons. Além do mais, você sabe o quanto é difícil uma garota de 14 anos conseguir emprego? Principalmente depois que o verão começou e todos os lugares já contrataram?

— Becky, quero fazer uma pergunta.

— Manda.

— Já teve alguma coisa que você queria fazer, mas ficou com medo?

— Não sei — ela respondeu, com expressão confusa. — De que você está falando?

Alek passou a semana toda tentando agradecer Ethan por interceder por ele no estacionamento, mas não conseguiu encontrar um jeito de fazer isso.

— Bem, eu estou tentando reunir coragem para fazer uma coisa, mas todas as vezes eu amarelo no último minuto.

Becky inclinou a cabeça e olhou para Alek por alguns momentos.

— Se você quer fazer uma coisa, precisa confiar nos seus instintos e fazer — afirmou, com segurança, apertando os olhos como se estivesse acertando o foco da visão. Ela se sentou ao lado de Alek no sofá. — Porque nunca se sabe o que vai acontecer.

Alek esperou que ela dissesse mais alguma coisa; porém, como isso não aconteceu, ele limpou a garganta alto. Mas ela apenas continuou sentada, de olhos fechados.

— Becky, está ficando tarde e preciso começar o dever de casa. Nos vemos qualquer hora dessas, tá?

Becky abriu os olhos rapidamente, como se tivesse acabado de acordar.

— Tá, tudo bem. Vamos arrumar tempo quando eu não estiver servindo sorvete.

******

Alek nunca acordava cedo aos sábados, mas abriu uma exceção no dia seguinte porque queria exibir a primeira prova para os pais. O senhor Weedin tinha devolvido as provas corrigidas no dia anterior. A cada aluno que ele entregava a prova com a nota fazia um comentário alto o suficiente para que a sala toda soubesse como você foi. Por exemplo, quando entregou a prova de Emily Fink, ele disse decepcionado:

— Emily, eu recomendaria que você estudasse da próxima vez. Funciona que é uma beleza.

A Ethan, o senhor Weedin disse:

— No máximo, medíocre, senhor Novick.

Mas, quando chegou a Alek, seu rosto quase relaxou.

— Muito bem, senhor Khederian. Muito bem mesmo.

Alek ficou segurando a prova com um grande 93 escrito em vermelho e marcado com um círculo ao redor, esperando que os pais acordassem. Queria ter mostrado quando voltou da casa de Becky na noite anterior, mas eles já estavam dormindo. Duas horas de desenhos na televisão depois, ele os ouviu se mexendo no andar de cima. Subiu a escada até o quarto deles e colocou o ouvido na porta para ter certeza de que estavam mesmo acordados. Torcia para que eles ficassem tão impressionados com a prova a ponto de o convidarem para ir a Nova York com Nik e Nanar, e talvez o deixarem em

algum lugar enquanto eles faziam a pesquisa para o projeto de herança cultural.

— Boghos, sinto que estou no meu limite com ele.

— Ele não foi reprovado na escola, Kadarine.

— Não estou falando do curso de verão. Estou falando de tudo. Onde está o garotinho doce que criamos? Nesse último ano o comportamento dele anda… inquieto.

— Tem sido uma época difícil para todos nós, Kada. Com você tendo de voltar a trabalhar em tempo integral e eu, bem…

— Querido, sei que você vai encontrar outro emprego em breve.

— Só quero dizer que tem sido difícil para todos nós e que vamos superar. Alek não é exceção. Além do mais, ele é adolescente. É assim que eles se comportam.

— Nik não…

— Nik *ainda* não. Mas quem sabe como vai ficar ano que vem, ou quando for para a faculdade?

— Não me olhe assim, Boghos. Fizemos um bom trabalho na criação dos nossos filhos. Para que dediquei anos da minha vida criando e passando um tempo com meus filhos se eles vão se comportar como *essas crianças americanas* que foram criadas por babás e creches?

Alek não podia mais ouvir. Afastou-se na ponta dos pés até seu quarto e fechou a porta em silêncio. Largou a prova na lixeira debaixo da escrivaninha. Ficou rememorando as palavras da mãe na cabeça, e cada vez elas doíam mais.

******

Alek ficou no quarto por algumas horas. A mãe havia escolhido um verde-musgo para pintar as paredes e um *kit* complementar de carvalho claro como mobília. Alek queria que as paredes fossem pintadas de uma cor mais ousada, como laranja, mas achava que, se sua mãe ainda não o deixava comprar as próprias roupas, não fazia sentido pedir para mudar a cor do quarto. Estava deitado na cama dando uma olhada na matéria de álgebra da semana seguinte quando ouviu o pai bater na porta.

— O que foi, pai? — gritou ele.

O pai abriu a porta e se inclinou para dentro.

— Eu queria que você me chamasse de *hairik*.

— E eu queria que você me chamasse de Vossa Excelência.

Alek tinha parado de usar as palavras armênias para *pai* e *mãe* anos antes e não tinha intenção nenhuma de voltar.

— Vou fazer *sarma*. Quer vir ver?

— Por que você não me ensina a fazer?

— Em breve, Alek. Em breve, mas ainda não.

Como todos os Khederian desde o começo dos tempos, Nik esperou até

os 16 anos para ter a honra de aprender a antiga arte armênia de enrolar folhas de uva. Assim, apesar de ser o prato favorito de Alek, até ele fazer 16 anos e os pais decidirem que ele estava pronto, ele tinha de aceitar só olhar o pai preparar.

— Claro — respondeu Alek.

O pai se virou, e Alek foi atrás dele até a cozinha.

— Como foi a entrevista de emprego? — perguntou com cautela.

— Bem, eu achei que tinha ido bem, mas como não tive notícias até agora… — o pai parou de falar.

Desde que o pai fora demitido da empresa de arquitetura no ano anterior, Alek tinha passado mais tempo com ele do que todo o resto da vida. Não que o pai estivesse totalmente ausente das primeiras lembranças, mas a presença dele tinha sido periférica, mais como uma figura parcial ao fundo de uma foto.

Alek seguiu o pai até a cozinha, o orgulho de todos os lares armênios. A geladeira reluzente de aço inoxidável e a máquina de lavar louça combinando haviam sido instaladas semanas antes de o pai ser despedido, e Alek sabia que, assim que eles tivessem dinheiro, planejavam trocar os armários para uns de cerejeira e a bancada para uma de granito.

O pai começou a separar os ingredientes do *sarma* e Alek sentou à mesa da cozinha.

— Alek, você quer conversar comigo sobre alguma coisa?

Alek sentiu um peso no estômago, como se tivesse sido atraído para uma armadilha.

— O que você quer dizer?

— Só quero que você saiba que pode me contar qualquer coisa.

— Eu sei.

— Se houver alguma coisa errada, como com garotas e até mesmo drogas ou sexo…

— Ah, meu Deus, pai, não tem nada errado, tá? — Alek sentiu o rosto ficar vermelho. — Achei que você ia me mostrar como se faz *sarma*, não ter uma conversa dessas, porque até meu dever de álgebra é mais interessante do que isso.

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem — disse o pai, igualmente aliviado por mudar de assunto. Ele se juntou a Alek à mesa e começou a preparar o prato armênio. — Vou mostrar como pegar isso sem rasgar.

Ele tirou com cuidado as folhas de uva do vidro, desdobrou e as separou. Elas eram escuras e finas, com veios descendo pelo comprimento, como uma mão humana.

— É melhor usar essas folhas da Califórnia porque elas são mais firmes do que as gregas. Mesmo assim, o truque é mexer com muito cuidado. Como se, se você dissesse a coisa errada, elas fossem voltar correndo para o quarto — brincou o pai.

Alek sorriu. Outros pais podem jogar *softball* com os filhos ou levá-los para brincar na quadra de tênis. Mas seus momentos de qualidade com o pai envolviam um deboche delicado enquanto aprendia a fazer pratos armênios.

— Agora, eu uso a tesoura para cortar o cabinho embaixo.

O pai de Alek mostrou como fazer o recheio das folhas, uma mistura de arroz, cordeiro, temperos, tomate, pimentão vermelho, salsa picada e azeite. Em seguida, colocou colheradas do recheio sobre as folhas esticadas e demonstrou como dobrar e enrolar para criar um embrulhinho perfeito e delicioso.

— Agora, coloco delicadamente na panela.

— Por que você sempre usa a mesma panela quando faz *sarma*?

— Essa era a panela que minha mãe usava para fazer *sarma*, e que, quando casei, ela nos deu. Está vendo como é larga? Por causa da forma de cozimento do *sarma*, você precisa de uma panela larga, não funda.

Depois de alguns minutos trabalhando em silêncio, o pai de Alek tentou uma tática nova.

— Sei que sua mãe não tem passado muito tempo em casa, mas tente ser compreensivo com ela.

— Eu sou, pai. É ela que… No que me diz respeito, quem está estragando tudo é ela.

— Está vendo, Alek, esse jeito como você está falando agora. É esse o tipo de homem que você quer ser?

Alek sabia que só havia uma resposta certa para aquela pergunta.

— Não, pai.

— Apenas lembre-se: esta é a primeira vez que ela trabalha em período integral desde que Nik nasceu. E a maior parte das pessoas das Nações Unidas da época em que ela trabalhou lá já saiu, então ela tem novos colegas e vive com medo de ninguém levá-la a sério. Assim, sempre que alguém do escritório precisa ficar até tarde ou trabalhar no fim de semana, ela se oferece, para mostrar que é dedicada.

Alek não disse nada. Só continuou olhando o pai desenrolar, cortar, rechear e enrolar.

— Mas, mais do que o trabalho, a família é a coisa mais importante para ela. Como para mim. E, agora, está na hora de darmos apoio a ela, do jeito que ela sempre nos apoiou, certo?

Alek não sabia por que o jeito de o pai falar com ele o fazia ter vontade de morrer.

— Certo, pai — murmurou ele.

— E, talvez, nós possamos ir à cidade em breve. Tem uma exposição de Rodin no Met. Parece interessante?

Alek murmurou de novo:

— Sim, pai.

O pai continuou trabalhando em um silêncio agradável. Finalmente, quando todas as folhas de uva estavam recheadas, enroladas e arrumadas na grande panela, ele cobriu com água quente até a metade e deixou ferver.

— Agora, deixamos cozinhar até ficar pronto. Às vezes, acrescentamos extrato de tomate no meio do cozimento para dar um sabor diferente.

— É assim que eu gosto.

— Eu sei. Quinze minutos antes de ficar pronto, você que vai colocar o

extrato de tomate.

Alek assentiu, reconhecendo com gratidão esse pequeno passo na jornada de aprender a fazer *sarma* sozinho.

— Pai, quanto tempo fica cozinhando?

— O suficiente.

— E quanto de extrato de tomate devo colocar?

— Não muito.

Alek revirou os olhos. Ele se perguntou se existiam livros de culinária armênia no mundo ou se todas as receitas tinham de ser aprendidas assim.

6

Quatro dias depois, na escola, Alek afastou o olhar do quadro-negro e concentrou-se no livro de álgebra. Seus lábios estavam inexplicavelmente secos e ele desejou ter um protetor labial para não precisar ficar umedecendo a boca com a língua em intervalos curtos, como um bebê com sede.

O senhor Weedin decidiu terminar a aula mandando alguns alunos de álgebra II resolverem uma série de problemas no quadro. Os alunos de álgebra I tinham de fazer o dever, mas Alek só conseguia ficar tentando não olhar para Ethan.

Os outros alunos já tinham terminado os problemas, mas Ethan ainda estava fazendo o dele. Alek copiou a equação de Ethan no caderno e começou a trabalhar nela. Mas, cada vez que tentava, alguma coisa dava errado. Depois de algumas tentativas malsucedidas, Alek levantou a mão.

— Senhor Khederian, sua dúvida é sobre o dever de álgebra I? — perguntou o senhor Weedin. — Como você sabe, esta é a parte da aula dedicada à álgebra II, e prefiro concentrar minha atenção nesses alunos.

— Na verdade, senhor Weedin, não pude deixar de reparar no problema de Eth… no problema do lado esquerdo do quadro. Do jeito que está, é impossível de resolver.

— É mesmo, Alek?

— É sim, senhor Weedin. Mas, se o senhor trocar a segunda variável de negativo para positivo, que é como eu acho que deveria ser, aí o problema faz sentido.

Os alunos de álgebra I ergueram o rosto do dever e os mais velhos, de álgebra II, voltaram a atenção do quadro para Alek. Era a primeira vez que ele falava na sala. Além do mais, o senhor Weedin tinha reputação de ser meticuloso, de negar qualquer pedido de aumento de prazo e de nunca cometer erros. Desafiá-lo era algo significativo.

O senhor Weedin olhou para Alek por um momento, depois para o problema no quadro, depois para suas anotações. O silêncio fez o tempo andar mais devagar. Como que em transe, a turma ficou paralisada enquanto o senhor Weedin verificava as anotações e fazia um som de estalos arrítmicos.

Depois de algum tempo, o senhor Weedin limpou a garganta.

— Parece que você está certo, senhor Khederian.

A turma suspirou ao mesmo tempo.

— Não tem problema, *prof*. Sei que você vai acertar na próxima — Ethan sorriu.

O senhor Weedin se aproximou do quadro um pouco constrangido, fez a mudança necessária, e Ethan resolveu o problema com um floreio.

Alek desviou o olhar de propósito quando Ethan voltou para o lugar. Ele pensou ter visto Ethan se inclinar na direção dele depois de se sentar, como se fosse dizer alguma coisa, mas o sinal tocou e Alek pegou a mochila e saiu correndo da sala.

Depois do triunfo em álgebra, Alek caminhou de volta para casa com uma leveza que não havia sentido ao longo de todo o ano letivo. Estava com vontade de compartilhar a vitória com alguém. Mas não podia contar aos pais, porque eles o acusariam de desrespeito ao professor. E também não ia contar a Nik, que só encontraria um jeito de usar a história para diminuí-lo.

Alek viu a Orchard Street ao longe. Não falava com a amiga desde aquela noite estranha de sexta, quando tentou pedir um conselho sobre Ethan. Ele chegou ao cruzamento e parou, pensando no que fazer. "Às vezes", concluiu ele, "o jeito mais fácil de fazer uma coisa é seguindo em frente". Ele entrou na rua e caminhou por dois quarteirões, até a casa de Becky.

Depois de tocar a campainha duas vezes, Alek ouviu os passos de Becky pela casa. Um momento depois, ela abriu a porta.

— Ah, oi, Alek. Você, tipo, não ligou. Eu não sabia que você estava, é..., que você estava vindo. — Becky falava se mexendo, desconfortável e evitando contato visual com o amigo. — A gente combinou alguma coisa?

— Desde quando eu preciso telefonar antes de vir para cá? — perguntou Alek. — Quero contar uma coisa.

— O quê?

Becky estava parada na porta, examinando a maçaneta como se fosse um artefato antigo.

— Você não vai me convidar para entrar?

— Você por acaso é vampiro? — respondeu Becky.

Alek encarou a piada como bom sinal. Entrou e largou a mochila em um canto. Os pais de Becky se conheceram trabalhando no mesmo laboratório perto de Princeton. Agora, o trabalho os levava para várias partes do mundo, e eles decoravam a casa com objetos que encontravam quando viajavam para convenções internacionais. Uma tapeçaria tecida à mão da Costa do Marfim, com imagens de animais pastando em um oásis, decorava a parede acima de um sofá moderno sem encosto. Um samovar russo, que Becky explicou ser um bule antiquado, ficava dentro de um armário japonês, ao lado de um conjunto clássico de xícara e pires de prata que, segundo o que os pais dela disseram a Alek, era do período do movimento *Arts and Crafts*.

Alek seguiu para a escada que levava ao porão.

— Encontro você lá embaixo em um segundo, tá? — disse Becky.

Alek pegou duas Dr. Pepper diet na pequena geladeira do porão. Becky adorava tanto esse refrigerante que às vezes ela tomava uma lata no caminho

da escola, de manhã. Os pais tentaram limitar o consumo, então Becky passou a esconder latas no quarto para poder tomar quando quisesse. Para Alek, Dr. Pepper diet tinha gosto do porão de Becky.

Alek assumiu a posição de sempre no sofá: à direita, com os pés apoiados na mesinha. Alguns minutos depois, Becky desceu e se sentou ao lado dele também na posição de sempre: com os pés cruzados sobre o sofá, o corpo aconchegado no canto entre a almofada de encosto e o apoio de braço. Alek reparou que ela tinha penteado o cabelo e tirado as meias.

— E aí, me conte o que está rolando — perguntou Becky com cautela, como se fosse Alek que tivesse agido como maluco na última vez que eles se viram.

Alek contou toda a história da aula de álgebra, desde o momento em que reparou no erro no quadro até o fato de que o sinal tocou no exato momento que o incidente acabou. Ele contou devagar, torcendo para que, ao fingir que as coisas estavam normais entre eles, as coisas *ficassem* normais entre eles. Ele até imitou o sotaque britânico do senhor Weedin, pois sabia que Becky ia morrer de rir.

— Ele parece Henry Higgins, de *My fair lady*! — disse Becky.

— Foi exatamente o que pensei!

— E isso tudo aconteceu hoje?

— Foi. Enquanto estava voltando para casa, passei pela sua rua e achei que não tinha nenhuma outra pessoa no mundo a quem eu quisesse contar isso tanto quanto você.

Becky arregalou os olhos.

— É mesmo?

— Claro, Becky. Acho que uma coisa não vale até eu ter contado a você. Esses últimos dias me fizeram perceber o quanto sinto sua falta e o quanto você é importante para mim.

Então ela se inclinou e o beijou.

Não foi um beijinho de amigos, um estalo na bochecha porque "brigamos e agora estamos fazendo as pazes". Foi um beijo na boca. Durou alguns segundos, até que Becky se afastou. O rosto dela ainda estava perto demais do de Alek, e ele ficou vesgo ao olhar para ela. Os olhos dela estavam arregalados. Alek nunca os tinha visto tão enlouquecidos.

Alek não sabia o que fazer, então ficou ali, sentado. Não teve a intenção de ser encorajador, mas deve ter sido assim que Becky interpretou, pois ela se inclinou novamente. Antes que pudesse tocar a boca dele, Alek levantou as mãos. Ele sabia que não podia beijá-la de novo.

— Não.

Becky recuou imediatamente, como se ele a tivesse empurrado. A empolgação sumiu dos olhos dela e seu corpo ficou rígido.

— Eu achei que você quisesse…

Alek tentou escolher as palavras com cuidado.

— Não sei... se isso... é uma boa ideia.

A expressão de Becky endureceu.

— Olha, Alek, acho que você precisa entender o que está acontecendo

aqui. Semana passada você me perguntou se eu já tinha feito uma coisa que me dava medo. Depois, me deixou de lado por uma semana e agora aparece e me diz o quanto sou importante para você… — Os olhos de Becky se encheram de lágrimas. — Por que você está fazendo isso comigo?

— Não estou fazendo nada! Eu juro! — Alek não conseguia entender o que estava acontecendo. — Achei que íamos fazer as pazes, não ficar! — Ele podia sentir o gosto do *gloss* de menta de Becky nos lábios. Não conseguia acreditar que poucos minutos antes suas bocas haviam se tocado. — Você é minha melhor amiga e é importante para mim…

— Acho melhor você ir embora — disse Becky, afastando o olhar. Ele podia ver que ela estava fazendo força para impedir que as lágrimas escorressem.

— Mas…

— Alek. Vá.

Ele nunca a ouvira falar com tanta determinação. Nem no inverno anterior, quando o avô dela morreu, ela pareceu tão chateada. Becky se levantou e saiu correndo do porão. Ele pôde ouvi-la no andar de cima, depois subindo a escada para o segundo andar da casa. Alek ficou sentado por um momento, sem saber o que fazer. Despejou o resto da bebida na pia e jogou a lata no cesto de reciclagem dos Boyce. Subiu ao térreo com a intenção de ir até o quarto de Becky e bater na porta até ela deixá-lo entrar. Mas viu que ela tinha pendurado a mochila dele na maçaneta da porta da frente. Ele entendeu o recado.

E cuidou para que a porta se trancasse ao sair.

******

No dia seguinte, no almoço, Alek concluiu que o refeitório era o lugar que ele mais odiava no mundo. A iluminação fluorescente implacável dava a tudo um tom esverdeado e, mesmo sem a comida horrível da escola sendo servida, o lugar ainda cheirava a meias molhadas. Pelo menos durante o ano letivo, ele tinha Becky com quem se sentar e discutir os detalhes da vida deles. Mas aquele beijo havia mudado tudo.

Alek não sabia por que tinha ficado tão nervoso. Ele já havia beijado garotas. Talvez não recentemente, mas isso porque todas as garotas queriam namorar garotos mais velhos, e as garotas mais velhas nem olhavam para os garotos do nono ano. Nos anos anteriores, ele teve duas namoradas: Gail, no sétimo ano; e Linsay, no oitavo. Ele beijou Gail algumas vezes e deu uns amassos bem sérios em Linsay depois do baile de primavera. Ele ainda se lembrava do cheiro dela naquela noite, um aroma de flores e suor.

Quando seus pais decidiram que ele não podia fazer os testes para a equipe de tênis, Alek prometeu a si mesmo que ia treinar todos os dias, de qualquer jeito. Não cumpriu a promessa de forma tão religiosa quanto pretendia, mas com alguma frequência jogava sozinho batendo a bola nas

paredes das quadras de basquete, e até convenceu Jason ou Matthew a jogar um pouco com ele. Ele sentia tanta falta do tênis que criava oportunidades de ter o esporte na sua vida.

Mas não era isso que sentia com relação a beijar garotas. Não era uma coisa sobre a qual ele ficava pensando durante as aulas. E, quando se perguntava por quê, não conseguia chegar a uma boa resposta. Provavelmente, como todo o resto, era efeito colateral da infelicidade que sentiu no nono ano. Quando a escola deixasse de ser um inferno na Terra, Alek achava que voltaria a namorar.

— O que você está comendo, cara? Essa merda cheira bem.

Alek ergueu o rosto e viu Ethan do outro lado da mesa do refeitório, com os olhos azuis observando-o intensamente. O coração de Alek disparou.

— O quê? — disse ele, engasgando um pouco.

— Eu perguntei o que você está comendo. Não é um sanduíche.

Alek queria morrer. Finalmente Ethan estava falando com ele, e a primeira coisa sobre a qual eles iam conversar era a comida esquisita que os pais faziam.

— Isso é queijo trançado armênio — disse Alek, pegando uma trança comprida de queijo branco com pontinhos pretos.

— É tipo queijo Polly-O?

— Hum, mais ou menos. A gente abre assim.

Alek demonstrou, puxando uma tira de queijo pelo comprimento em espiral. Ficou feliz de ter uma coisa para fazer.

— E esses trecos pretos, o que são?

— Os pontinhos? Especiarias. Deixam o sabor mais picante.

— Quero ver.

Ethan pegou uma lanterninha miniatura que ficava presa a uma das correntes penduradas na bermuda cargo de cintura baixa e usou-a para examinar o queijo.

— Você anda por aí prevenido, hein? — observou Alek.

— Joalheiros usam essas lanternas para inspecionar diamantes. São perfeitas para boates, onde é escuro mas você precisa enxergar. Entende?

Alek assentiu com conhecimento, apesar de nunca ter ido a uma boate.

— E, o mais importante — prosseguiu Ethan —, ela é perfeita para investigar pontinhos não identificados no queijo. Posso experimentar? — perguntou, sério.

— Manda ver — respondeu Alek, com um nível similar de seriedade.

Depois de algumas tentativas, Ethan pegou o jeito para soltar o queijo.

— O gosto é ótimo, cara. Bem melhor do que a porcaria de queijo fatiado que meu pai compra no supermercado.

Alek sentiu uma onda de gratidão por todos, desde o pai, que preparou o almoço do dia, aos armênios, que inventaram aquele queijo.

— Cara, eu só queria agradecer por me ajudar com aquele pepino.

— O quê?

— Você sabe, aquele pepino. Quer dizer… — Ethan procurou a explicação. — Quer dizer, você me fez um favor, e eu queria agradecer por

isso. Se eu dissesse: “Alek vai ganhar um valeu por me resolver o pepino na aula de *mat* do senhor W.”, isso quer dizer “obrigado”. *Capisce?*

— *Capi* o quê?

— *Capisce*. É como o pessoal da máfia diz “sacou?” — Ethan olhou para Alek com surpresa. — Você não assiste TV?

— Meus pais só me deixam assistir meia hora por dia.

— O quê?

— É. Eles acham que a televisão apodrece a mente das pessoas deste país.

— E o que você faz?

— Ah, eu jogava tênis. E também vou ao cinema.

— Seus pais não acham que o cinema apodrece a mente das pessoas deste país?

— Devem achar, mas pelo menos assim eu saio de casa.

Ethan riu. Alek não conseguia acreditar na rapidez com que Ethan passou de um desistente de quem era impossível se aproximar a alguém com quem dava para conversar.

— De qualquer modo, cara, obrigado. Se eu não passar em álgebra, vão me fazer repetir de ano, e isso não vai me deixar bem com meu pai, entende?

— Entendo — respondeu Alek, dando corda.

— E obrigado pelo queijo, Polly-O.

— Não é Polly-O. Meus pais nunca comprariam Polly-O.

— Não, bobo. É assim que vou chamar você de agora em diante. Porque, assim como o queijo trançado, você é muito tenso.

O coração de Alek despencou com a descrição.

— Mas você também tem pontinhos que dão sabor. — Ethan piscou.

E seu coração flutuou de novo.

— Fica na paz, Polly-O.

Ethan voltou para sua mesa de sempre. Alek conseguia ver o elástico da cueca de Ethan aparecendo por fora da cintura da bermuda, quase como se a palavra 2(X)IST em roxo estivesse piscando para Alek e para qualquer pessoa ousada o bastante para olhar. Ao observar seu short jeans, Alek não conseguia se imaginar vestindo uma bermuda com a cintura tão baixa, principalmente depois que o código de vestuário do diretor Saunder proibiu. Durante o ano letivo, Ethan talvez fosse até suspenso, mas tudo era mais tranquilo no verão.

******

Quando estava indo à escola, cinco dias depois, Alek se segurou ao passar pela rua de Becky. Não que achasse que ela o estaria esperando nem nada, mas ver a Orchard Street o fazia lembrar que ele e Becky ainda não tinham se falado, e ele sabia que, quanto mais tempo passasse, mais difícil seria. Alek achava que podia tê-la procurado, mas como foi ela quem o expulsou da casa

dela não a mataria dar o primeiro passo.

Chegando perto da estação de trem decidiu correr o risco de um atraso de alguns minutos na aula de inglês para poder observar o trem das 8h17 a caminho da cidade. Ele correu pela escada até a plataforma.

— Olha só, Polly-O! — Ele ouviu uma voz familiar gritar do outro lado.

Ethan! Ele estava no lado oposto da estação, com as mãos no corrimão e a mochila jogada casualmente nos ombros.

— Oi, Ethan! — respondeu Alek. Vê-lo fez Alek sorrir.

Ethan olhou ao redor de forma conspiratória e fez sinal para Alek se aproximar. Alek correu pela passarela e viu Ethan examinando um mapa do metrô de Nova York.

— Divirta-se na aula de álgebra hoje. E não comente que me viu, ok?

— O que você quer dizer?

— Descubra sozinho, Polly-O. Estou em uma estação de trem. Quando a aula começar, daqui a 15 minutos, você vai estar sentado em uma sala de aula chata e eu vou estar a caminho da *Big Apple*.

— Você vai matar aula? — perguntou Alek, incrédulo.

— Ah, vou.

— E por que vai para a cidade? — indagou, tentando soar indiferença.

Ele não podia ir sozinho, mas sabia que não era descolado se referir à cidade como "Nova York". Todo mundo dizia "a cidade", como que dando a entender que as outras cidades, como Chicago, Los Angeles e Boston, não contavam.

— Tem uma série de *shows* no parque. Rufus Wainwright ia tocar segunda passada, mas ficou doente e precisou cancelar. Mas ficou tão chateado por causa dos fãs como eu que decidiu fazer um *show* improvisado hoje.

Alek não quis admitir que não sabia quem era Rufus Wainwright, então só disse "Legal". Fez uma busca rápida nas lembranças e falou a primeira coisa sobre Nova York que surgiu em sua mente.

— Sabe, ouvi falar que tem uma exposição de Rodin no Metropolitan Museum.

Ethan pareceu impressionado.

— Ah, é?

Encorajado, Alek prosseguiu.

— É. Estou doido para ver.

Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Ethan.

— Por que você não vem comigo?

— O quê?

— Venha comigo. O Met fica perto do Central Park. Podemos ir ao *show*, ver a exposição e voltar antes de o sinal tocar.

— Não mesmo.

Alek nem precisava pensar no assunto. Por mais atraente que fosse a ideia de passar aquela terça com Ethan em Nova York, ele jamais mataria aula.

— Por quê?

— Primeiro, porque não tenho dinheiro.

— Besteira. Você não tem dez pratas?

— Tenho.

— Você não precisa de mais do que isso.

— Mas e o ingresso do *show*, a passagem de trem, o…

— Relaxa. Eu falei que dava para fazer tudo com dez pratas, então dá para fazer com dez pratas. Você não acredita em mim?

— Acredito.

— Então qual é o problema?

A mente de Alek disparou, mas o som do trem se aproximando ao longe estava tornando difícil pensar.

— Polly-O, não seja tão covarde. — Ethan ergueu a voz por causa do som do trem se aproximando. — Divirta-se um pouco.

Por um segundo, Alek se viu pensando em como seria esquecer a escola, os professores e os pais, mesmo que só por um dia, e embarcar nessa aventura. Mas ele não era esse tipo de cara.

O trem parou na estação. Ethan esperou que todo mundo entrasse e entrou em seguida.

— Alguma chance de eu convencer você? — perguntou ele, de dentro do trem.

— Desculpe, cara.

— Não faz mal, cara. Quem sabe na próxima.

Ethan esticou a mão para bater nos dedos de Alek e se despedir. Mas, quando suas mãos se tocaram, Ethan prendeu os dedos no pulso de Alek e puxou com toda sua força. Alek foi parar dentro do trem. Perplexo, ele nem tentou se soltar da mão de Ethan quando ouviu o apito avisando que as portas se fechariam. Virou-se e viu South Windsor se afastar enquanto o trem disparava para Nova York.

7

— Isto é sequestro! Não consigo acreditar! — exclamou Alek.

— É para o seu próprio bem.

— Mas eu nem tenho passagem. E como vou voltar a tempo para a aula?

— Você quer mesmo voltar? — perguntou Ethan, se inclinando para a frente, desafiando Alek com o olhar.

— Não é questão de querer, Ethan. Eu *tenho* de voltar — insistiu Alek.

— Alek, meu jovem, em certo ponto da vida, você vai aprender que tem uma diferença entre o que você *tem* de fazer e o que *quer* fazer. E, quanto mais cedo começar a escolher o que *quer* em vez de o que *tem* de fazer, mais feliz você vai ser. — Ethan se alongou, esticando os braços acima do corpo, como asas. — Portanto, se você realmente *quiser*, pode descer em cinco minutos em Princeton Junction, mudar de direção no próximo trem e chegar na escola com, estourando, cinco minutos de atraso. Mas é isso o que você *quer*?

Alek refletiu enquanto o trem ganhava velocidade e a paisagem dos dois lados virava um borrão. Ele tirou a carteira de velcro do bolso e mostrou o que tinha dentro, um par de notas de cinco dólares amassadas.

— Você tem certeza de que dá para eu fazer isso com dez dólares?

Sua decisão corajosa arrancou de Ethan um sorriso glorioso.

— Você vai descobrir que sou um homem de palavra. Vamos nessa.

Seguindo por entre os passageiros vestidos para o trabalho, Alek foi atrás de Ethan até o banheiro do outro lado do vagão. Ethan se inclinou e sussurrou no ouvido de Alek:

— Entre ali, feche a porta e tranque. Quando você me ouvir bater quatro vezes, destranque e dê um passo para trás.

— O quê?

— Não faça perguntas agora, só faça o que eu mandar.

— Mas…

— Cala a boca! Está vendo o cara?

Ethan apontou para o fiscal, que estava seguindo lentamente até eles, verificando e furando passagens no caminho.

— Estou.

— Primeira lição: se você quiser passar um dia inteiro em Nova York

com dez dólares, não pode pagar a passagem.

— Mas isso não é roubo?

— Segunda lição: se não machucar ninguém, não é ruim.

Alek protestou.

— Meus pais sempre dizem que não existe essa coisa de crime sem vítima.

Ethan revirou os olhos.

— Se você gastar toda sua grana para chegar à cidade, não vai ter dinheiro para fazer coisas divertidas quando estiver lá. Só faça o que eu mandar, tá?

Alek assentiu, e Ethan se agachou e pegou fita adesiva, uma caneta permanente preta e um pedaço de papel-cartão na mochila. Com a caneta, ele escreveu rapidamente COM DEFEITO no papel.

— O que você está esperando? Vá!

Ethan abriu o banheiro, empurrou Alek para dentro e fechou a porta.

Alek fechou o trinco de metal e se trancou no banheiro. O compartimento era pequeno, mas felizmente não estava sujo nem fedendo. Ele se ajeitou agachado no canto, sentindo a parede fria de metal. E esperou, sem saber o que fazer.

Aqueles momentos se transformaram em uma ansiedade desagradável, e Alek começou a ficar com medo de verdade. E se Ethan estivesse armando para ele, abandonando-o no banheiro depois de puxá-lo para o vagão? E se Ethan descesse na parada seguinte e o deixasse ali sozinho? Será que Alek passaria o resto da viagem trancado no banheiro? E como ele voltaria para casa e como explicaria aos pais por que matou aula e foi parar em um trem a caminho de Nova York?

Alek colocou a mão na porta e estava prestes a sair quando ouviu quatro batidas claras. Ele abriu a porta e deu um passo para trás, mas mesmo assim quase foi atingido pela porta. Ethan entrou e fechou o trinco, trancando a porta. Sentou na pequena pia de metal e ficou com os pés pendurados.

— E aí, passamos o resto do percurso aqui? — perguntou Alek.

— Isso aí. O cartaz de "com defeito" quer dizer que não vamos ser incomodados, pois ninguém sabe que diabos acontece nesses trens. Considere esta a nossa cabine particular pelos próximos 45 minutos.

— Você está de brincadeira? — Alek jamais poderia ter imaginado um plano desses, e jamais teria a audácia de executá-lo.

— Não precisa ficar tão impressionado, não fui eu que inventei. Mas funciona lindamente. Você só precisa cuidar para que ninguém veja você grudando o cartaz. O resto é moleza. É claro que às vezes o cheiro aqui dentro é de merda, literalmente, e aí a viagem é um horror. Mas continua sendo de graça.

— Quem mostrou isso a você devia ser um gênio.

— Era mesmo.

Ethan apertou os lábios. Ficou sentado em silêncio, olhando para a frente, para longe de Alek.

******

Quarenta e cinco minutos depois, o trem parou em Penn Station e Alek e Ethan saíram do banheiro e se misturaram com a multidão de passageiros que saía do trem. Um brilho fluorescente os recebeu quando eles saíram da escadaria subterrânea.

— Bem-vindo à Pennsylvania Station — disse Ethan com sarcasmo. — Ou, como gosto de chamar, Peste, porque é feia e fede como a peste.

Alek riu. Não era uma descrição imprecisa.

— Você devia ver umas fotos de como isso aqui era originalmente, antes de derrubarem nos anos 1960 e construírem essa merda de concreto — lamentou Ethan. — Eu queria que, em vez de chegar na Peste, o trem de NJ chegasse em G-C.

— G-C?

— Grand Central. É a estação de trem no lado leste da cidade. Nova York é tão legal que tem *duas* estações de trem. G-C é exatamente como se espera que seja uma estação de trem de Nova York, com colunas, decoração dourada, um monte de coisas lindas da virada do século. E, no teto, recriaram o céu noturno, estrela a estrela, constelação a constelação. Podemos ir ver na próxima vez que viermos à cidade.

"Vamos primeiro sobreviver a essa primeira viagem", pensou Alek, "antes de combinarmos outra." Mas ele não queria que Ethan percebesse o quanto estava com medo, então só falou:

— Você vem muito à cidade? — Ele se esforçou para fazer sua voz soar casual.

— Vinha o tempo todo. — Ethan apertou o passo e seguiu em meio à multidão como se estivesse de skate. Alek precisou praticamente correr para acompanhar. — Parei por um tempo, mas agora estou pensando em retomar o hábito.

Alguns minutos depois, Alek seguia Ethan por escadas e rampas até uma entrada de metrô. Ethan se aproximou de uma máquina do MetroCard, que Alek achou que só faltava um *joystick* para ser uma máquina de videogame das antigas, com suas cores primárias acentuadas pelo exterior de metal.

— Não seria mais fácil ir até a bilheteria? — perguntou Alek.

— Isso é *tão* turista — respondeu Ethan. — Agora me dê uma das suas notas de cinco.

Alek entregou uma das preciosas notas a Ethan, que também pegou uma nota de cinco do bolso, e colocou as duas na máquina. Em seguida, navegou com destreza pelas telas até sair um cartão amarelo.

— Eu não vou ter um? — perguntou Alek.

Ethan o olhou de cima a baixo.

— De onde vem toda essa paranoia, cara?

Alek afastou o olhar, constrangido.

— Eu só achei…

— Confie em mim, tá? Eu trouxe você até aqui e vou cuidar de você.

Capisce?

— *Capisce* — respondeu Alek.

— Muito bem, então eu vou passar o cartão e você vai passar a catraca. Entendeu? — Alek assentiu. — Espere meu aviso.

Quando um grupo de pessoas passou, Ethan fez um sinal para Alek e eles entraram na fila. Alek esperou que Ethan passasse o cartão e seguiu pelo portal. Antes que a barra girasse para a frente, ele sentiu Ethan logo atrás, com a frente do corpo encostada nas suas costas.

— Não pare — cochichou Ethan, e os dois saíram do outro lado, com a barra girando atrás. — É meu especial dois por um no metrô. Uma das muitas dicas de economia de dinheiro que você vai aprender comigo hoje, jovem gafanhoto.

Alek assentiu com apreciação, ainda sentindo a sensação do corpo de Ethan contra o seu.

— Eu nunca peguei o metrô — admitiu Alek, enquanto eles esperavam na plataforma. — Meus pais às vezes nos trazem de carro, mas paramos em um estacionamento e, se precisamos andar por aí, vamos de táxi.

— Terceira lição: nunca pegue táxi.

— Por quê?

— Caros demais, para começar. Mas o mais importante é que nova-iorquinos de verdade pegam o metrô. Ou usam bicicleta pública. Veja as pessoas aqui esperando conosco.

Alek olhou para os dois lados da plataforma e absorveu a cena colorida. Um chinês idoso tocava um instrumento que parecia um esqueleto de violoncelo com apenas uma corda e que emitia um som como o de um fantasma triste tentando se comunicar com os vivos. Três garotas afrodescendentes por volta da idade de Alek discutiam animadas sobre os garotos da escola.

— Menina, se você pensar em tocar no Ramen, vou arrancar essas suas tranças baratas.

— Eu sei que Ramen é seu. Além do mais, eu não tocaria nele com nenhum desses dedos — a segunda garota mostrou as unhas pintadas de roxo. — Ele é um cachorro.

Os protestos da primeira garota não incomodaram um jovem árabe sentado em um banco, lendo um livro sobre a história dos jogos de tabuleiro. Muitos homens e mulheres com roupas parecidas com as que sua mãe usava para trabalhar, como as pessoas que estavam no trem que saiu de South Windsor, esperavam entre casais de idosos e de jovens além de famílias com bebês. Alek sentiu evaporar a vergonha que sempre o acompanhava. Quem prestaria atenção nele, com tantas outras coisas para olhar?

— Você vê coisas aqui que não veria em nenhum outro lugar — disse Ethan com orgulho, como se tivesse montado a cena.

O som do metrô se aproximando trovejou na estação. Alek e Ethan embarcaram. O vagão estava tão cheio que eles precisaram ficar de pé lado a lado. Quando o trem parou abruptamente, Alek perdeu o equilíbrio e quase caiu em cima de Ethan.

— Desculpe, me desculpe — disse Alek.

— Não precisa pedir desculpas. Eu não me importo — disse Ethan.

Alek sentiu o rosto ficar vermelho e afastou o olhar na mesma hora. Tentou encontrar espaço para onde ir, mas o metrô estava totalmente lotado. Alek conseguia sentir as roupas de Ethan roçando em seu corpo.

— Você sabe para onde estamos indo? — perguntou Alek, com nervosismo.

— Claro que sei.

— Pode me mostrar no seu mapa?

— Claro que não.

— Por quê?

— Quarta lição: nunca olhe um mapa do metrô na frente dos outros. É como se levantar e gritar “Tirem vantagem de mim! Eu não moro em Nova York!” — sussurrou Ethan.

— Mas nós *não* moramos em Nova York — sussurrou Alek.

— Ninguém precisa saber. Sabe qual é o maior elogio do mundo? Quando alguém pede ajuda sobre como chegar a algum lugar. Quer dizer que você parece saber para onde está indo. — Ethan se aproximou mais. — Vamos ficar no trem C por mais quatro estações, depois descemos e andamos pelo Central Park até o Summer Stage. Até lá, relaxe e faça cara de descolado.

Alek se esforçou para seguir as instruções de Ethan.

Quando eles saíram da estação do metrô, alguns minutos depois, Alek se viu diante da entrada do Central Park.

— Está vendo aquele prédio? — perguntou Ethan, apontando para uma estrutura palaciana do outro lado da rua. — É o Dakota. É o prédio mais bacana de Nova York.

— Dakota tipo Dakota Fanning?

— Não, bobo. Dakota que nem os estados, porque, quando foi construído, uns cem anos atrás, vir para este lado da cidade era como ir a uma área remota, como Dakota do Norte — disse Ethan. — Pelo menos é o que as pessoas dizem.

— Como você sabe tanta coisa sobre a cidade?

— Se você anda por aí, acaba aprendendo as coisas.

Ethan esperou uma abertura no trânsito e, antes que o aviso vermelho para não atravessar apagasse e acendesse o que indica ser permitido atravessar, seguiu pela avenida. Alek pensou em dizer que os pais o ensinaram a sempre respeitar a sinalização, mas decidiu não falar nada e foi atrás de Ethan para o universo verde improvável que era o Central Park.

— Chegamos meio cedo, então vamos pelo caminho mais bonito — avisou Ethan.

Enquanto andavam pelo parque, Alek e Ethan passaram por pessoas dando comida a bodes e ovelhas em uma fazendinha, remando em barquinhos nos lagos, correndo pela circunferência ao redor do parque, lendo placas debaixo de estátuas de figuras literárias e fazendo piquenique na grama.

— O parque é demais porque é o melhor dos dois mundos: cidade e campo ao mesmo tempo.

Alek concordou. Não conseguia acreditar que poucos minutos antes estava debaixo da terra, em meio a um mar de passageiros no metrô. Da Manhattan urbana, ele só conseguia ver o alto de arranha-céus por cima das árvores. Naquela parte do parque, não havia nem rua para carros, só caminhos para ciclistas, corredores e skatistas.

— Mal posso esperar para contar a Becky sobre os patinadores no Central Park! — disse Alek, acrescentando, silenciosamente, "Se algum dia eu falar com ela de novo".

— Que Becky?

— Becky Boyce. Sempre almoçamos juntos.

— Não conheço, cara — disse Ethan, admirando um aglomerado enorme de pedras, cada uma do tamanho de uma casa pequena, que pareciam estar ali desde a Pré-História.

Alek parou de andar.

— Ethan, quando você percebeu que eu existia?

— Naquele dia que Jack quase deu uma surra em você.

— Nunca antes disso?

— Estudamos na mesma escola que outros 1.200 alunos. Você também não conhece todo mundo — disse Ethan. — E você? Qual é a primeira lembrança que tem de mim?

Alek sabia que Ethan existia desde os primeiros dias do nono ano. Era difícil não reparar nele, andando pela escola como se fosse o dono.

— Ah, você sabe, você tem uma certa notoriedade…

— Tenho? — perguntou Ethan, com o equilíbrio perfeito de humildade e orgulho.

— Ah, você foi responsável pelo evento mais caótico da história recente da escola.

Ethan riu de novo.

— Uma guerrinha de comida, e de repente isso é tudo o que as pessoas lembram.

Quando eles chegaram ao palco ao ar livre, uma multidão já estava presente. Alek conseguia sentir a expectativa no ar, como os momentos antes de o primeiro relâmpago surgir em uma nuvem de chuva. Tentou, sem sucesso, localizar a cabine de venda de ingressos.

— Você sabe que agora só tenho cinco dólares — disse Alek.

— Você tem que relaxar, cara.

— O que vamos fazer, entrar no *show* sem ingresso? E você vai me convencer de que também não tem problema?

— Como assim, entrar sem ingresso? É de graça.

— O quê?

— Todas essas coisas incríveis são de graça: bailes no Lincoln Center, filmes no Bryant Park, ioga no Riverside Park. Muita gente sai de Nova York no verão porque a cidade é úmida e desagradável, mas é minha época favorita para vir aqui.

Alek achava que na plateia só teria gente jovem, como ele e Ethan, mas ficou surpreso ao descobrir que o público era tão diversificado quanto a multidão no metrô. Ele se perguntou como todos esses adultos estavam livres para ir a um *show* no meio de uma terça-feira. Não tinham de trabalhar? Ao lado dele, havia um casal de meia-idade com uma sacola de compras. Tinham idade suficiente para serem pais dele, e esperavam o começo do *show* com tanta empolgação quanto qualquer outra pessoa. A única grande diferença que Alek conseguia notar entre o pessoal no metrô e o público do *show* era que ali no parque ele via homens de mãos dadas.

Alek tentou lembrar se já tinha visto dois homens de mãos dadas. As garotas faziam isso o tempo todo na escola, claro, mas garotos não. Ele já tinha visto personagens gays na TV e no cinema, mas, quanto a ver pessoalmente, ele constatou que era a primeira vez. E, como tudo em Nova York, havia tanta coisa acontecendo que a visão de homens de mãos dadas não gerava sequer uma segunda olhada de ninguém.

A multidão explodiu em aplausos assim que viu Rufus. Ele não esperou que o barulho morresse. Começou a tocar na mesma hora a primeira música, cantando a letra de *Who are you, New York*? para os fãs entusiasmados.

— Você já tinha visto Rufus tocar? — perguntou Ethan.

Alek balançou a cabeça dizendo que não, constrangido demais para admitir que era o primeiro *show* de verdade da vida dele.

— Ele é um cantor e compositor *indie* incrível. Até escreveu uma ópera! — elogiou Ethan.

Rufus estava usando uma camisa listrada de branco e roxo, aberta no terceiro botão, com uma gravata branca por dentro. Havia uma flor presa na lapela do paletó de linho, e uma calça justa envolvia suas pernas enquanto ele pulava no palco, dedilhando o violão e acariciando as palavras com a voz. Apesar de Alek saber que era apenas um dentre aquelas centenas, talvez milhares de pessoas na plateia, sentia como se Rufus estivesse cantando só para ele.

Alek não conseguia dizer se era o sol radiante, todas as pessoas legais ou o fato de estar com Ethan, mas em determinado ponto desistiu de tentar entender por que estava se divertindo tanto e se entregou à tarde perfeita.

Ficou evidente que Ethan era fã ardoroso de Rufus: ele sabia a letra de todas as músicas e dançou durante a maioria delas. Às vezes, só pulava sozinho. Nas músicas mais rápidas, se juntava a grupos de pessoas dançando, entrando no meio do grupo. Mas nunca sumia por tempo suficiente para que Alek ficasse envergonhado de estar sozinho. Ethan só ficou parado durante o bis final de Rufus, *Do I disappoint you*? Pela reação da plateia, Alek conseguiu perceber que era uma das músicas mais famosas. Até as pessoas que não sabiam todas as letras conheciam a letra dessa, e Alek cantou o último refrão, *Do I disappoint you?,* junto com todo mundo.

As palavras deveriam ter um significado mais profundo para Ethan, que ficou olhando ao longe enquanto a música tocava. Ocasionalmente, os lábios de Ethan acompanhavam parte da letra, mas ele não chegou a emitir som nenhum. Alek queria perguntar sobre o significado da música, mas Ethan

estava tão sério que Alek achou melhor não falar nada.

Depois de tocar mais duas músicas no bis, Rufus foi obrigado a dizer:

— Amo vocês todos, de verdade, mas, se eu não for embora, vocês nunca vão me deixar ir.

Ele fez uma reverência final ao som de um trovejar de aplausos e saiu correndo do palco. Alek ainda ouviu gente gritando "Amo você, Rufus!" e "Volte!". Ele até ouviu alguém na plateia pedir Rufus em casamento, mas nada disso fez o astro do rock favorito de todos que estavam ali voltar para o palco.

Quando o *show* terminou, a plateia começou a dispersar, recolhendo seus piqueniques, cobertores e cadeiras dobráveis. Dois caras se beijando ficaram sentados no chão, alheios aos arredores. Se Alek nunca tinha visto nem dois homens de mãos dadas, obviamente nunca tinha visto dois homens se beijando.

— Rufus é homossexual, e a música dele é bem popular entre as bichas — sussurrou Ethan para Alek, de forma conspiratória.

Alek não conseguia acreditar no que tinha acabado de ouvir. Olhou para Ethan, esperando que ele pedisse desculpas ou fizesse uma piada, mas ele não disse nada. Alek percebeu que, apesar de sentir como se conhecesse Ethan há anos, provavelmente não o conhecia nem um pouco. A pessoa que ele achava que conhecia jamais usaria esse tipo de linguagem de ódio.

— Pronto para ir ao museu? — continuou Ethan, indiferente.

Alek fez que sim.

— Tudo bem, cara?

— Claro — resmungou Alek.

Alek e Ethan andaram pelo parque, passaram por uma estátua de Samuel Morse e saíram do outro lado.

— Vamos subir a Quinta Avenida para ir ao museu — disse Ethan. — São só dez quarteirões. Sabe quanto tempo vamos demorar?

Alek fez que não.

— Exatamente dez minutos. A gente leva cerca de um minuto pra percorrer cada rua, e cada avenida leva uns quatro. Às vezes, é mais difícil saber, como no East Side, onde as avenidas são mais curtas, mas essa é a regra básica para calcular o tempo de caminhada de pedestres na cidade.

Alek conseguia perceber que Ethan sentia orgulho dessa equação que ele conhecia. E, apesar de Alek ter ficado impressionado, não ia dar a Ethan a satisfação de ouvir isso.

Eles andaram pela Quinta Avenida, com o Central Park à esquerda e os prédios residenciais altos à direita.

— O Met inicia o que é conhecido como Milha dos Museus. — Ethan andava rapidamente, com as mãos nos bolsos. — Começa na Rua 82 e vai até a 105. Quer que eu mostre no mapa?

Se tivesse sido mais cedo, antes de Ethan usar a palavra com "b", Alek teria dito que sim na mesma hora.

— Achei que não era para a gente olhar mapas em Manhattan — respondeu Alek.

— Ninguém está nos vendo, então não violaria a quarta lição.

Quando Alek viu o prédio majestoso, andou na frente de Ethan, passando pelos vendedores de livros usados e cachorros-quentes, e subiu a escada, tão larga que poderia ser a base de outro prédio. Como já tinha ido ao Metropolitan Museum of Art e sabia onde estava, Alek ficou aliviado por não precisar de Ethan para guiá-lo.

— Espere aí, cara! — gritou Ethan.

— Só quero acabar com isso o mais rápido possível.

— Para que a pressa? — perguntou Ethan, surpreso.

Alek continuou andando rápido e não se deu ao trabalho de responder. Quando chegou ao saguão do museu, entrou na fila, com Ethan logo atrás.

— São 24 dólares os dois — disse o jovem dentro da cabine de vidro.

Alek olhou para cima e viu a placa grande que mostrava o preço do ingresso: 25 dólares para adultos, 17 para idosos e 12 para estudantes. Ele devia saber que a alegação de Ethan de que o passeio podia ser feito com dez dólares era mentira.

— Mas você tem de nos deixar entrar desde que a gente dê alguma coisa, certo? — perguntou Ethan com conhecimento.

— Como?

— Quer dizer, se decidirmos só pagar isto — disse Ethan, enquanto deslizava duas moedas de dez centavos pela bancada —, você tem de nos deixar entrar mesmo assim, não é?

O tom do atendente mudou rapidamente de educado para irritado, enquanto ele se aprumava.

— É, acho que sim — gaguejou. — Mas a doação sugerida para dois estudantes é mesmo 24 dólares.

— Por sorte, não preciso das sugestões das outras pessoas. Já tenho suficientes. Você vai nos dar os broches ou não vai?

— Na verdade, usamos adesivos agora.

— Ah, descola dois adesivos, então.

Ethan parecia alheio à fila que crescia atrás dele.

O recepcionista, contrariado, entregou dois adesivos amarelos com o M de Metropolitan impresso no meio. Alek imitou Ethan e colou no bolso da camisa.

Eles passaram pelo guarda, que viu os adesivos e fez sinal para que entrassem. Apesar de Alek ainda estar bastante ofendido pela palavra que Ethan usou, ele não pôde deixar de fazer um elogio.

— Não consigo acreditar que você fez aquilo.

— Nem eu — admitiu Ethan. — Eu já tinha ouvido falar que era possível, mas nunca tive coragem de tentar. Não achei que aquele mala fosse nos deixar entrar. Você viu a cara dele?

— Vi. Então por que ele deixou?

— O ingresso aqui é uma doação sugerida, o que é diferente de preço de entrada. Uma doação sugerida quer dizer: “Esperamos que você pague isso, mas, se não pagar, não podemos impedir você de entrar”.

— Você sabe tudo! — exclamou Alek.

— Meu pai dá aula de sociologia na NYU. Minha mãe nos deixou quando eu tinha 6 anos, então ele passou a me trazer aqui sempre que tinha de dar aula à noite, porque não queria pagar uma babá. Depois, quando tinha 11 anos, comecei a vir sozinho. Eu ficava sentado no fundo da sala de aula dele morrendo de tédio e então, quando fiquei um pouco mais velho, ele deixou que eu saísse para explorar a região. Conheço esta cidade melhor do que a maioria das pessoas que cresceu aqui. É meu *playground*.

Alek seguiu Ethan até a exposição de Rodin. As estátuas de bronze negro estavam organizadas em uma sala grande e aberta, o que dava a impressão de estarem em um jardim. A primeira que eles viram era um portal enorme, feito de figuras se contorcendo que pareciam estar tentando explodir para fora da estrutura.

— Essa se chama *Porta do inferno* — disse Ethan, lendo a placa ao lado. — É assim que me sinto todas as vezes que entro na escola — brincou ele.

Alek estava prestes a concordar, mas lembrou que estava com raiva de Ethan. Ele murmurou alguma coisa indiferente e se afastou.

Alek se deixou perder entre as figuras de bronze. Descobriu que as esculturas mudavam dependendo do ângulo pelo qual se olhava. Outras vezes, a essência da peça era a mesma, ainda que a perspectiva não fosse, como na escultura *A sombra*, cujo pescoço e cabeça torturados conseguiam evocar angústia em Alek independentemente do ângulo que ele olhasse. Para admirar outras esculturas, como *O atleta*, Alek precisou chegar tão perto que dava para ver os detalhes no corpo perfeitamente proporcional da figura.

Alek terminou de percorrer a exposição mais de uma hora e meia depois de começar. Estava com medo de Ethan querer ficar mais, então ficou aliviado quando o ouviu dizer:

— Eu achava que odiava ir a museus, porque eu ficava o dia inteiro em um lugar fechado até ter vontade de vomitar no final. Mas agora eu vou, vejo a exposição e saio. É melhor assim.

— Também acho ótimo — concordou Alek.

******

Os dois jovens ficaram sentados rigidamente no banheiro do trem NJ Transit na volta para South Windsor. O barulho característico do trem e uma pia pingando eram os únicos ruídos que eles ouviam.

Uma gota de água se formava preguiçosamente na boca da torneira e caía na pia. Alek se concentrou na gota em formação e ficou contando mentalmente quantos segundos demoraria para ela crescer até cair.

— Você tem algum plano para esta semana? — perguntou Ethan.

— Não — respondeu Alek.

— Estou pensando em ir à cidade de novo.

Alguns minutos se passaram, até Ethan quebrar o silêncio novamente.

— Você vai contar aos seus pais sobre hoje?

— Não — disse Alek, sem desviar os olhos da torneira.
— Meu pai não liga — disse Ethan, com orgulho.
Mais silêncio constrangedor veio em seguida, até que Ethan perguntou:
— Quer que eu mostre como falsificar um bilhete dos seus pais para a orientadora educacional?
— Não, obrigado.
Depois de 15 gotas (com espaço aproximado de 40 a 42 segundos por gota, supondo que o trem não sacudisse e a derrubasse antes da hora), Ethan se virou para Alek.
— Tudo bem, Polly-O, eu tenho de perguntar. Por que você está sendo babaca?
— Você que é babaca, Ethan — respondeu Alek.
— Do que você está falando?
— Não sou eu que fico por aí chamando as pessoas de coisas como *bicha*.
Ethan pareceu surpreso por um segundo, depois caiu na gargalhada. Alek se levantou e colocou a mão na maçaneta do banheiro. Estava com tanta raiva que achava que não conseguiria ficar no mesmo espaço que Ethan.
— Alek, quero explicar uma coisa a você. Por favor, me interrompa se já sabe o que vou dizer, tá? — Alek assentiu de leve, e Ethan prosseguiu. — Quando você é, tipo, integrante de um certo… — Ethan parou de falar enquanto procurava as palavras. — Vamos dizer assim. Pense na palavra com "p".
Alek olhou para ele, perplexo.
— É outra palavra que eu acho que não seria legal você usar. Você está tentando me ofender?
— Só estou usando como exemplo — respondeu Ethan, rapidamente. — Mas, se você me ouvisse falando essa palavra, não acharia certo.
— Não, não acharia.
— Mas você já ouviu um cara negro usando essa palavra quando estava falando com outro cara negro, não ouviu?
— Claro, mas isso é diferente.
— Por quê?
Alek tentou articular uma coisa que intuitivamente sabia ser verdade.
— Quando você faz parte de um grupo, pode usar palavras que seriam impróprias em outras circunstâncias — Alek conseguiu dizer.
— Exatamente! — exclamou Ethan, triunfante. — Eu não conseguiria explicar melhor. É por isso que não tem problema eu usar a palavra *bicha*.
— Mas só não teria problema se você fosse…
— *Gay*. Eu sou gay — disse Ethan, surpreso. — Eu pensei que você…
— O quê? — perguntou Alek.
— Eu pensei que você soubesse. Nada de mais, cara.
Alek encostou na parede e relembrou suas interações com Ethan. Quando pensou nas coisas que Ethan disse, em como ele não se importou de os corpos deles se tocarem no metrô, ou no quanto Ethan dançou à vontade com outros homens no *show* de Rufus, tudo fez sentido.

— Por você, tudo bem? — perguntou Ethan.

— Tudo, claro. Claro que está tudo bem. Não sou homofóbico nem nada — gaguejou Alek.

Não era nada de mais. Ele só nunca teve amigos gays, mas, por outro lado, quem tinha aos 14 anos? “Deve ser essa a idade em que as pessoas começam a sair do armário”, pensou Alek.

— Eu tenho de dizer uma coisa, Polly-O, adorei saber que você ia terminar comigo porque eu falei *bicha*.

— Terminar com você?

— É, terminar a amizade. Isso acontece como em qualquer relacionamento. E você ia fazer isso porque usei a palavra *bicha*. Precisa ter coragem para isso, cara. Coragem mesmo.

Alek corou.

— Tenho de fazer o que acho que é certo.

— Como matar aula hoje? Foi a coisa certa a se fazer?

— Não isso. O que quero dizer é que, sempre que tenho duas opções e uma delas é a coisa certa com C maiúsculo, a coisa honesta, a coisa que suas entranhas dizem que é a certa, sabe?

Ethan assentiu e Alek continuou:

— Bem, nessas situações, tenho de fazer essa coisa. É como se algo dentro de mim me impedisse de fazer qualquer outra coisa. Acredite em mim. Eu já tentei. Não é possível. Eu tenho de fazer a coisa Certa.

— Eu entendo, cara. Você é fiel aos seus princípios. — Ethan sorriu para Alek. — Admiro um homem com princípios. Mas preciso perguntar. Matar aula hoje foi a coisa Certa a se fazer?

Alek pensou por um momento.

— Foi — ele sorriu. — Acho que foi.

8

— Você se importa de assinar isto? — Alek perguntou ao pai antes de qualquer outra pessoa voltar para casa, empurrando a prova de matemática que salvou da lixeira debaixo da escrivaninha.

O pai desviou o olhar da tela do computador, onde estava refazendo o currículo.

— Por que preciso assinar uma prova com nota 93? — perguntou ele.

— Para provar que mostrei a você. O senhor Weedin é meio nazista com essas coisas — disse Alek.

— Não é engraçado, Alek. Você não devia sair dizendo palavras como essa de forma tão casual. — O pai assinou a prova sem prestar atenção. — Agora, você pode me ajudar com isso? — O pai indicou a tela do computador. — Não consigo alinhar os campos.

— Você é tão dinossauro — disse Alek, pegando o teclado e arrumando a tabulação. — Não sei como os velhos como você conseguem fazer as coisas.

O pai de Alek riu.

— Sabe, eu pensava a mesma coisa quando tinha a sua idade e tinha de ajudar meus pais com a máquina de escrever. E seus filhos também vão achar isso quando a tecnologia tiver evoluído mais rápido do que você será capaz de acompanhar.

Depois de salvar o documento do pai, Alek correu até o quarto e tratou de esconder discretamente o cartão amarelo do metrô que Ethan deu a ele e o adesivo do Metropolitan Museum na gaveta onde deixava todos os objetos com valor sentimental, como a bola de tênis da partida final com Seth e a cruz armênia prateada que recebeu da avó quando foi batizado.

Ele pegou o bilhete impresso que já tinha digitado e colocou por cima da assinatura do pai na prova de matemática, exatamente como Ethan ensinou. Quando colocou os documentos contra a luz, conseguiu imitar com perfeição a assinatura do teste no bilhete falsificado. Em seguida, ficou de pé em frente ao espelho do quarto e treinou o que diria à secretária do diretor Saunder no dia seguinte, quando entregasse o bilhete.

— Acordei com febre ontem, e meu pai achou que seria melhor eu ficar em casa. A febre cedeu ontem à noite, e ele disse que eu podia ficar em casa mais um dia só para ver se estava bom mesmo, mas eu não quis perder

mais um dia de aula.

Ele passou a noite toda preparando o discurso.

Alek até chegou à escola 15 minutos mais cedo, mas toda sua preparação se mostrou desnecessária quando a secretária do diretor Saunder aceitou o bilhete sem nem pedir explicação. Ela fez a anotação apropriada no computador e, desse jeito simples, Alek justificou a falta. Ele passou a aula de inglês nas nuvens, quase sem conseguir se concentrar. Tudo em South Windsor parecia insignificante e bidimensional agora, como uma versão de videogame antigo de si mesmo.

Quando Alek entrou no refeitório para o almoço, foi direto para a mesa onde costumava se sentar sozinho. Por um segundo, pensou em como seria se Ethan o convidasse para se sentar à mesa dos desistentes, mas sabia que isso jamais aconteceria. Um a um, eles entraram no refeitório, executando até as tarefas mais banais com agressividade. Alek não conseguia imaginar como tornar ameaçador o ato de comprar um refrigerante na máquina.

Finalmente, Ethan entrou. Mas o gingado não estava com o balanço de sempre. Os olhos estavam vermelhos, o cabelo estava desgrenhado e as roupas estavam tão amassadas que parecia que ele tinha dormido com elas no corpo. Os outros desistentes não pareceram reparar nem comentar sobre o humor de Ethan. Um cara de cabelo platinado e espetado contou o final de uma piada, e todos explodiram em gargalhadas, batendo com os punhos na mesa.

Alek continuou observando Ethan durante toda a refeição. Alguns minutos antes do final do horário de almoço, Ethan foi até a máquina de sorvete, e Alek aproveitou a oportunidade para se aproximar dele.

— Oi, Ethan!

— E aí, Alek?

— Tudo bem.

Ethan estava olhando para a máquina de sorvete com o corpo totalmente afastado de Alek, meio encostado na máquina, como se decidir entre um sanduíche de sorvete e um picolé fosse tão importante quanto escolher em que faculdade estudar.

— Eu só queria dizer que me diverti muito ontem e queria agradecer por…

Alek parou de falar quando viu Ethan se virar e olhar para trás dele. Jack e outro desistente, com um gorro de tricô vermelho puxado até os olhos, estavam atrás de Alek, parecendo hienas famintas que tinham acabado de ver uma carcaça fresca, pronta para ser devorada. Alek rezou para que eles não tivessem ouvido nada do que ele disse.

— Eu também me diverti muito, Ethan — disse o cara com gorro vermelho, com malícia, e depois começou a fingir que estava beijando Jack, o desistente grandão que havia empurrado Alek no estacionamento.

Jack caiu na gargalhada.

— Obrigado por ontem à noite — ele conseguiu dizer por entre gargalhadas.

Ethan começou a rir com eles. Alek sentiu seu rosto enrubescer e

paralisou de constrangimento.

Os dois caras passaram por Alek esbarrando nele, como se ele nem estivesse ali.

— Eth, vemos você nas rampas depois da aula.

— Acho que não vou poder ir, Pedro. Encontro vocês amanhã.

— Beleza, cara. Até mais — disse Pedro, fazendo um sinal da paz como gesto de despedida. — E eu me diverti muito mesmo ontem — debochou.

Pedro e Jack começaram a rir de novo assim que saíram do refeitório. Ethan se virou para Alek.

— Alek, por que não nos encontramos mais tarde? Talvez…

— Talvez o quê? A gente possa se encontrar de novo quando você não estiver com seus amigos de verdade por perto?

— De que diabos você está falando, cara?

— Vá para o inferno, Ethan.

Alek voltou correndo para a mesa, pegou a odiada mochila verde e saiu do refeitório. Ele sabia que tinha de ir para a aula de álgebra, mas não tinha a menor possibilidade de ficar na mesma sala que Ethan, e menos ainda de se sentar ao lado dele depois do que acabara de acontecer.

******

Uma hora depois, carros passavam em disparada pela estrada enquanto ele olhava para a grande placa vermelha do Dairy Queen. Alek não sabia que era para lá que seus pés o levariam.

Ele entrou e se escondeu atrás de um cartaz enorme de um *banana split*. Observou Becky servir uma mulher de meia-idade magérrima, cujas raízes grisalhas apareciam embaixo do cabelo ruivo-alaranjado pintado de forma irregular.

— Você sabe quanto o *Blizzard* tem de carboidratos? — perguntou a mulher, com voz aguda e anasalada.

— Noventa e dois gramas por porção — respondeu Becky, docilmente.

— E quantos gramas tem uma porção?

— Trezentos.

— E você baseia essa informação no *Oreo Cookies Blizzard* ou no *Chocolate Chip Cookie Dough Blizzard*?

Becky apertou os olhos. Por entre dentes trincados, conseguiu dizer:

— Vou descobrir isso para a senhora.

E se dirigiu para a parte de trás.

Becky não tinha paciência para gente chata. Depois que um garçom da lanchonete perto da casa dela errou o pedido de Becky pela terceira vez, ela mergulhou na missão de fazer com que fosse demitido. “Não estou fazendo por vingança pessoal”, insistiu Becky. “Estou fazendo por todos os outros habitantes de South Windsor, como eu, que pediram especificamente os *chips* de batata doce com molho separado, não os *chips* de batata doce encharcados

de molho. Qual é a dificuldade de entender isso?" Becky insistiu na missão, ligando diariamente para a lanchonete fingindo ser diferentes clientes insatisfeitos e reclamando sobre o garçom até ele ser dispensado.

Alguns momentos depois, Becky voltou para a janelinha.

— Noventa e dois gramas de carboidratos por porção de 300 gramas têm como base o sabor *Oreo*. O *Cookie Dough* tem 103 por porção.

— Ah, que bom que perguntei, não é? Quantos gramas tem um *Oreo Blizzard* médio?

— Trezentos e setenta, então são 117 gramas de carboidratos.

— Cento e dezessete! Por que você não me falou isso logo? Se eu comprasse um *Blizzard*, não sobraria carboidratos para o resto da semana.

Alek se perguntou se essa mulher e sua mãe frequentaram o mesmo curso de cliente difícil.

— Quer experimentar nosso delicioso sorvete de iogurte de baixo teor de carboidrato?

— Não, obrigada.

A mulher fechou a bolsa.

— O quê? Você ficou falando aqui por meia hora e nem vai comprar nada?

— Mocinha, me desculpe, mas você não devia falar assim com uma cliente — bufou a mulher.

— Ah, mas como não vai comprar nada, você não é cliente, é? — respondeu Becky.

Alek esperou a mulher se afastar para se aproximar da janelinha.

— Você pode me dizer quanto de carboidrato tem em dois terços de um *Dairy Queen Oreo Cookie Blizzard* tradicional de 300 gramas?

Becky levantou o rosto rapidamente. Mechas de cabelo tinham se soltado do chapeuzinho de papel do Dairy Queen, e tinha uma mancha de calda de chocolate na bochecha direita dela.

— Alek, que diabos você está fazendo aqui?

— Eu só queria executar meu direito americano concedido por Deus de alcançar a obesidade.

— Você deve achar hilário me ver neste uniforme idiota.

— É mesmo bem divertido.

— Vou mostrar uma coisa divertida. Agora saia daqui antes de me arrumar problemas.

— Becky, por favor. Eu preciso conversar com você.

— É fácil assim? Você desaparece por uma semana e aparece aqui de repente dizendo que precisa conversar comigo? — sibilou Becky.

— Você me expulsou da sua casa! Era você que tinha de ter me ligado — protestou Alek.

— Olha, quando se sente falta de alguém, não importa quem tinha de ter ligado. Você vai e procura.

— É exatamente isso que estou fazendo, Becky. Estou fazendo o primeiro contato. É sua vez agora.

Uma mulher de membros grossos se aproximou da janela atrás de

Becky.

— Becky, você conhece a política sobre amigos visitarem você no trabalho.

Alek não precisava que Becky contasse que aquela era Laurie, a famosa gerente. O chapéu vermelho do Dairy Queen quase não cabia na cabeça enorme, e os olhos pequenos e brilhantes encaravam Becky com acusação.

— Quer saber, Laurie, acho que vou fazer minha pausa agora, tá?

— Mas preciso de ajuda para encher a máquina Arctic Rush.

— Laurie, já estou com três pausas acumuladas hoje — disse Becky, com o ódio fervendo na voz.

— Você vai tirar suas pausas quando não tivermos mais nada para fazer — insistiu Laurie, com arrogância.

Becky tirou o chapéu de papel do Dairy Queen da cabeça e se dirigiu a Laurie, rasgando-o lentamente em pedacinhos:

— Posso perdoar muitas coisas, Laurie. A forma como você precisa usar o fiapo de poder que tem por ser gerente do Dairy Queen para torturar todos nós, os funcionários infelizes e inocentes. Sua falta óbvia de habilidades sociais e a forma como inveja os amigos dos outros porque não tem nenhum. Posso até perdoar o barulho molhado que você faz quando tenta tirar as últimas gotas de um *milk-shake* do recipiente. Todas essas coisas eu posso perdoar. Mas vou levar anos, está entendendo? *Anos* para tomar sorvete de novo sem pensar em você. Essa associação vai destruir uma das melhores coisas do mundo. — Ela jogou os pedaços vermelhos que antes eram o chapéu no chão, aos pés de Laurie. — Isso eu nunca vou perdoar.

9

— E sobre o que você quer conversar? — perguntou Becky.

— Bem, e se você conhecesse alguém que…

— Chega de coisas hipotéticas, Alek. Foi isso que gerou confusão da última vez, lembra?

Pela primeira vez, desde que Alek conseguia se lembrar, Becky não estava reclamando por ter de patinar devagar ao lado dele. Ela seguia preguiçosamente enquanto eles faziam o caminho de casa.

E então, abruptamente, ela parou na frente de Alek. Mesmo de patins, nem chegava ao queixo dele. Ela colocou as mãos nos ombros de Alek e olhou diretamente em seus olhos.

— Me diga o que realmente quer saber.

— Tem um cara.

— Quem?

— Ethan Novick.

— Ethan Novick, famoso pela guerra de comida? — perguntou Becky.

Alek fez que sim. Ele contou tudo, desde o dia que Ethan o salvou atrás do túnel até a aventura-surpresa em Nova York no dia anterior.

— Então você só queria se gabar do novo amigo que fez?

— Não, Becky, tem mais.

Ele começou a contar o que aconteceu mais cedo com Ethan na frente da máquina de sorvete.

— Eu me aproximei dele e…

— E o quê? — perguntou ela, com urgência.

— Quer saber? Deixa pra lá.

— Você me entedia com o pano de fundo idiota e não vai me contar o final?

Alek parou de andar.

— Me desculpe se você acha que minha história é idiota.

— Ei, eu estou brincando. — Becky esticou a mão e se equilibrou nele. — Me conte o que aconteceu. Você sabe que quero ouvir. Sou sua melhor amiga.

Becky nunca tinha usado esse termo. Não pegou Alek de surpresa, mas usar o título era um compromisso. Um amigo era uma pessoa com quem você conversa na escola, entra junto em um clube ou vai à igreja. Uma briga

idiota em um porão podia encerrar uma amizade normal. Mas um melhor amigo era uma pessoa a quem você podia confiar sua vida, uma pessoa que você sabia que estaria sempre ao seu lado. Ser melhores amigos era uma promessa de resolver as coisas a qualquer custo. E por que um melhor amigo não podia ser uma garota?

Alek e Becky chegaram no cruzamento da Etra com a Orchard.

— Eu posso seguir sozinha pelo resto do caminho.

— Mas eu não terminei de contar o que aconteceu com Ethan!

— Seu imbecil! — gritou Becky. — "Eu posso seguir sozinha pelo resto do caminho" é o que eu sempre digo quando chegamos nesta parte da caminhada. Ficamos uns sete dias sem falar e você já esqueceu.

— Diga de novo.

— O quê?

— Diga de novo.

— Isso é idiotice.

— Diga logo — insistiu Alek.

Ele não sabia por quê, mas sabia que, se conseguisse que Becky fizesse o que ele pedia, tudo ia ficar bem.

— Eu posso seguir sozinha pelo resto do caminho — repetiu Becky, secamente.

— Por que eu não acompanho você até a porta de casa? Você sabe como South Windsor pode ser perigosa em uma tarde de dia de semana — recitou Alek.

— Seria ótimo, Alek — disse Becky, quase com o mesmo tom de brincadeira que costumava usar.

Alek foi contando tudo a ela pelo restante do caminho. Por mais humilhante que fosse, ele até incluiu o deboche dos outros desistentes porque Alek decidiu que melhores amigos podiam contar um ao outro sobre seus momentos mais constrangedores. Eles chegaram à porta da casa dela na hora que Alek chegou ao fim da história.

— E aí, o que você acha?

— Acho que você gosta dele.

— Claro que gosto. Ele é tão legal.

— Não, Alek. Eu quero dizer que acho que você *goooosta* dele.

Alek parou.

— Você acha o quê?

Becky abriu a porta de casa sem responder.

— Becky, o que você quer dizer?

Alek entrou atrás dela.

— Sim, Becky, o que você quer dizer? — ecoou a voz da mãe dela vinda de dentro.

Alek foi até a sala onde Becky estava tirando os patins e já tinha conseguido abrir um Dr. Pepper diet. Os pais estavam sentados no sofá amarelo.

— Alek, não vemos você…

— …há um século. Que bom revê-lo.

— Oi, senhor e senhora Boyce.

Os Boyce eram mais velhos do que os pais de Alek. Ainda vestidos com os jalecos do laboratório, eles estavam sentados na sala, tomando chá debaixo da tapeçaria da Costa do Marfim.

— Alek, sirva-se do que quiser…

— …na cozinha. Você sabe onde fica tudo.

A idade não era a única diferença entre os Khederian e os Boyce. Os pais de Alek jamais deixariam um convidado se servir. Eles diriam ao convidado quais opções estavam disponíveis, perguntariam qual ele preferia e o serviriam ou mandariam Alek servi-lo. Alek se lembrava da mãe treinando-o quando ainda estava no começo da escola.

— Alek, você se esqueceu de me perguntar se eu queria gelo na água — repreendeu delicadamente a mãe enquanto ensinava.

Tanto ele quanto Nik tiveram de aprender a diferença entre um copo de água (alto) e um copo de suco (baixo), assim que atingiram idade suficiente para usá-los.

— Nunca se serve suco de frutas com gelo porque fica sempre gelado. E nunca se serve água em xícara ou caneca, água deve ser sempre servida em copo de vidro. Se a pessoa pedir água, você tem de perguntar se ela prefere com ou sem gás, à temperatura ambiente ou gelada, e com ou sem gelo.

Os Khederian sempre deixavam uma garrafa de água com gás na geladeira e outra na despensa para o caso de aparecer visita, mesmo depois que o pai foi demitido. Mas a casa de Becky, como a maioria das casas *desses americanos*, era bem mais legal do que isso.

— Obrigado, senhor e senhora Boyce — disse Alek.

Alek queria ficar sozinho com Becky para poder perguntar o que ela queria dizer quando falou que ele gostava de Ethan, mas como não via os Boyce desde que eles voltaram da conferência em Genebra seria grosseria ir correndo para o porão. Então, ele se serviu de suco de *cranberry*, voltou para a sala e se sentou em frente a eles em uma poltrona enorme, com os pés balançando um pouco acima do chão.

— Como foi a viagem?

— Foi incrível, obrigado por perguntar.

— Nós vimos alguns…

— …bons amigos na conferência…

— …e aprendemos sobre a pesquisa deles enquanto isso.

— Dois coelhos, uma cajadada.

Desde que Alek os conhecia, os Boyce terminavam as frases um do outro. Alek achava que nunca os tinha visto separados. Seus pais sempre dividiram as responsabilidades, mesmo com a natureza dessa divisão tendo mudado depois que a mãe começou a trabalhar. A mãe de Alek podia fazer compras ao voltar do trabalho, e o pai, então, faria o jantar. Mas os Boyce sempre iam ao mercado juntos, preparavam a comida juntos, arrumavam e limpavam tudo juntos. Ele sempre via o senhor Boyce no banco do passageiro quando a senhora Boyce ia buscar Becky, e vice-versa.

— Alek, veja…

— …o que trouxemos de Genebra. Foi feito no mesmo molde…

— …que o famoso modelo do século XVIII.

Os Boyce mostraram um sino de metal tão grande que Alek se perguntou como conseguiram carregar aquilo pelo aeroporto e levar para casa.

— Da próxima vez que eles quiserem me acordar para a aula, vão entrar escondido no meu quarto e tocar isso ao lado da minha inocente cabeça adormecida — disse Becky.

— O que é isso, Rebecca…

— …você sabe que nós jamais faríamos isso.

— Eu sei, eu sei! Eu estava fazendo uma *piada*, pessoal.

Alek nunca entendeu como Becky acabou tendo senso de humor se os pais levavam tudo ao pé da letra.

— Vejam só a gente…

— …falando sem parar. Vocês jovens…

— …devem querer ir para o porão ver filmes em vez de…

— …ficar ouvindo dois velhos falando sobre sinos.

— Becky, querida, nós vamos…

— …visitar uns amigos em Baltimore no fim de semana. Vamos deixar com você…

— …o número do telefone de onde vamos ficar e dinheiro.

— Foi ótimo revê-lo, Alek…

— …e mande lembranças para os seus pais.

Becky pegou outro refrigerante, pois já tinha acabado com o primeiro, e Alek foi atrás dela para o porão.

— Seus pais são incríveis, Becky.

— Como assim?

— É que eles são tão o oposto dos meus.

— Acho que são mesmo. Mas eu daria qualquer coisa para comer aquela comidinha feita em casa. O primeiro número que decorei foi o da pizzaria Scotto.

Alek e Becky se sentaram nos lugares de sempre no sofá do porão com um silêncio um tanto desconfortável.

— Você não estava me contando sobre aquele cara de quem você gosta?

— Eu não falei que gostava dele!

— Alek, foi por isso que você se chateou no refeitório hoje. Ethan só pediu para encontrar você depois. Você não sabe o que está acontecendo com ele. Nem conhece o sujeito direito.

— Mas…

— Eu não acabei. Essa é a parte boa. — Becky fez uma pausa por um segundo e tomou um grande gole de refrigerante. — Eu sei que estou certa porque sei como é se chatear quando a gente está a fim de alguém. — Becky fez outra pausa, por tempo suficiente para deixar claro o que queria dizer. — Você entende o que estou dizendo? Porque eu prefiro poupar nós dois do constrangimento de relembrar o momento em que me joguei em cima de

você como uma mulher da noite, tá?

— Eu entendo, Becky. Mas sei como é ficar a fim de alguém. Eu lembro como foi quando convidei Gail para sair ou quando dancei com Linsay no baile de primavera ano passado.

— E como foram suas duas experiências no mundo do namoro?

— Você sabe… mãos suadas, frio na barriga, língua paralisada. Tudo o que dizem nos filmes. Não é isso que eu sinto quando converso com Ethan. E, independentemente do que sinto, não é por eu estar a fim dele, é porque ele é do segundo ano, é desistente e o tipo de cara que organiza uma guerra de comida épica.

— Então você está dizendo que não sente nada disso perto dele ou que sente?

— Estou dizendo… — Alek começou a falar, mas parou. — Estou dizendo que senti sua falta, Becky. É bom estar aqui com você.

— Não é disso que estou falando, imbecil.

— Becky, acho que eu saberia se fosse gay — insistiu Alek. — Agora podemos mudar de assunto?

— Então você está dizendo que não é? — insistiu Becky.

— Olha, não é porque eu não quis beijar você que isso quer dizer que eu goste de garotos — respondeu Alek.

Becky colocou o refrigerante na mesa e se levantou.

— Escute, é muito bom conversar com você e eu também senti a sua falta. Não tive companhia para ver filmes, e, mesmo que Mandy e Suzie estivessem aqui, eu gosto mais de você do que delas, mas, se você disser coisas idiotas assim, vai ter de sair daqui agora, entendeu?

Alek levou um susto com a explosão da amiga e derrubou o refrigerante sem querer.

— Seu imbecil. — Becky correu até o banheiro e voltou com toalhas de papel úmidas. — Agora preste atenção, bata delicadamente para tirar a mancha.

— Obrigado, Martha Stewart.

Alek fez bolinhas com as toalhas de papel, deu batidinhas até a mancha sumir e jogou no cesto de lixo.

— Me desculpe, Becky.

— Tudo bem.

Becky se sentou e, de repente, estava tudo bem de novo.

— Acho que o que quero dizer é que não penso em garotos desse jeito. Não sei o que dizer. Eu já tenho 14 anos. Você não acha que, se eu fosse gay, eu já saberia?

— Não sei. Um dos meus tios só saiu do armário quando tinha uns 40 e poucos anos. Já era casado e tinha filhos. Eu adorava passar o Dia de Ação de Graças com ele. Meu tio, a ex-mulher dele, o novo companheiro dele, o segundo marido da ex-mulher, os filhos do primeiro casamento e os filhos do segundo casamento da ex-mulher. Aquela árvore genealógica tinha galhos para todos os lados.

— Ah, atualmente ninguém espera tanto tempo para sair do armário.

— Só estou dizendo que me parece que você está a fim do Ethan. Nem sei se isso quer dizer que você é gay.

Alek desviou o olhar. A possibilidade de ser gay nunca tinha lhe ocorrido. Ele havia gostado de beijar as namoradas que teve. Nunca olhava garotas na rua da forma como alguns caras da idade dele faziam, mas foi criado para agir com educação. E nunca pensou em garotos dessa forma quando estava trocando de roupa no vestiário para a aula de educação física.

— Becky, se eu fosse gay, e não estou dizendo que seja, mas se eu fosse você ainda ia querer ser minha melhor amiga?

Fazer essa pergunta de forma direta exigiu toda coragem que Alek conseguiu reunir.

— Você está falando sério?

— Muito.

— Alek, não quero ser grosseira, mas não ligo se você é gay ou não. Ninguém liga. — Alek começou a dizer alguma coisa, mas Becky continuou a falar, sem dar a ele a chance de responder. — Porque qualquer pessoa que pense que há algo de errado em ser gay é igual a uma daquelas pessoas sobre as quais lemos na aula de história, que acreditavam em segregação. Mas aposto que Ethan liga, porque me parece que ele está a fim de você também.

— Becky, você é uma melhor amiga maravilhosa.

— E você é um grosso. Vá pedir desculpas a Ethan. Como você pediu desculpas a mim, não tem motivo para não pedir desculpas a ele. Eu sou bem mais intimidante do que ele.

10

— Ninguém chega na igreja na hora — insistiu Alek, em meio a um bocejo, enquanto os Khederian executavam o ritual caótico de domingo de manhã de tentar sair de casa. Fazia sentido que o único jeito que os pais escolheram de desafiar a tradição armênia era teimando na pontualidade. — Semana passada, os Hagopian só apareceram depois que estávamos lá havia duas horas. Duas horas!

— É importante, para mim, dar um bom exemplo — insistiu a mãe.

"Exemplo para quem?", Alek teve vontade de perguntar, mas decidiu não arriscar.

Apesar dos planos, preparativos e cálculos feitos todos os sábados à noite, sempre parecia que o universo conspirava contra eles e gerava uma série de eventos que impediam que os Khederian saíssem de casa na manhã seguinte na hora certa para fazer o trajeto de 90 minutos para chegar à igreja com tranquilidade. Naquela manhã, por exemplo, cada vez que Alek ia usar o banheiro, Nik já estava lá dentro. Além do mais, e de forma igualmente inexplicável, ele passou 15 minutos procurando o paletó e a gravata que tinha separado na noite anterior, e acabou descobrindo que foram parar no porão.

E, quando o universo não estava atrapalhando, os pais estavam. Inevitavelmente, quando a família estava pronta para sair, os pais lembravam alguma coisa que *precisava* ser feita antes de eles partirem. Naquele dia, *precisavam* varrer a garagem.

— Terminaram, garotos? — gritou o pai.

Alek se ajoelhou, segurando a pá o mais longe de si possível, enquanto Nik varria na direção dele.

— Você está me sujando de propósito!

— Não estou, você que não sabe segurar a pá — protestou Nik.

— Me desculpe, meu irmão mais velho da turma especial. Por favor, me mostre a forma correta de segurar uma pá.

Nik largou a vassoura e pegou a pá na mão de Alek.

— Está vendo, você tem de segurar para cima, assim — instruiu ele.

— Era o que eu estava fazendo! E isso era o que *você* estava fazendo. — Alek demonstrou usando a vassoura para jogar sujeira em Nik.

— Mãe, Alek está fazendo uma sujeirada! — reclamou Nik, quando a mãe entrou na garagem.

— Aleksander, não suje as roupas do seu irmão! Já estamos atrasados!

Ela segurou o colar de pérolas no pescoço e olhou para o relógio ansiosa.

— Só estamos atrasados porque vocês obrigaram a gente a limpar a garagem! — gritou Alek. — Ainda não entendi por que isso não podia esperar até voltarmos!

— Ah, Deus que me perdoe se alguma coisa acontecesse conosco e alguém tivesse de entrar na nossa casa. O que pensaria se encontrasse a garagem suja?

— Deixe ver se eu entendi... — disse Alek. — Se, que Deus não permita, nós fôssemos sequestrados ou sofrêssemos um acidente de carro horrível, uma coisa tão terrível que alguém fosse obrigado a entrar na nossa casa, o que preocupa você é a limpeza da garagem? Numa situação dessas, eu *espero* que essa seja a pior coisa em que tenhamos de pensar.

— Por que você é sempre tão mórbido, Alek? — perguntou a mãe.

— Falando sério — disse o irmão. — Você já pensou em fazer terapia? — Nik se virou e falou com a mãe. — Tudo bem, mãe. Posso terminar aqui sozinho.

— Obrigada, querido. Sei que sempre posso contar com você. — Ela se virou para Alek. — Você pode me ajudar a procurar a chave do carro?

Alek revirou os olhos. O ato final do ritual de partida da manhã de domingo era quando os pais perdiam alguma coisa sem a qual não podiam sair.

— Mas vocês têm *três* cópias! Não estão conseguindo achar nenhuma?

— Ah, você sabe que perdi uma mês passado, quando minha bolsa foi roubada — relembrou a mãe.

— Não foi roubada. Você esqueceu a bolsa dentro do carrinho do supermercado!

— Bem, sim, mas ninguém devolveu ao achados e perdidos, certo? Isso quer dizer que foi roubada.

Alek levou as mãos à cabeça.

— Bem, e a chave reserva?

— Deixamos com os Eisinger, para o caso de uma emergência.

— E por que vocês não correm até lá para pegar?

— Querido, você sabe como está cedo? E é domingo. Eu detestaria incomodá-los.

Alek pensou em chamar a atenção da mãe sobre o quanto é ridículo pedir a vizinhos que guardem uma chave para o caso de uma emergência e, depois, decidir não pedi-las quando uma emergência realmente acontece, mas preferiu usar uma tática mais prática.

— E a chave do papai?

— Ah, tenho certeza de que a coloquei bem aqui quando cheguei ontem à noite — disse o pai, inspecionando a tigela vazia na mesa semicircular ao lado da porta.

— Você refez seus passos depois que entrou? — perguntou a mãe.

— É uma boa ideia, querida! Vamos ver, eu entrei, tirei os sapatos e fui ao banheiro — disse o pai de Alek, recriando cada incidente enquanto falava.

— Aí lavei as mãos, fui ao porão… não, espere, fui primeiro à cozinha e tomei um copo de água. Ou foi de Pellegrino?

— Acho que você não precisa narrar *cada* detalhe — disse Alek, por entre os dentes. — Só ver se as chaves foram parar em outro lugar.

— Agora você interrompeu minha concentração e vou ter de começar de novo — disse o pai. Ele voltou para a porta de entrada. — Eu entrei ontem à noite, tirei os sapatos e fui ao banheiro. Depois disso, fui ao porão, espere, não, à cozinha, e então…

— Encontrei a chave. Está no carro — gritou Nik, da garagem.

— Sim! Foi isso! Devo ter deixado no carro! — exclamou o pai de Alek.

Foram todos para a garagem, e Alek fez um agradecimento em silêncio porque Nik não pediu para dirigir. Seu irmão não dirigia mal, mas a forma como a mãe apertava as mãos como se estivesse em uma montanha-russa cada vez que Nik praticava com a licença temporária aumentava o nível de estresse de todo mundo.

Alguns quilômetros depois, quando eles iam entrar na rodovia, a mãe perguntou:

— Alguém se lembrou de trazer o tabule?

Todos gemeram ao mesmo tempo, e, uma meia-volta depois, eles estavam retornando para casa a fim de pegar a salada com trigo, salsinha e tomate que o pai havia preparado na noite anterior para o almoço que se seguia à missa.

E eles voltaram à estrada, com o pote de tabule no colo de Alek, porque o pai tinha medo de que a comida derramasse caso viajasse no porta-malas. Alek desistiu de atentar para o fato de que o pote de plástico podia guardar qualquer líquido com segurança quando devidamente fechado.

Alek olhou para o relógio do carro. Os números 7h45 pareciam estar debochando dele, porque ele sabia que, em vez de apenas chegar atrasado como todo mundo, o pai insistiria em ir rápido para tentar compensar o tempo perdido. Alek rezou para que eles não fossem parados pela polícia, como acontecera no ano anterior. Ver a mãe tentar convencer, implorar e ameaçar o policial para não receber uma multa foi divertido, mas ele preferia não arriscar outro encontro com a lei.

Eles chegaram à igreja na hora que a missa estava começando e entraram correndo na catedral, entregando o tabule a um voluntário, como se entrega um bastão em uma corrida olímpica de revezamento. Alek precisou usar seu arsenal inteiro de atividades e exercícios mentais para ficar acordado durante a missa. Primeiro, contou o número de pessoas presentes — naquele domingo, 157 armênios e seus entes queridos tinham acordado cedo para chegar às nove da manhã. Ou melhor, esse era o número de pessoas sentadas nos bancos ao final da missa. Como Alek previu, a maioria chegou atrasada, ao longo da hora seguinte.

Depois, começou a nomear todas as cenas representadas nos vitrais: os arcanjos, a Sagrada Família, a Ascensão. Por último, chegou ao santo padroeiro da igreja, São Estêvão, o primeiro mártir cristão, que supostamente orou para que Cristo perdoasse seus assassinos enquanto eles o matavam

apedrejado. Os olhos de Alek ficaram grudados em São Estêvão, torcendo para que Ethan fosse tão gentil com ele no dia seguinte quanto o santo foi com seus assassinos. Afinal, surtar no refeitório tinha de ser uma ofensa menor do que matar por apedrejamento. Mesmo que depois do surto você tivesse se sentado ao lado da pessoa, na aula de álgebra, durante dois dias, querendo, mas sem conseguir, pedir desculpas. Certo?

Alek viu os padres andarem pelos corredores, balançando os globos de metal cheios de incenso fumacento presos a varas com correntes. Todas as vezes, Alek torcia para uma das correntes arrebentar, jogando as bolas de metal e o incenso quente por toda a congregação. Ele não queria que a catedral pegasse fogo, mas achava que seria uma distração bem-vinda.

O padre estava finalmente seguindo para preparar a comunhão, que seria seguida pelo sermão. Depois do sermão feito em armênio, o padre repetiria em inglês para que todos os falsos armênios, como Alek, que não conseguiam entender a língua, ainda pudessem se beneficiar das sábias palavras. Nik sempre fazia questão de reagir na primeira etapa do sermão, para que a congregação inteira pudesse ver que ele entendia armênio. Às vezes, Alek reagia junto, assentindo com sabedoria ao lado dos adultos ou fazendo expressão solene em determinadas passagens, só para irritar Nik.

Duas horas e meia depois, o serviço finalmente terminou, e as famílias saíram da catedral e entraram na fila do almoço, com o qual todos contribuíram. Quando o tempo permitia, como hoje, eles se sentavam ao ar livre, no grande gramado atrás da igreja. O tempo também era usado para manter a congregação integrada com as várias organizações relacionadas, como as aulas de sábado e domingo, aulas de conversação de armênio e de estudos bíblicos, e a divisão da Organização Jovem da Igreja Armênia da América, da qual Nik era integrante ativo, como era previsível. Alek temia o dia em que os pais o forçariam a entrar para um dos grupos jovens da igreja.

Os Khederian foram uma das últimas famílias a chegar ao almoço, pois, na missa, a mãe de Alek gostava de se sentar na frente. Quando chegaram ao prato de tabule na mesa de comida, ele já estava quase no fim. Alek conseguiu ver o pai dar um sorriso orgulhoso, principalmente porque outra vasilha de tabule ao lado estava intocada. Depois de encherem os pratos com cordeiro, pães, iogurte e salada, os Khederian se juntaram aos pais da namorada de Nik, os Hovanian, em uma mesa redonda e grande.

— Quer mais limonada? — perguntou Nik a Nanar antes de se sentar.

— Não, obrigada — respondeu Nanar com formalidade.

Alek nunca conseguiu entender direito a namorada de Nik. Ela tinha quase a altura do irmão, mas possuía curvas, enquanto ele era reto como um poste, com cabelo e olhos castanho-escuros típicos dos armênios. Embora fosse poucos meses mais velha do que Nik, ela quase parecia uma mulher, enquanto Nik ainda estava naquele período constrangedor entre ser garoto e ser homem. A única coisa que Alek conseguia perceber que ela e Nik tinham em comum, além de serem armênios, era a vontade de agradar os pais.

— Tem certeza? — perguntou Nik, de novo.

— Sim, tenho certeza. Obrigada, Andranik — respondeu Nanar.

Nik se sentou ao lado da namorada. Mas, em vez de mergulhar na comida na mesma hora, ele esperou um momento, olhou para ela e sorriu. Nanar sorriu para ele e colocou a mão sobre a dele. A cena toda demorou apenas alguns segundos, mas lembrou a Alek o quanto Nik sorria mais quando estava perto de Nanar.

A senhora Hovanian comeu um pedaço de *bureg*, um triângulo saboroso de massa, e começou a tossir violentamente. Ela era uma mulher gorducha, mais baixa e mais escura do que a maioria dos armênios, com nariz protuberante e bochechas vermelhas. Por um momento, Alek pensou que ela fosse cometer o imperdoável pecado armênio de cuspir comida, mas conseguiu engolir com a ajuda de um grande gole de água.

— Você está bem? — perguntou a mãe de Alek.

— *Estou*. Mas queria poder dizer o mesmo do *bureg* dos Kirikian — reclamou ela, colocando o resto do salgado em um guardanapo. — Está tão seco. Acho que é o que acontece quando se coloca uma mulher macedônia para prepará-los e finge que foi você que fez. Você acha que alguma de nós faria um *bureg* seco assim?

— Claro que não, querida — concordou o senhor Hovanian, um homem alto e prematuramente calvo. — Não é mesmo, Nanar?

— Sim, papai — concordou Nanar, baixinho.

— Eu acho o *bureg* dos Kirikian bom — arriscou o pai de Alek.

A senhora Hovanian riu alto.

— É muita gentileza sua, Boghos, mas não posso deixar de reparar que você não pegou nenhum.

— Você experimentou o *sarma*? — perguntou a mãe de Alek.

— Nós gostaríamos, mas é só repolho recheado — reclamou a senhora Hovanian. — Não tem nenhuma folha de uva. Eu também torci para encontrar *dolma*, mas todos os pimentões recheados tinham acabado quando cheguei à mesa, e decidi não comer abobrinha, pois acho as colhidas no verão fibrosas demais. Mas é claro que amamos seu tabule, Kadarine. Nanar, diga à senhora Khederian o quanto você gostou do tabule.

— Tem sempre a proporção perfeita de trigo, salsinha e tomates, senhora Khederian — respondeu Nanar na hora certa.

— É uma receita de família — revelou a mãe de Alek, com um sorriso largo.

— Boghos, Kadarine, vocês nos dão licença por um momento? — disse a senhora Hovanian, levantando-se. O marido e a filha a imitaram. — Nós gostaríamos de perguntar aos Kalfayan sobre dividirmos um carro nas férias. E, por favor, ninguém mencione o *kufteh* que eles fizeram na viagem do ano passado. A carne estava temperada demais, fiquei enjoada a viagem toda!

A mãe de Alek os viu se afastar. Assim que os Hovanian estavam longe, ela disse:

— Vocês conseguem imaginar o quanto deve ser difícil passar a vida encontrando defeito em tudo?

— Deve ser muito difícil pra você imaginar isso — respondeu Alek. Mas ninguém na família dele reparou na ironia.

Os Hovanian voltaram alguns momentos depois, sorrindo.

— Como os Kalfayan vão alugar uma minivan, vamos poder pegar carona com eles até as Cataratas do Niágara — comunicou, com alegria, a senhora Hovanian.

Nanar se dirigiu a Alek.

— Fiquei triste de saber que você não vai poder viajar conosco, Alek. Eu estava ansiosa para passar mais tempo com você.

Alek ficou tocado pela sinceridade de Nanar.

— Nanar, não se preocupe com isso.

— Mas mamãe e papai vão deixar Alek escolher as férias do ano que vem — disse Nik.

Alek esperou o insulto ou crítica que viria em seguida, mas Nik só continuou comendo o *bureg*. A gentileza de Nanar parecia transformar o irmão em um ser humano normal.

— Mãe, pai, não se esqueçam de deixar o número do telefone do hotel para que eu possa fazer contato se acontecer alguma coisa e vocês estiverem sem sinal no celular. — Alek espetou um pedaço de cordeiro e o colocou na boca.

— Vamos deixar todas essas informações com a babá — garantiu a mãe.

— Que babá? — Alek sorriu para a mãe.

A mãe de Alek pareceu confusa.

— O que você quer dizer, querido? — perguntou ela, tentando manter as aparências por causa dos Hovanian.

— Bem, os pais de Becky a deixam sozinha desde que ela tinha 13 anos.

— Mas é só por um fim de semana. Nós vamos ficar fora uma semana inteira.

— Não chega a ser uma semana inteira. Vocês viajam na terça e voltam no domingo, então, são só cinco dias, na verdade. Além do mais, tenho *14 anos*! Você está dizendo que não sei me cuidar?

— Alek — começou o pai —, por que não falamos sobre isso mais tarde?

Alek sabia o que isso queria dizer: *Não vamos permitir que você faça do seu jeito de maneira nenhuma, mas, como não queremos parecer tiranos na frente dos Hovanian, vamos esperar para nos impor quando estivermos sozinhos.*

— Sabe, papai começou a levar mamãe nas viagens de trabalho quando fiz 14 anos — disse Nanar.

Alek olhou para Nanar com gratidão por ressuscitar sua chance de alguns dias de liberdade.

— É mesmo? — A mãe de Alek deu um sorriso fraco.

— Acho bom para os jovens terem um pouco de independência. Ajuda no crescimento — explicou o senhor Hovanian. — Além do mais, com e-mail, celular e Facebook…

— Você tem conta de Facebook, senhor Hovanian? — perguntou Alek.

— Claro que ele tem. Nós dois temos! — confirmou a senhora

Hovanian. — De que outra forma você acha que mantemos contato com a AGBU[1] e o United Armenian Fund[2]?

— Com tanta tecnologia, ficar de olho nos filhos nunca foi tão fácil. Mesmo quando se está longe — concluiu o senhor Hovanian.

— E, se alguma coisa acontecer, eu posso correr para a casa dos Eisinger — acrescentou Alek. — Desde que não seja muito cedo, eu odiaria ser inconveniente por causa de uma emergência.

Alek lamentou a crítica na mesma hora, mas não conseguiu evitar.

— Acho que, se fizéssemos uma lista de regras para você seguir sabendo que ficaria de castigo pelo resto da vida se quebrasse qualquer uma delas e se você prometesse ligar todos os dias e noites, talvez fosse possível — disse a mãe de Alek.

Alek olhou para Nik. Aquela era a hora em que ele diria alguma coisa que estragaria tudo. Como esperado, Nik abriu a boca para falar.

— Ah, mãe, relaxe. Ele vai ficar bem.

Alek ficou olhando para o irmão, estupefato. Mas Nik continuou comendo e olhando nos olhos da namorada.

A mãe de Alek buscou a aprovação do marido com o olhar. Quando ele assentiu, ela disse:

— Só um amigo em casa de cada vez, você tem de estar na cama às 23h, não pode ver mais de uma hora de televisão em dias de aula…

— Uau! Uma hora inteira! Vocês estão ficando bonzinhos com a idade.

A mãe ignorou a ironia de Alek.

— E você tem de ligar todos os dias…

— …pelo menos uma vez — acrescentou o pai.

— …*pelo menos* uma vez para nos dizer que está tudo bem.

— Combinado.

******

A luz laranja estranha tremia, desafiando Alek a entrar. Ele se lembrava vividamente de Jack o empurrando e subindo em cima dele na última vez que ousou ir até o outro lado. Mas havia jurado que pediria desculpas a Ethan naquele dia e, como não conseguiu falar com ele durante a aula de álgebra, não tinha alternativa além de encarar o túnel, Jack e o resto dos desistentes.

Alek deu um passo e depois outro. Quando estava na metade do caminho, as luzes se apagaram, deixando-o na escuridão. Alek se obrigou a continuar andando, mantendo o foco na promessa de luz no final da caminhada.

Quando finalmente saiu, viu os desistentes andando de skate, virando e deslizando pelo estacionamento que tinham ocupado. Antes que pudesse localizar Ethan, ele ouviu a voz de Jack explodir do outro lado do estacionamento.

— O que você está fazendo aqui, imbecil?

— Foda-se, babaca — respondeu Alek, sem hesitar.

— Legal. — Alek ouviu uma voz dizer isso, virou-se e viu Ethan no skate, deslizando preguiçosamente ao redor de um cone. — Achei que ia ter de salvar sua pele como na última vez.

— Você não vai mais precisar me salvar, Ethan.

— É porque vou estar ocupado demais indo para o inferno?

— Olha só.

Alek respirou fundo. Viu-se querendo olhar para qualquer coisa, menos para Ethan, como o cadarço desamarrado do tênis esquerdo ou um cara de boné virado para trás colando fita adesiva no skate, mas se obrigou a fazer contato visual.

— Peço desculpas pelo que aconteceu.

— Ainda bem.

— De verdade. — Ele queria poder estar sozinho com Ethan, mas, se era ali que o pedido de desculpas teria de acontecer, então que fosse. — Acho que minha reação foi exagerada.

— Não diga!

— Eu só achei…

— Você deixou bem claro o que achou. Achou que fiquei constrangido de ser visto com você na frente dos meus amigos. Vou dizer uma coisa, *cara*. Cada um desses caras, mesmo os mais babacas, como o Jack, me aceita como sou. Não estou dizendo que organizaram uma festa quando saí do armário, mas eles não ligam de eu ser gay. E eu acho isso incrível, principalmente considerando que nenhum deles é. Portanto, eles só estavam se divertindo naquele dia. Todo o resto foi merda da sua cabeça.

As palavras de Ethan magoaram Alek, mas não por não serem verdade. Ele engoliu a resposta e o orgulho.

— É por isso que estou aqui agora, Ethan. Porque sei que agi como um imbecil. Vim pedir desculpas. Tome.

Alek tirou um pacote da mochila e entregou a Ethan.

— O que é isso?

— Eu acho que pedir desculpas é fácil. É só dizer “Me desculpe” e esperar que tudo fique bem. Presentes funcionam melhor. Eles dizem “Me desculpe e estou disposto a gastar uns dólares e um tempo para mostrar a você o quanto eu me arrependo”.

— Legal, Polly-O — Ethan assentiu com aprovação.

— Então abra logo!

Ethan se sentou no skate de costas para Alek e abriu o pacote. Quando o papel, em pedaços, caiu no chão, Ethan levantou o que tinha dentro.

— Um livro? — disse ele.

— Folheie — pediu. Enquanto Ethan fazia isso, Alek continuou falando. — Lembra que os CDs vinham com encartes com as letras das músicas? Então, eu fiz um livreto com todas as letras do Rufus. Organizei por disco, então começa com *Rufus Wainwright*, depois vem *Poses*, *Want one* e *two*, *Release the stars*, *All days are nights* e, por último, *Out of the game*. — Ethan não disse nada, então Alek prosseguiu. — Tenho certeza de que você já sabe

quase todas as letras, mas achei que seria legal ter todas impressas e juntas, sei lá.

Alek esperava que isso fosse arrancar ao menos algum tipo de reação de Ethan, mas ele não disse nada. Depois de mais alguns momentos de silêncio, Alek acrescentou:

— Espero que você não ache idiotice, mas eu não sabia o que dar a você. Não sei nada sobre skate nem…

Os ombros de Ethan começaram a sacudir. Alek deu dois passos para trás.

— Olha, se você não quiser, posso pegar de volta — disse Alek, magoado.

Ser sincero era uma coisa, mas ele não ia permitir que Ethan risse dele pela oferta de paz que passou quase todo o fim de semana preparando.

Ethan então olhou para Alek, que viu lágrimas escorrendo pelo rosto dele.

— Venha comigo — disse Ethan.

Sem esperar resposta, Ethan pegou o skate e começou a deslizar.

— Vejo vocês depois — gritou ele por cima do ombro, limpando o nariz com as costas da mão.

— Tchau, Ethan — gritou Jack.

— Até amanhã — gritou um cara de cabelo espetado.

Ethan se virou.

— Está esperando o quê? — perguntou ele a Alek, que estava paralisado como uma estátua de Rodin.

Alek pegou a mochila e saiu correndo atrás do garoto no skate.

1 Armenian General Benevolent Union (AGBU). Organização sem fins lucrativos cujo objetivo é divulgar e proteger o patrimônio armênio por meio de programas educacionais, culturais e humanitários. (N.E.)

2 Organização não governamental que arrecada fundos para a república da Armênia. (N.E.)

11

Ethan saltou do skate e destrancou a porta da frente de uma casa geminada marrom, usando uma chave presa a uma das muitas correntes penduradas na roupa. Seguiu pelos montes de livros, discos, CDs, DVDs, revistas e jornais empilhados em todos os cantos, em prateleiras e encostados em toda superfície de parede disponível. Era difícil identificar que tipo de mobília havia na casa, porque tudo estava afogado em pilhas.

— Meu pai gosta dessas coisas — disse Ethan com sarcasmo, respondendo à pergunta silenciosa de Alek.

— O que ele faz com tudo isso? — quis saber Alek, apontando os livros, CDs e DVDs.

— Ele leu, ouviu ou assistiu todos os livros, discos e DVDs desta casa.

— Você está brincando?

Mas Ethan continuava andando.

Alek foi atrás dele até o quarto, pensando no quanto aquele local teria sido apavorante poucas semanas antes.

— Feche a porta — disse Ethan por cima do ombro.

Cada parede do quarto de Ethan era coberta de imagens, fazendo Alek sentir como se tivesse entrado em um caleidoscópio. Até o teto tinha imagens coladas.

Ethan pegou uma lixeira verde de plástico de tamanho médio que estava debaixo da cama. Enquanto mexia no que tinha dentro, Alek tentou decifrar os recortes de revistas, pôsteres e impressões espalhados ao redor dele.

Todas as imagens eram de homens. Alguns eram astros de cinema, como Ryan Gosling, Bradley Cooper, Jude Law e Johnny Depp. Outros eram atletas. Alek reconheceu Tom Brady, Drew Brees, Aaron Rodgers, Rafael Nadal, Dwayne Wade e Joe Mauer. E Alek percebeu que alguns eram celebridades gays, como Anderson Cooper, Neil Patrick Harris e Alan Cumming.

Havia uma parede inteira dedicada a modelos em vários pontos de seminudez. Alek pensou que estava vendo mais homens seminus no quarto de Ethan do que vira em toda a sua vida. Não conseguiu encontrar nenhum poster com um homem nu fotografado de frente, mas muitos estavam nus da cintura para cima, e alguns estavam totalmente nus, mas fotografados de uma forma que só aparecia parte da virilha ou a bunda. Corando, Alek voltou

a olhar para Ethan, que tinha finalmente encontrado o que estava procurando. Ele colocou a lixeira verde de volta debaixo da cama e se virou para Alek.

— Olhe isto.

Alek olhou para o livreto, estupefato. Tinha as letras de todas as músicas de Rufus, organizadas por disco. Era quase idêntico ao que Alek havia dado a Ethan.

— Estou revirando minha memória pensando em todas as conversas que tivemos — disse Ethan. — E tenho certeza de que não mencionei que tinha isto. Então só posso concluir que seja pura coincidência você ter feito um para mim. E isso é muito louco, cara.

— Por quê? Tenho certeza de que muita gente sabe que você ama Rufus.

— Não ganhei isso de qualquer pessoa. Foi um presente. Do meu ex-namorado.

O olhar de Ethan se dirigiu até a foto no porta-retratos que mostrava uma imagem dele com o braço ao redor de um cara alto e bonito, com maxilar firme e cabelo louro encaracolado.

— É ele?

— É, Remi.

— Por que vocês terminaram?

— É uma longa história.

— Se você não quiser me contar, não precisa, Ethan, mas eu queria que contasse.

— Não é que eu não queira, é que… bem, é constrangedor.

— Mais constrangedor do que mandar uma pessoa ir para o inferno?

Ethan riu, apesar de tudo.

— Ah, não tão constrangedor. Nada seria *tão* constrangedor.

— Então o que você está esperando?

Ethan pulou na cama e se deitou de barriga para baixo. Alek se sentou no chão ao lado da cama e olhou para ele.

— Remi era aluno do meu pai na NYU. Era australiano. Meu pai o achava inteligente, mas os trabalhos dele deixavam a desejar. Então, pediu para conversar com Remi um dia depois da aula e perguntou o que estava acontecendo. No fim das contas, Remi quase não conseguia se dedicar aos estudos porque a vida dele estava desmoronando.

— O que você quer dizer?

— Os pais dele perderam todo o dinheiro que tinham pouco antes de as aulas começarem, e ele teve de arranjar um monte de empregos pra se sustentar e mal conseguia ter tempo para se dedicar aos estudos. Ele não tinha dinheiro para morar em um alojamento, então dormia cada dia no sofá de um amigo diferente. Meu pai surtou quando soube que Remi tinha passado algumas noites na rua e falou para ele ficar no nosso quarto de hóspedes até encontrar moradia regular. Acho que era para ser temporário, mas, quando o semestre de primavera acabou, Remi ainda estava aqui. Meu pai gostava da companhia dele, e ele fazia todas as coisas que meu pai odiava, como passar o aspirador e lavar louça e roupa. E, claro, eu não me importava, porque a essa altura nosso relacionamento já estava bem sério.

— Mas ele devia ser bem mais velho do que você.

— Não muito. Ele tinha pulado um ano, então só tinha 17 anos, e eu tinha acabado de fazer 15. Não foi nada de mais. E olhe para ele. — Ethan entregou o retrato a Alek. — Ele era o tipo de cara que chamava a atenção.

— Seu pai surtou quando descobriu que vocês estavam juntos?

— Sinceramente, nem sei se ele soube. Na maior parte do tempo, acho que ele não tinha ideia de nada. Acho que pensava que Remi seria como o irmão mais velho que nunca tive, e de muitas maneiras ele foi, mesmo. Remi me fez gostar de Rufus e, apesar de eu já ter ido muito à cidade antes de conhecê-lo, ele tinha um talento para encontrar pessoas e lugares legais. Ele sempre dizia que, se ficasse sozinho no deserto, não sobreviveria nem um dia, mas, em uma cidade, saberia se virar. Foi ele que me ensinou o truque do banheiro do trem e como andar pela cidade gastando dez dólares o dia todo…

— Ah, isso me fez lembrar. Ainda fiquei com cinco dólares sobrando.

— Isso porque decidi pular a última parte.

— Por quê?

— Porque você estava agindo como uma biba azeda. Vai ficar para a próxima vez.

Alek inspirou fundo. Sua mente disparou pensando nas possibilidades que um novo dia em Nova York com Ethan poderia trazer.

— Onde eu estava? — Ethan se sentou. — Ah. Remi sabia andar pela cidade. Espere só até eu mostrar o truque dele na Barnes & Noble ou o especial do guarda-chuva.

— O que isso quer dizer? — Alek perguntou, ansioso.

— Já falei, você vai ter de esperar para ver — disse Ethan, achando graça, inclinando-se para a frente de modo a enfatizar o que dizia.

Alek chegou um pouco para trás e esticou as pernas.

— Sei que pode parecer idiotice — prosseguiu Ethan —, mas achei que ia passar o resto da vida com ele. Desde o momento em que nos conhecemos, tudo pareceu tão certo.

— Ah, ele parece perfeito — disse Alek.

— Era mesmo — confirmou Ethan. — *Acho* que era.

— Você *acha*?

— Bem, é que às vezes… — Ele parou de falar e olhou para longe.

— O quê, Ethan?

— Às vezes ele fazia coisas que me aborreciam. Mas eu sabia que era eu que estava sendo imaturo.

— Como o quê?

— Algumas noites, ele não voltava para casa. Eu ficava esperando até as duas ou três da manhã e nada, nem uma mensagem de texto, nem uma ligação, nada. E, sempre que eu perguntava aonde ele tinha ido, ele dizia que tinha ficado estudando até tarde na casa de um amigo. Mas, no dia seguinte, encontrávamos alguns amigos dele, que acabavam deixando escapar que eles tinham ido a uma boate na noite anterior. Você entendeu? Umas merdas ruins assim. Eu nem ligava, na verdade. Ele estava na faculdade e podia fazer o que quisesse. Mas eu queria que ele não mentisse pra mim, sabe?

Principalmente porque eu sabia que ele estava ficando com outros caras.

— Ele traiu você?

— Não foi traição de verdade, porque não tínhamos um relacionamento monogâmico.

— É mesmo?

— É, isso é bem normal no mundo gay. — Ethan se deitou de bruços de novo. — Eu só soube quando Remi me falou. Eu odiava a ideia de ele estar na cidade o tempo todo com tanta tentação. Mas Remi disse: "Não vou deixar um adolescente americano me amarrar quando estou no meu ápice sexual, independentemente do quanto ele seja lindo" — citou Ethan, usando um sotaque australiano. — Depois que ele sumiu, eu prometi a mim mesmo que nunca mais namoraria ninguém se não fosse só entre nós dois. Foi muito difícil do outro jeito.

— E o que aconteceu?

Ethan não respondeu.

Alek chegou um pouco mais perto da cama de Ethan e disse baixinho:

— Me conte, Ethan. Por favor.

— Bem, um dia, no meio do verão passado, eu acordei e ele não estava aqui.

— Ficou fora a noite toda de novo?

— Não, tinha ido embora de vez. Arrumou as malas e desapareceu, como se nunca tivesse morado aqui. Eu sei que tinham coisas acontecendo com a família dele na Austrália. Ele não sabia se teria dinheiro para o semestre seguinte, e acho que o pai dele estava doente. Mas nunca imaginei que ele sumiria assim. Ele foi meu primeiro tudo. — Ethan fez uma pausa para dar ênfase ao que falou.

Alek olhou para ele sem entender.

— Meu primeiro *tudo* — repetiu Ethan.

— Ah! — exclamou Alek.

— Quer dizer, eu já tinha dado uns amassos em alguns caras antes dele, mas só isso. Quando ele desapareceu, já estávamos juntos havia meses. E estávamos firmes. Pelo menos, eu achava que estávamos. E, de repente, ele sumiu. Sem bilhete, sem nada. Perguntei ao meu pai, e ele disse: "Ele não te falou? Remi resolveu voltar para a Austrália". O fato de ele ter contado ao meu pai e não pra mim acabou comigo. Corri da mesa da cozinha para o quarto, coloquei Rufus para tocar sem parar e chorei o dia inteiro. Eu não conseguia acreditar que ele tinha feito uma coisa daquelas comigo.

— Você tentou mandar um e-mail para ele ou alguma outra coisa assim?

— Claro! Mas a conta dele na NYU foi desativada, então tudo o que mandei voltou. E ele nunca respondeu às mensagens que mandava pelo Facebook, ele nem era de entrar na conta, e eu não sabia o número do telefone da família dele na Austrália. Mesmo hoje em dia, se alguém quiser desaparecer, dá para desaparecer. — Ethan respirou fundo e engoliu em seco. — Quando sequestrei você para irmos à cidade, semana passada, foi no aniversário de um ano da partida de Remi. Eu não ia à cidade desde aquela

data porque me lembrava demais dele. Mas, quando vi que Rufus ia tocar exatamente naquele dia, encarei como um sinal. Sinceramente, me diverti tanto com você que nem pensei nele, só em alguns momentos no *show*.

— Como durante *Do I disappoint you*? — perguntou Alek.

— Você reparou?

Alek assentiu.

— Aquela era nossa música porque, toda vez que ele voltava para casa depois de passar a noite fora, ele cantava para mim e eu tinha de perdoá-lo — disse Ethan, melancólico. — Eu queria que você o tivesse conhecido, Alek. Acho que você teria gostado dele.

— Eu não gosto — disse Alek.

— O quê?

— Ele parece ser um babaca.

— Você nem o conhece.

— Não preciso conhecer para saber o quanto ele tratou você mal.

— Você não entende, Alek. Remi tinha efeito sobre as pessoas. Vi acontecer com meu pai, com os amigos dele, com estranhos e, sem dúvida, aconteceu comigo. — Ethan se sentou e procurou as palavras certas. — A atenção de Remi parecia um holofote superintenso que iluminava quem estava com ele. Parecia que não existia mais nada no mundo. Estar com ele fazia sentir que estava vivendo de verdade, que cada segundo era importante.

— E por causa disso ele podia tratar você como quisesse? Ele chega, faz você se apaixonar, dorme na sua casa, come sua comida, não assume nenhum compromisso e desaparece sem deixar rastro. Não seria o fim do mundo ele deixar um bilhete ou avisar que ia embora para você poder se despedir. E ninguém tem endereço ou número de telefone na Austrália?

— Você não entende, Alek.

— Acho que entendo, sim! — Alek estava ficando agitado, como acontecia quando falava sobre o Genocídio Armênio. — Sabe, meus pais sempre pedem a mim e ao Nik para pensarmos no que quer dizer ser homem. E eles não estão falando sobre fazer 18 anos. Estão falando sobre assumir responsabilidades e ser bom para as pessoas e ser responsável por suas ações. Remi podia ser *sexy*, divertido e ter bom gosto para música, mas, tenho de dizer, ele não me parece um homem. Olhe como tratou você. Um ano depois e ainda é doido por ele.

— Eu sempre senti que tinha muita sorte de estar com ele — disse Ethan.

— Você não vê, Ethan? Quem teve sorte foi ele.

— Você acha?

— Ethan, olhe só para você. Você é o cara mais legal de South Windsor, todo mundo gosta de você, você se veste bem e até anda de skate, caramba!

— Não é um skate comum. É um *shortboard*, um skate menor.

— Dá no mesmo.

— Não dá! — insistiu Ethan. — O menor é melhor para manobras.

— Tudo bem, você até anda de *shortboard*! Esse cara não valorizou você, mas todo mundo que eu conheço adoraria chamar você de namorado.

— Quando voltei para casa, depois do nosso dia legal na cidade, eu desabei, pensando em Remi e no quanto sentia falta dele. E o dia seguinte foi pior. E quando você se aproximou de mim em frente à máquina de sorvete eu me senti desmoronar por dentro. Perto de Remi, eu sentia que estava sempre tentando agir como se fosse bom o bastante. Mas, com você, não quero fingir nem me esconder. Foi por isso que não falei nada no refeitório naquele dia. Eu sabia que em cinco segundos começaria a chorar no seu ombro.

— É para isso que ele serve, Ethan.

Alek se inclinou, segurou o rosto de Ethan e o beijou.

12

— Você o beijou! — gritou Becky, quase engasgando com o refrigerante.

— Fale baixo. Meus pais ainda não saíram! — sussurrou Alek.

Becky e Alek estavam sentados na cama do quarto dele. O sol da manhã de terça entrava pela janela e iluminava um relógio com formato de robô que ele ganhou de lembrança na festa de *bat mitzvá* de uma amiga.

— Desculpe — sussurrou Becky. — Mas por que você não me contou antes?

— Aconteceu ontem. O que você queria que eu fizesse? Que ligasse para você do quarto dele?

— Ah, não seria má ideia! — disse Becky. — Sou sua melhor amiga. Tenho o direito de saber dessas coisas *antes* que aconteçam.

— Vou tentar me lembrar disso.

— Alek, este é o momento adequado para eu lembrar que você me disse que não é gay?

Alek ficou em silêncio por um momento. Ainda conseguia sentir os lábios de Ethan, uma lembrança que parecia um sonho.

— Acho que me enganei — disse ele, com simplicidade.

— Eu sabia. Eu sabia! Foi por isso que você não me beijou. Nenhum homem hétero poderia resistir ao meu charme.

— Sinceramente, não sei se sou gay. Não vou dizer que nunca mais vou beijar uma garota. Só deve ser menos provável, como é menos provável você fazer novas amizades.

— Vou deixar seu sarcasmo de lado porque este é um momento muito especial para você e, quando relembrar o passado, quero que lembre o quanto fui uma presença apoiadora e amorosa — Becky deu um pulo e começou a andar pelo quarto, que era tão meticulosamente arrumado quanto o resto da casa. — Conta mais! O que aconteceu depois?

— Depois de quê? — perguntou Alek com inocência.

— Depois que você o beijou, seu bobo. Ele surtou? Você surtou? Vocês foram até o fim?

— Você está brincando? Até o fim?

— Apenas me conte o que aconteceu — Becky pegou o Dr. Pepper diet que tinha levado escondido para Alek. — E nada de bebida para você até eu saber de tudo!

Alek fechou os olhos para poder lembrar de todos os detalhes.

— Você devia ter visto a cara dele. Sabe como Ethan é descolado e controlado? Se os olhos dele tivessem arregalado mais, teriam se encostado no meio da cara.

— Foi diferente? Beijar um garoto é diferente de beijar uma garota?

Alek se encostou e procurou as palavras certas.

— Foi completamente igual e completamente diferente. Ele não fazia a barba havia alguns dias, e a barba por fazer arranhou meu rosto. Isso foi diferente.

— Eu conheço algumas garotas que têm barba.

— Becky, você quer que eu fale sobre isso ou quer fazer piadas?

— Fale! Fale! Fale!

Ela se sentou na cadeira de rodinhas em frente à escrivaninha e começou a girar.

— Foi mais rude, e não estou falando apenas da barba. Todas as vezes que beijei uma garota, foi uma coisa delicada. E doce. Mas tem alguma coisa em beijar uma pessoa maior do que você que torna tudo intenso. Não de um jeito ruim. De um jeito *sexy*. Você não precisa se controlar por medo de machucar a pessoa.

— E você sentiu alguma coisa do tipo "É isso"? Ouviu música e fogos de artifício explodirem e pensou "É assim que um beijo deve ser"?

— Foi como sorvete.

— Eu trabalhei no Dairy Queen. Acredite, não é como sorvete.

— Não, o que eu quero dizer é que é como se toda a minha vida eu tivesse tomado *frozen yogurt*. E beijar garotos é sorvete.

— Não consigo acreditar no quanto você parece descolado agora.

— Você está debochando de mim?

— De jeito nenhum, Alek — Becky parou de girar e olhou pela janela. — Sabe esse seu jeito de ficar sempre vermelho? É uma das coisas que eu mais gosto em você. Se qualquer coisa ligeiramente constrangedora acontece, você fica parecendo uma lagosta. Mas agora você não está nem rosado. E quero dizer rosado no sentido de corado, não no sentido de gay.

Alek não precisava olhar no espelho para saber que a amiga estava certa.

— Você está escondendo coisas de mim — Becky pulou na cama de Alek e continuou a saltitar. — Me conte o que mais aconteceu.

— Tudo bem, tudo bem! Mas fique calma — Alek respirou fundo e esperou que Becky se acalmasse para continuar. — É sério, só ficamos nos beijando por um tempo. Não sei quanto tempo porque perdi a noção, como acontece quando a gente está vendo um filme bom.

— Tipo um filme bom da Audrey Hepburn ou um filme bom da Katharine Hepburn?

— Becky — advertiu Alek.

— Deixe pra lá. Eu sei o que você quer dizer.

— Bem, ele superou o choque do meu gesto de beijá-lo rapidinho. E, além de ser homem, ele é a primeira pessoa mais velha que eu beijo. Ele

sabia o que estava fazendo.

Becky rolou na cama de empolgação, batendo as pernas no ar e quase derrubando as latas de refrigerante.

— E depois?

— Um tempo depois, ouvimos uma batida na porta dele, e quase dei um pulo de tão grande que foi o susto. O pai dele tinha voltado para casa e estávamos ocupados demais fazendo, hã, *coisas*, para ouvi-lo.

— Tenho certeza de que sim.

— Então… nós nos separamos, e o pai dele pergunta, do outro lado da porta "Você está aí, Eth?" E ele responde: "Estou, pai, com um amigo". Ele falou de um jeito que deixou claro que aquilo não era um convite, e o pai diz: "Espero que vocês estejam se divertindo". Nós quase morremos de tanto rir. O pai dele se afastou, mas o clima deu uma esfriada, sabe como é?

Alek não conseguia acreditar que o pai de Ethan não insistiu em conhecer o amigo, como seus pais teriam feito. Mas, por outro lado, a ideia de convidar uma pessoa para morar com eles, como o pai de Ethan fez com Remi, jamais ocorreria aos Khederian. Alek esperou até não ouvir mais os passos do pai de Ethan para falar.

— Você acha mesmo que seu pai não sabia sobre você e Remi?

— Acho que não, mas nós não conversamos sobre esse tipo de coisa.

— Você acha que ele surtaria se soubesse que você é gay?

— Olhe para o meu quarto, Alek — Ethan apontou para o casulo feito de rostos, peitos, barrigas e bundas de homem ao redor. — Se você fosse cego, surdo e mudo, ainda assim saberia que eu sou gay. Meu pai não liga. Não tenho esse tipo de proximidade com ele. Nós conversamos sobre livros, músicas e esportes. Não sobre coisas pessoais. E tenho certeza de que ele sabia que Remi era gay quando o convidou para morar com a gente. Ou ele não juntou dois mais dois, ou não tinha importância para ele. Agora que estou pensando no assunto, eu não tinha ninguém com quem conversar sobre Remi como estou conversando com você.

Alek olhou para Becky e percebeu a sorte dele por ter uma amiga como ela.

— O que aconteceu depois? — perguntou Becky.

— Nós conversamos um pouco, sobre nada em especial, só conversa. Aí me dei conta do quanto estava tarde e tive de voltar para casa — Alek se deitou e apoiou a cabeça no travesseiro. — Só quero ver como vai ser na escola amanhã.

— Bem esquisito — disse Becky. — O que você vai fazer? Andar com os desistentes? Talvez você devesse treinar arrotar, peidar e fumar para poder se integrar ao grupo.

— Vou me esforçar.

— Foi muita consideração sua decidir ter sua primeira experiência com garotos em uma segunda-feira, não *qualquer* segunda-feira mas uma que fosse véspera do Quatro de Julho, para você poder usar o feriado que comemora o nascimento desta nação analisando essa experiência com sua melhor amiga.

— Aliás, feliz Dia da Independência — desejou Alek.

— Para você também, garoto. A gente não deveria ir a um churrasco ou outra comemoração esta noite?

— Acho que sim — disse Alek. — Mas, como meus pais vão viajar hoje, acho que vou ficar em casa.

— Ah, Alek, estou muito feliz por você. De verdade. Lembra aquele tio gay que mencionei, que só saiu do armário quando já estava casado e tinha filhos? Pense em todos os anos que ele perdeu. E aqui está você, aos 14 anos, que não é uma idade tão avançada como pode parecer, e já com isso claro sobre você mesmo. Lógico que você teve ajuda da sua melhor amiga, mas mesmo assim.

Alek esperou um comentário sarcástico que destruiria o momento sincero de Becky, mas não houve nenhum.

— Obrigado, Becky — agradeceu com delicadeza.

— Você vai fazer uma festa de "saída do armário"?

— O quê?

— Como uma festa de debutante. Mas para você sair do armário. Você pode me convidar, ou Jason ou Matthew, ou qualquer pessoa com quem andava quando tinha amigos. E usar um vestido bonito. A gente traz presentes.

— Por que você não traz os presentes e a gente pula a parte do vestido?

— Não funciona assim.

— Ah, então não quero seus presentes. Além do mais, sei que você está economizando para comprar patins novos.

— Já comprei.

— O quê?

— Vou ter de dar adeus ao acampamento de patinação, mas, nas duas semanas que trabalhei naquele inferno gelado, ganhei o suficiente para comprar essas belezinhas.

Becky pulou da cama e tirou um par de patins prateados novinhos da mochila.

— Não consigo acreditar que você não me contou logo.

— Acho que seu primeiro beijo gay é uma novidade maior do que meus patins. Mas, agora que já tocamos no assunto, dá uma olhada. Não são lindos? Têm rodinhas maiores, então consigo romper a barreira do som. E dão mais apoio ao calcanhar, e o alinhamento das rodinhas é melhor. Acho que estou apaixonada.

Alek examinou os patins com atenção, inspirando o cheiro de novo.

— Onde ficam os freios, Becky?

— Por favor. Freios são para principiantes. As manobras mais radicais, como patinar por corrimões, são impossíveis com freios.

— Olha só você.

— Bem, acho que está na hora de nos livrarmos das coisas que nos atrapalham — disse Becky.

— Já paramos de falar sobre você? — perguntou Alek. — Porque preciso de conselhos.

— Não deixe que ele faça nada de mais ousado antes do terceiro

encontro. Senão os caras acham que você é fácil.

Alek sorriu.

— Onde você acha que isso vai ficar melhor? — perguntou ele, tirando um pôster do armário e abrindo para Becky ver.

— Quem é?

— Andre Agassi.

— Ele não é o melhor jogador de tênis da história?

— Era. Está aposentado agora. Esta foto é de quando ele não era só o melhor jogador, mas também o mais gostoso. Meu tio me deu de presente de aniversário ano passado e estou com vontade de pendurar há meses, e agora vou pendurar.

— Você não acha que seus pais vão questionar por que…

— …estou pendurando um pôster de um famoso atleta meio armênio na parede? "Só estou homenageando minha herança cultural, mãe e pai, como todos os bons garotos armênios deveriam."

— Olhe você, já pendurando pôsteres de homens gatos. Se ser gay não der certo, você pode tentar ser uma garota adolescente hétero.

— Onde devo colocar?

— Bem ali. Assim, dá para olhar da cama antes de dormir todas as noites.

Alek encostou o pôster na parede para Becky dizer se estava bem centralizado. Depois de alguns ajustes, eles trocaram de lugar para Alek ter certeza de que tinha gostado de como ficava quando visto da cama.

— Estou muito feliz de você ter me contado sobre isso, Alek.

— A quem mais eu contaria? — respondeu Alek com simplicidade.

Apesar de Alek sentir que *podia* contar qualquer coisa a Becky, isso não queria dizer que ele *tinha* de contar tudo. Por exemplo, ele decidiu omitir a reação inicial de Ethan ao ser beijado.

Depois de se recuperar do choque, Ethan se afastou na mesma hora.

— Não quero um beijo de pena de você, Alek.

— O quê?

— Você ficou com pena de mim porque eu contei sobre Remi e foi por isso que me beijou.

A raiva na voz de Ethan surpreendeu Alek, mas não o constrangeu.

— Quem está agindo como maluco agora, Ethan? Se não quer que eu beije você, não vou beijar. Mas, acredite, não estou fazendo por pena.

Ethan pensou no assunto.

— É mesmo?

— Você me ouviu, *cara* — respondeu Alek, dando um soco de brincadeira no braço dele.

Na segurança e privacidade do quarto de Ethan, Alek se sentia mais livre e mais confiante do que em qualquer momento da vida. Então, quando Ethan se inclinou e deu um beijo profundo nele, Alek correspondeu.

Alek olhou para o quanto seu quarto era comum. Transformá-lo para ficar mais com a sua cara seria um desafio que ele se sentia pronto para encarar.

— Como está? — perguntou Becky, ajeitando o pôster. — Está bom?

— Puxe um pouquinho para a direita — instruiu Alek. — Um pouco mais… está ótimo!

Ele pegou um lápis e começou a fazer marcas na parede.

— Então, você vai sair do armário agora? — perguntou Becky.

Alek parou no meio da marca que estava fazendo.

— Como assim?

— Ah, você e Ethan vão andar de mãos dadas na escola? Vão entrar para a Aliança Gay-Hétero no outono? Vão se tornar especialistas em musicais, moda e vinho?

— Não pensei em nada disso. Você acha que as pessoas vão me tratar diferente? Que eu vou me comportar de outro jeito?

— Alek, sua personalidade não mudou, e você não acabou de descobrir que é adotado e não é armênio de verdade. Você ainda é você. Só é um você que gosta de garotos.

— Acho que sim — disse Alek. — Mas não pensei em nenhuma dessas outras coisas.

— Eu não quero provocar estresse, mas você precisa pensar porque, se você e Ethan ficarem de mãos dadas na escola, seu irmão vai saber, e você sabe que ele vai contar aos seus pais, e aí…

— Ah, meu Deus. Meus pais! Eles vão surtar!

Alek colocou o lápis na mesa e sentou no chão. Até o momento, estava flutuando pela emoção de ter beijado Ethan. Mas essas questões o fizeram perceber em quantas outras coisas ele teria de pensar.

— Eles falam em netos desde que consigo lembrar. Ter netos é uma das responsabilidades armênias mais fundamentais. É mais importante do que comemorar o *Remembrance Day* ou boicotar os restaurantes turcos — Alek sentiu uma sensação ruim na mão. Olhou para baixo e viu que tinha quebrado o lápis no meio.

— Não está meio cedo para você pensar em filhos? Você não tem de escolher a cortina da cozinha primeiro?

— Estou dizendo que procriar é uma responsabilidade armênia sagrada.

— É só adotar.

— Não é tão fácil. Passar o DNA adiante é parte da importância.

— Alek, você precisa se acalmar, tá?

— É fácil falar. Você não está prestes a ser renegada pelos seus pais.

Alek não tinha nem pensado no que ele e Ethan fariam na escola. Pelo jeito como Ethan falava e agia, Alek sabia que ele não tinha medo do que as outras pessoas pensavam. Mas Alek ainda nem pensara em nenhuma consequência.

— Por que você não conversa com Ethan? Ele já passou por isso. É aí que ser o mais jovem é bom. Tenho certeza de que ele vai saber o que fazer. Ele parece sempre saber.

— Obrigado, Becky. É uma boa ideia. Vou tentar adiar meu surto até falar com ele.

Alek não tinha pensado em nenhuma dessas coisas quando estava com

Ethan porque o quarto dele parecia ter dimensão própria, longe e distante do resto do mundo. Antes de Alek ir embora, Ethan botou uma música de Rufus para tocar e insistiu para que ele prestasse atenção na letra.

— Que música linda e triste — disse Alek.

— É *One man guy* — respondeu Ethan. — É a minha favorita. Você entende o que ele está dizendo?

— Acho que sim — disse Alek. — É sobre integridade, não é? Que as pessoas vão entender que ele é o tipo de cara que defende aquilo em que acredita e não defende as coisas em que não crê.

— Isso mesmo — Ethan abriu um sorriso. — O pai de Rufus gravou anos atrás. Ele era um cantor *folk* famoso, então "*one man guy*", para ele, era coisa de caubói, sozinho pelos pastos, fazendo a coisa certa. Mas você entende por que eu queria que você ouvisse?

— Você quer ser caubói?

— Muito engraçadinho, Alek, mas você não vai escapar tão facilmente. Quando Rufus canta, a música adquire um significado diferente. Quando um cara gay canta "*I am a one man guy*", quer dizer outra coisa. Depois de Remi, eu achava que seria um cara do jeito que o pai de Rufus cantava, sozinho no mundo. Mas agora, que beijei você, quero ser um homem leal do jeito que Rufus quer dizer. E sei que isso é novidade para você, que pode não querer assumir nenhum compromisso agora, mas é a única forma de eu conseguir embarcar nessa. Comigo, é tudo ou nada.

Alek ficou olhando para Ethan, estupefato.

— Eu sabia! — disse Ethan. — Remi me falou para nunca me envolver com alguém que tivesse acabado de sair do armário. São pessoas inseguras, não sabem o que querem e só usam você como experimento homossexual.

— Como você sabe que estou saindo do armário agora? — perguntou Alek.

— Sem querer desrespeitar você — respondeu Ethan —, mas daria na mesma se você tivesse "novato" tatuado na sua testa.

— Só sei que gosto de estar aqui com você e não consigo me imaginar querendo mais ninguém. Isso basta para você?

— Basta.

Ethan puxou Alek para a cama, onde eles se abraçaram até ouvirem o pai dele se aproximando do quarto de novo.

Alek sorriu sozinho ao lembrar a velocidade com que se afastou de Ethan e voou para o outro lado do quarto, só por segurança.

— Por que você está sorrindo, Alek? — perguntou Becky, colocando o pôster na mesa.

— É coisa de gay. Você não entenderia — respondeu Alek.

13

A colher que Alek estava batendo na mesa da cozinha mais tarde, naquele mesmo dia, fazia um som seco e ecoante. Ele se perguntou quantas vezes precisaria bater com ela na cabeça para ficar inconsciente. Mas, se fizesse isso, os pais talvez nunca fossem embora.

— Este é o número de telefone do hotel onde vamos ficar esta noite — explicou a mãe mais uma vez. — Se você precisar de nós, ligue, e vão passar direto para o nosso quarto. É claro que seu pai e eu também estaremos com nossos celulares. Depois de quarta, ficaremos no Marriott perto de…

Era a terceira vez que a mãe repassava essas instruções, e Alek mal conseguia fazer o esforço de fingir que estava prestando atenção. No corredor que ligava a porta da frente à cozinha, o pai estava verificando se eles tinham colocado tudo de que precisavam na mala.

— Alek, você está me ouvindo? Quero que você saiba como fazer contato conosco caso alguma coisa dê errado — disse sua mãe.

— Vocês só vão passar cinco dias fora! Agora, me mostrem onde ficam os pombos-correios, para o caso de zumbis comedores de gente me atacarem quando vocês estiverem longe e eu precisar perguntar onde estão os *band-aids*.

— Isso não é piada, Alek. É a primeira vez que estamos deixando você sozinho e…

— E tudo vai ficar bem, mãe — garantiu Alek.

Nik desceu a escada, usando uma camisa com gravata.

— Ei, o baile é só na primavera — riu Alek.

Em vez de devolver com outro insulto, Nik pareceu envergonhado e se virou para a mãe.

— Você não acha exagero, mãe?

— Ah, hoje vamos passar a maior parte do tempo no carro. Talvez você devesse guardar essa roupa para um jantar, querido.

Nik subiu a escada correndo.

— Qual é o problema dele? Só nos vestimos assim quando vamos à igreja.

— Acho que… bem… — enrolou a mãe, limpando a garganta.

— O que foi, mãe?

— Acho que Nik está querendo impressionar os pais de Nanar. Eles são

tão certinhos, sabe... Ele está com medo de não ser armênio o bastante para eles.

— Se Nik não servir para eles, eles vão ter de encomendar um noivo direto da Armênia — disse Alek.

— Querido, eu estava pensando, se você quiser fazer suas compras de verão enquanto estivermos viajando, vou deixar isto com você — disse a mãe, entregando um envelope a ele.

Alek abriu e encontrou um cartão pré-pago American Express.

— Ah, meu Deus! — exclamou Alek. — Obrigado, mãe — disse ele, abraçando-a espontaneamente, surpreendendo os dois. — Juro que só vou comprar roupas boas e nada da Turquia. E vou guardar todos os recibos.

— Eu sei. Eu confio em você — respondeu a mãe com simplicidade. — Também vamos deixar isto, para o caso de uma emergência.

Ela entregou a ele um envelope cheio de dinheiro.

Alek o pegou com seriedade, pensando que desejava que a família viajasse de férias sem ele com mais frequência.

— Pedi para seu pai fazer estoque de várias coisas, como sabonete e enlatados.

— Eu sei. Juntando isso e os 20 potes de comida que ele deixou, se houver uma guerra nuclear, vou conseguir alimentar o bairro inteiro até os níveis de radiação baixarem.

Alek se preparou para a resposta que viria em seguida. Mas ela só colocou a mão sobre a dele.

— Só queremos ter certeza de que você tenha tudo de que precisar — disse ela.

— Prometo que vou ficar bem, mãe. Não se preocupe, tá?

Alek acariciou o braço dela de forma tranquilizadora.

— Você é um bom menino, Alek. Me desculpe por não ter…

— Kadarine, posso falar com você um momento? — o pai de Alek chamou do corredor. — Temos de decidir se queremos pegar a I-95 até a I-80 ou entrar na 287 e depois trocar.

A mãe de Alek deu um sorriso caloroso.

— Não se preocupe muito conosco quando estivermos fora, tá? E lembre-se: só um amigo de cada vez, nada de virem dormir aqui, e ligue todo dia, de manhã e à noite.

Ela ficou de pé, saiu da cozinha e passou por Nik, que agora estava usando uma calça jeans *skinny* estilo *hipster* e uma camisa listrada ajustada ao corpo. Estava carregando vários livros, que começou a botar na mala.

— O que é isso, querido? — perguntou ela.

— Pensei em levar alguns livros que ainda não li — Nik mostrou um dos livros. — Este é uma coleção de peças de William Saroyan.

— Você já ouviu falar dele, Alek? — perguntou a mãe, esperançosa.

— Me deixe adivinhar. É um armênio que escreveu peças?

— É o maior escritor armênio-americano do século XX — Nik respondeu rapidamente. Ele levantou outro livro. — E este é *Os 40 dias de Musa Dagh*.

— É a versão do Genocídio Armênio por aquele cara alemão, não é? — perguntou Alek. — Até eu ouvi falar desse.

— Ele era austríaco, não alemão — disse Nik.

— Tanto faz.

— Nik, que ótimos livros você reuniu — elogiou a mãe. — Tenho certeza de que os pais de Nanar vão ficar impressionados.

Ela deu um beijo na testa de Nik e foi até o carro ajudar o pai a botar as coisas da viagem no porta-malas.

— Está animado para a viagem? — perguntou Alek ao irmão.

— Estou. Vamos começar indo a North Point, e amanhã devemos chegar às Cataratas do Niágara. E você, vai mesmo ficar bem sozinho?

Essa preocupação repentina com Alek parecia estar afetando todo mundo.

— Vou ficar ótimo. Só me faça um favor, tá?

Nik olhou para Alek com cautela.

— O quê?

— Não passe as férias todas lendo esses livros. O motivo de viajar para algum lugar é conhecer esse lugar.

— Eu sei, Alek, mas esses livros estão na minha lista de leitura do verão. Preciso ler todos.

Alek colocou a mão no ombro do irmão.

— Nik, existe uma diferença entre *precisar* e *querer*. Lembre-se disso, tá?

******

Alek costumava sentir medo de entrar no refeitório da escola. Mas, agora, seu coração estava disparado. Seria a primeira vez que encontraria Ethan depois do beijo. Bastou uma avaliação rápida do salão para ver que Ethan estava sentado com os desistentes à mesa de sempre.

A mesa ficava no meio do salão, e os desistentes faziam mais barulho do que todo o resto do refeitório junto. Os cabelos descoloridos e *piercings* de metal faziam com que eles se destacassem dos outros alunos como uma frase marcada com iluminador. Alek teve de se obrigar a desviar o olhar.

Ele foi andando na direção da mesa onde costumava se sentar. Mas, depois de alguns passos, ouviu Ethan chamando-o.

— E aí, Polly-O?

— Oi, Ethan.

Só de vê-lo de novo, Alek sentiu arrepios pelo corpo. A calça jeans de Ethan tinha caimento baixo nos quadris, e o cabelo caía no rosto, de modo que só dava para ver um dos olhos azuis. Ele foi até Alek, com o cabelo balançando a cada passo.

— O que você está fazendo? — disse ele, bem no meio do caminho.

— Ah, aqui é o refeitório, então pensei em almoçar.

— Não brinque comigo, cara. Eu quis dizer o que você está fazendo indo para aquela mesa triste e solitária onde sempre se senta sozinho? Você vai sentar comigo de agora em diante.

Ethan colocou as mãos nos ombros de Alek e o guiou até sua mesa.

Em todas as vezes que Alek imaginou essa situação, ele nunca considerara isso. Rezou para que não houvesse lugar para ele, mas viu que Ethan tinha colocado a mochila na cadeira ao lado da sua. Nem na mesa dos desistentes as pessoas desafiavam o código escolar sagrado de lugares guardados.

— É um prazer conhecer vocês, desistentes! — cumprimentou Alek quando chegaram à mesa. Na mesma hora, desejou poder retirar as palavras. — Não que eu ache que vocês vão se tornar futuros desistentes nem nada… — disse ele, procurando, desesperadamente, palavras para contornar o que havia dito.

— A gente sabe como as pessoas chamam a gente — disse um cara de jaqueta de couro preta, apesar de ser verão. — Mas inventamos outros apelidos.

— Como “desafiados” — disse, orgulhoso, um cara com dois *piercings* na sobrancelha, e a mesa aprovou com satisfação.

— Ou “destruidores” — disse outro cara do outro lado da mesa, usando uma camiseta com a imagem de Bob Marley, seguido de mais expressões de aprovação.

— Ou “desonestos” — acrescentou Alek. Mas seu comentário foi recebido com silêncio.

— Eu não acho que a gente seja desonesto — disse um dos desistentes, um tanto na defensiva.

Alek não sabia o que era pior, insultar os amigos de Ethan poucos segundos depois de se sentar à mesa deles ou quase levar uma surra de um deles algumas semanas antes.

— Enfim — interrompeu Ethan —, este é Alek. E aqueles são Andy, Pedro, Anthony, Dustin, Chris, Mikey, Jack…

Alek nem tentou memorizar todos os nomes que estava ouvindo. Seus pais haviam ensinado a sempre apertar a mão da pessoa quando fosse apresentado a alguém e fazer contato visual. Alek ouviu as palavras “Legal conhecer vocês, pessoal” sair de sua boca. Sabia que devia ter falado alguma coisa do tipo “E aí, galera?” ou só “Oi”, ou nem dito nada e feito um gesto superdescolado com a mão, o que comunicaria que não precisava de palavras para ter o respeito deles.

Alek estava dolorosamente ciente de como ficava deslocado naquele grupo. De calça de brim e uma camisa Izod verde de manga curta que a mãe tinha dado a ele de aniversário, ele olhou para a mesa e observou a variedade de cores, metais e tecidos ásperos. Alek conseguia perceber que todos os desistentes compravam e usavam o que queriam havia anos.

— Por que ele vai se sentar aqui? — reclamou o rapaz com dois *piercings* na sobrancelha e cabelo desgrenhado, sentado à ponta da mesa.

Alek se mexeu na cadeira, se perguntando por que Ethan decidiu sujeitá-

lo a essa tortura única e cruel.

— O que você quer dizer, Pedro? — perguntou Ethan.

— Olha, Ethan, quando eu estava com Stephanie, não pude trazê-la para nossa mesa. Você sabe o quanto ela ficava puta da vida quando eu não me sentava com ela no almoço? Ela disse que esse foi um dos principais motivos pra terminar comigo.

— Acho que o fato de você não tomar banho foi outro, Pedro — disse um cara com cabelo louro platinado e espetado. A mesa toda caiu na gargalhada.

— Boa, Josh — disse um desistente oriental com cabelo moicano que estava sentado à diagonal de Alek.

— Não seja babaca, Pedro. Você sabe que Stephanie não podia se sentar com a gente porque é mulher — respondeu Ethan com indiferença.

— Então você está dizendo que, só porque gosta de homem, as pessoas com quem fica podem se sentar com a gente?

— Estou dizendo que só homens podem se sentar à nossa mesa, então posso convidar Alek para se sentar com a gente.

— Que merda.

— Pense como uma vantagem gay. Como não ter de se preocupar com gravidez.

A mesa toda gargalhou de novo, e Alek se sentiu relaxar só um pouquinho. Ele sempre viveu longe dos desistentes e os observava com espanto e horror. Nunca se via um desistente sozinho; eles sempre andavam pela escola em bandos, como lobos. Mas, agora que estava à mesa deles, conseguia ver que eles comiam, brigavam e riam como todo mundo.

Alek se inclinou para perto de Ethan.

— Todo mundo sabe mesmo que você é gay?

— Sabe.

— Foi difícil sair do armário para eles?

— Na minha cabeça, foi muito difícil. Nenhum deles é gay, e conheço esses rapazes desde que eu era criança. Mas um dia, durante o nono ano, nesta mesma mesa, estávamos falando sobre que professora gostaríamos de comer. Quando chegou a minha vez, eu falei: “Senhor Spack”.

Uma imagem do professor de história com porte atlético e ombros largos surgiu na mente de Alek.

— Primeiro, eles acharam que eu estava brincando — prosseguiu Ethan. — Mas eu não estava. Josh — Ethan apontou para o garoto de cabelo espetado e platinado — perguntou: “O que isso quer dizer? Que você gosta de homem?”, e eu respondi: “Você tem algum problema com isso?” e Josh respondeu: “Claro que não, eu preferiria comer o senhor Spack em vez da senhora Schmidt”. E isso foi tudo.

— Foi fácil assim? — perguntou Alek, incrédulo.

— Bem, sim e não. Dois formandos pularam em cima de mim depois da aula, mas botei os dois para correr.

— Você bateu em dois garotos mais velhos quando estava no nono ano?

— E levei uma surra deles — admitiu Ethan, com vergonha. — Mas,

depois que aqueles dois babacas se formaram, todo mundo sabia que não era para mexer comigo.

Um dos caras bateu com o punho na mesa.

— Chega de cochicho, meninas!

— Cala a boca! — gritou Ethan em resposta.

Alek se ocupou tirando o almoço da mochila.

— O que tem aí, cara? — perguntou o desistente oriental.

— É, parece ruim — disse Jack.

Ele se levantou da outra ponta da mesa e andou até ficar bem em frente a Alek.

"Não consigo acreditar que estou dividindo a mesa com o mesmo cara que quase me deu uma surra poucas semanas atrás", pensou Alek. Ele se perguntou se Jack se lembrava de tê-lo prendido no chão perto da boca do túnel.

Jack pegou o pote da mão de Alek. Alek sentiu que Ethan ia reagir, mas se manifestou primeiro. Precisava mostrar a Ethan que podia se defender.

— São frutas *soudé* — explicou, enquanto Jack continuava a inspecionar o pote com pequenos bulbos roxos mergulhados em salmoura. — Você nunca ouviu falar?

— Nunca fui a Bangladesh ou sei lá de onde é isso.

— É uma comida típica da Armênia, e faz sentido porque essa fruta só nasce na Armênia. É alguma coisa no clima de lá, eu acho. Quando elas caem da árvore, precisam ser colhidas imediatamente, senão ficam venenosas. Mas, quando você as colhe a tempo, são deliciosas.

Jack se levantou e se apoiou na mesa para olhar melhor. Os outros garotos pararam de conversar para acompanhar a cena.

— Não acredito que exista essa tal de fruta *soudé* — declarou Jack.

— Problema seu, cara — Alek falou do mesmo jeito que tinha ouvido Ethan usar a expressão, deixando que se arrastasse como se ele não estivesse nem aí. — Deve querer dizer que você não quer experimentar, o que é uma pena, porque é a melhor coisa que você poderia provar, mas se não quer…

Josh falou da ponta da mesa:

— Fiz um trabalho de ciências no quinto ano sobre isso. São de verdade.

O cabelo de Josh era tão louro que parecia branco, e ele falava com uma autoridade que ninguém se atreveria a contrariar. Alek não sabia se voltaria a sentar àquela mesa, mas, depois de Ethan, Josh era seu desistente favorito.

— Eu não falei que não queria experimentar — disse Jack, recuando.

— Ah, você deve estar com medo.

E, para provar o que estava dizendo, Alek pegou o pote da mão de Jack, abriu e colocou uma porção na boca. Mastigou com entusiasmo e deixou que a plenitude da experiência transparecesse em seu rosto.

— Nossa, como é bom.

— Tudo bem, cara, passa uma pra cá — disse Jack.

Como Alek fingiu não ouvir, Jack gritou:

— Eu falei para me dar uma dessas frutas *soudé*!

— Isso não é jeito de falar com ele, babaca — esbravejou Ethan no mesmo tom agressivo.

— Tudo bem, Ethan — disse Alek, tranquilizando-o. Ele empurrou o pote até ele ficar ao lado da mão de Jack. — É melhor provar um pedaço pequeno primeiro, para você ter certeza de que consegue comer.

Jack olhou para Alek de forma desafiadora, enfiou os dedos no pote, pegou dois bulbos encharcados e jogou na boca. A mesa toda ficou olhando-o começar a mastigar, devagar no começo e, depois, com mais vigor.

— Cara, você está certo! É incrível… é picante e…

Alek colocou as mãos na mesa com expressão preocupada.

— Você disse *picante*?

— É.

— Ah, meu Deus! — gritou Alek, levando as mãos ao rosto. — Cuspa, cara. Cuspa! A fruta *soudé* tem de ser doce. Só fica picante se ficou muito tempo no chão. Nesse caso, é letal!

— Puta merda! — gritou Jack, cuspindo pedaços parcialmente mastigados em cima dele e dos garotos sentados perto.

— Deem água pra ele! — gritou Alek.

Alguém jogou para Jack uma garrafa de água, e ele começou a beber e a cuspir violentamente, tentando tirar os restos da boca.

— Chamem a enfermeira! Liguem para a emergência! — gritou Jack, entre palavrões e gritos.

— Cara, você está espalhando essa merda para todo lado! — gritou um dos garotos, limpando o rosto.

— Falando sério — disse Alek, calmamente. — Você está exagerando.

— Foi você que disse que era letal! — gritou Jack.

— Eu estava brincando, cara. Meu Deus, você não entende piada?

— O quê?

— Seu burro — prosseguiu Alek. — Não existe fruta *soudé*. Isso é só berinjela em conserva. São berinjelas em miniatura mergulhadas em vinagre e salmoura até encolherem e ficarem desse tamanho. São inofensivas.

Todo mundo ficou em silêncio enquanto absorvia o que ele disse. Alek percebeu que esse era um momento decisivo: ou eles iam gostar da brincadeira ou ficariam contra ele por humilhar um amigo do grupo dez minutos depois de ser convidado para se sentar com eles.

Da ponta da mesa, o cabelo louro de Josh balançava enquanto ele ria sem parar.

— Você devia ter visto como reagiu, idiota — ele conseguiu dizer entre risadas. — Cuspindo berinjela para todo lado, surtando com medo de morrer. Que biba. Foi hilário.

Ethan começou a rir um segundo depois, e logo todo mundo estava rindo junto.

— Se deu mal, cara — disse Dustin, dando um tapa forte nas costas de Jack.

— Ele pegou você direitinho — concordou Pedro.

Em pouco tempo, até Jack estava rindo. A mesa dos desistentes estava

uma bagunça: tinha refrigerante derramado, bandejas viradas e sanduíches pisoteados. Mas ninguém parecia ligar.

— O que *soudé* quer dizer, afinal? — perguntou Ethan.

— Significa "é mentira" em armênio — disse Alek, agora rindo.

— Alek — disse Jack em meio às gargalhadas —, você é maluco.

14

— Deixe ver se entendi direito. Seus pais vão passar a semana fora.

— É.

— Não tem ninguém com você nem cuidando de você.

— Não.

— E sua mãe deixou uma grana.

— É.

— Quando é a festa, cara? — perguntou Ethan, pulando de alegria.

Alek e Ethan estavam indo para casa depois da aula. Para Alek, parecia mais que flutuava do que andava. Depois da brincadeira do *soudé*, os amigos de Ethan receberam Alek melhor. Ele sabia que nunca seria do grupo, mas aceitava não se sentir totalmente excluído quando se sentasse à mesa deles. A aula de álgebra era um exercício de resistência por ele estar tão perto de Ethan, mas sem poder falar com ele nem tocar-lhe. De vez em quando, Ethan olhava pra ele e seus olhares se encontravam. Ethan dava um sorriso e olhava com atenção para o senhor Weedin, fingindo estar absorto na aula.

Alek e Ethan chegaram à entrada do túnel debaixo da estação de trem.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Alek.

— Ah, normalmente eu fico com o pessoal e ando de skate — disse Ethan, largando o skate e subindo nele. — Mas acho que você e eu vamos ter uma aventura improvisada em Nova York hoje.

— Hoje? Não podemos ir à cidade hoje!

— Por quê?

— Primeiro, se meus pais descobrissem, me matariam!

— E onde estão seus pais agora?

— Bem observado — disse Alek. — Mas ainda preciso ligar para eles hoje. Do telefone fixo.

— Tudo bem. Vá para casa, ligue para eles e volte a tempo de pegar o trem das 16h33. Isso vai nos dar bastante tempo para passear na *Big Apple*.

Alek pensou por um momento. O plano de Ethan era sólido.

— Estarei lá.

Ethan se inclinou, deu um beijo na bochecha de Alek e saiu andando com o skate no ombro.

A bochecha de Alek entrou em chamas. Ele ficou parado, vendo Ethan se afastar. O gingado no andar de Ethan foi a primeira coisa que chamou a

atenção de Alek, quando ele andava pelo refeitório ou algum corredor da escola. Sua forma de andar dizia: “Sou dono do meu nariz e, se você não gosta, não estou nem aí”. Como sempre, o elástico da cueca estava aparecendo acima da calça. Mas, dessa vez, Alek não afastou o olhar. Ethan se virou de repente e viu que Alek estava olhando para ele. Ele piscou, jogou um beijo, botou o skate no chão, pulou em cima e se afastou.

Alek foi para casa e tentou pensar em como essa ida repentina a Nova York afetaria seus horários. Tinha prometido aos pais que cortaria a grama naquele dia e queria cumprir a palavra. Também estava planejando escrever o trabalho que comparava *Romeu e Julieta* a *Trabalhos de amores perdidos* para a aula de inglês, mas isso ele podia fazer no dia seguinte, já que o trabalho era só para sexta-feira.

Alek estava se trocando quando o telefone tocou.

— Alô.

— Oi, gato — disse uma voz rouca ao telefone.

— Hã, quem é?

A voz rouca prosseguiu:

— Estou pensando em patinar até aí para mostrar a você quem sou eu.

— Becky?

— *C’est moi!* — respondeu ela, abandonando o fingimento.

— O que está acontecendo?

— Ainda está de pé hoje à noite? Tenho um filme ótimo e uma pipoca deliciosa de micro-ondas para aproveitarmos sua primeira noite sozinho. Bem, segunda, considerando que seus pais viajaram ontem, mas você sabe o que quero dizer.

— Hã, Becky, você se importa se remarcarmos para amanhã?

— Ah, você sabe como minha vida social é agitada. Espere. Vou verificar. Você vai me dizer por que vai cancelar seus planos comigo tão em cima da hora enquanto consulto minha agenda?

— Ethan me convidou… Bem, ele achou que poderia ser divertido ir à cidade hoje, com meus pais viajando e tudo… — gaguejou Alek.

— E você falou para ele que nós tínhamos planos?

— Para ser sincero, eu tinha esquecido até você ligar.

Uma longa pausa veio em seguida.

— Eu sei que tenho todo o direito de ficar furiosa, mas vou deixar passar. Eu sou uma pessoa muito educada. Como uma princesa. Como Audrey Hepburn em *A princesa e o plebeu*. Alek, vá se divertir hoje.

— É sério? Você não está com raiva?

— Deixa pra lá. Divirta-se, pense no quanto sua melhor amiga é maravilhosa, e podemos assistir a *A razão do meu afeto* amanhã.

— Você é demais, Becky!

Alek desligou o telefone, vestiu um short e uma camiseta velha e foi cortar a grama.

******

O segundo ponteiro do relógio de robô de Alek girou metodicamente pelo mostrador enquanto ele falava com a mãe ao telefone, uma hora e um gramado cortado depois.

— Então, estão se divertindo?

— Sim, Alek, obrigada por perguntar. Hoje fizemos o cruzeiro *Maid of the Mist* pelas Cataratas do Niágara e amanhã vamos visitar a comunidade armênia em Burlington, do outro lado da fronteira canadense, para que o grupo jovem possa fazer as pesquisas dos projetos de herança cultural. Você devia pensar em entrar no grupo no ano que vem.

— Parece ótimo, mãe.

Havia grama no cabelo de Alek e seus dedos estavam manchados. Ele sabia que os pais tinham dinheiro para comprar um cortador motorizado, mas o pai insistia em usar o cortador manual porque ajudaria os filhos a “melhorar o caráter”.

— Então está tudo bem?

— Ah, quase tudo.

— O que foi, mãe?

Alek andou até o chuveiro e abriu a torneira para poder entrar assim que saísse do telefone.

— É que viajar com os Hovanian pode ser tão cansativo. Nada parece bom o bastante para eles. Hoje mesmo, a senhora Hovanian insistiu em entrar na cozinha do restaurante armênio onde almoçamos para mostrar como se faz um quibe de verdade.

— Ah, você conhece *esses armênios*... — brincou ele, e foi recompensado com o som da gargalhada da mãe.

— *Esses armênios*... — concordou ela.

— Bem, se não houver mais nada… — disse Alek.

— Está com pressa, querido?

Alek olhou para o relógio com nervosismo. Eram quase 16h, então ele só tinha alguns minutos para desligar o telefone se quisesse chegar à estação a tempo.

— Claro que não, mãe — disse Alek.

De alguma forma, a mãe sempre conseguia perceber quando tinha alguma coisa acontecendo. Foi por isso que ele pediu ao pai, e não à mãe, para assinar a prova de matemática quando precisou falsificar o bilhete de ausência no dia seguinte à primeira ida a Nova York, o que ele acabou tendo de fazer de novo quando foi visitar Becky no Dairy Queen depois de brigar com Ethan. Às vezes, ele se perguntava se todas as mães armênias tinham capacidade telepática ou se era só a dele.

— E como foi a escola?

— Foi tudo bem, mãe.

— Sabe, a senhora Schmidt nos disse que você está indo muito bem. Se continuar assim, não vai ter problema para acompanhar a turma especial no outono.

— É, que bom... E aí, vocês gostaram do hotel?

— Ah, pedi para trocar de quarto porque o primeiro tinha cheiro de

produto de limpeza. Acho que devem ter mandado limpar o carpete recentemente e, por mais que eu fique grata pela limpeza do local, você sabe como meu olfato é sensível. O segundo quarto estava melhor, mas a vista não era tão boa…

A mente dele começou a vagar enquanto a mãe falava sem parar dos prós e contras de quartos de hotel.

Olhando para o short que tinha separado para vestir, Alek desejou ter alguma coisa mais descolada para usar na aventura em Nova York. Mas tinha olhado todas as calças e shorts do armário, e todos pareciam igualmente ridículos.

— …só espero que a comida do restaurante seja boa.

— Tenho certeza de que vai ser.

— Você já fez suas compras de verão?

— Eu estava pensando em pedir aos Boyce para me levarem ao shopping junto com Becky esta semana.

— É uma ótima ideia. Mas preste atenção para comprar roupas que sirvam direito.

— Obrigado, mãe.

— E use o cartão. Você sabe quanto costumamos gastar, não sabe?

Alek tinha previsto isso.

— Acho que você deixou dinheiro suficiente para as roupas. Por que eu não uso o dinheiro então? Aí guardo o cartão para alguma emergência. Você se importa?

— Tanto faz, querido. Tenho de me arrumar para o jantar. Seu pai, Nik e Nanar mandam lembranças.

— Dá meu alô pra eles.

— Como é?

— Eu quis dizer para você dizer “Oi” por mim.

Alek desligou o telefone, jogou as roupas sujas no cesto e entrou no chuveiro.

******

— Anda, anda, anda! — gritou Ethan da plataforma.

Quando Alek chegou à estação de trem, estava ofegante por ter corrido o caminho todo. Alek subiu a escada correndo um segundo antes de o trem parar e as portas se abrirem. Colocou as mãos nos bolsos para sentir os objetos que pegou em casa: a chave, o envelope com dinheiro e o adesivo do Metropolitan Museum para dar boa sorte.

— Você estava me deixando nervoso, cara. Por que demorou tanto?

— Mãe… telefone… muito tempo… — Alek conseguiu murmurar entre inspirações.

— Temos de ir, cara. Você lembra como é.

— Sim, senhor!

Alek foi para o banheiro e deixou a porta aberta enquanto Ethan abria a mochila e pegava uma caneta preta e um pedaço de papelão branco.

******

Alek sentiu o trem entrar em um túnel. Lembrou, com base na ida anterior, que eles chegariam à Penn Station em poucos minutos.

— O que vamos fazer hoje?

— Vamos passear com estilo.

Alek não sabia o que Ethan queria dizer, mas tinha aprendido a confiar que as coisas seriam explicadas quando ele precisasse saber.

— Tenho um pedido — declarou Alek.

— Ah, tem? — Ethan inclinou uma sobrancelha de forma questionadora.

— Quero que você me leve para fazer compras.

— Acho meio cedo para escolhermos cortinas. Afinal de contas, não somos lésbicas.

— Não é isso que eu quero dizer, Eth. Quero roupas como as suas. Roupas descoladas.

— Não é porque estamos juntos que você precisa se vestir como eu, Alek. Gosto de como você se veste. É nerd-chique.

— Acho só nerd-nerd. Não estou dizendo que quero me vestir como você, mas…

Alek parou de falar. Seus pais sempre criticaram *esses americanos* que compravam roupas todos os meses para acompanhar a última moda, e Alek não queria ser uma pessoa assim. Mas estava cansado de se vestir de um jeito que não combinava com ele. Mesmo que significasse ir à escola de cueca, Alek prometeu nunca mais usar short cáqui.

— Ah, você está com sorte, cara — disse Ethan. — Faço todas as minhas compras no centro, então vai ser fácil ir a uma loja ou outra. Vamos ver do que você gosta. Mas vai ser preciso uma certa grana.

— Pode deixar.

Alek tirou o dinheiro do bolso e mostrou a Ethan.

— Opa, cara. Você não pode ficar mostrando sua grana assim quando chegarmos na cidade.

Com vergonha, Alek enfiou o envelope de volta no bolso.

— E então, MetroCard dois por um especial?

— Hoje não. O tempo está lindo e não estamos com pressa. Vamos andar por Manhattan. É a melhor forma de conhecer a cidade.

— Por onde você for, eu acompanho.

— Sei que acompanha — Ethan se inclinou e beijou Alek delicadamente nos lábios. O trem parou. — Vamos.

15

— O que a gente vai fazer primeiro?

— Vamos mudar seu visual. O que você tem em mente?

— Só não quero mais usar esses shorts cáqui idiotas.

— Você tem de decidir como quer se vestir. As pessoas não se vestem bem por acaso. Tem de ser planejado, mesmo que pareça não ser. Acho que você precisa olhar algumas opções. Por sorte, sei aonde ir.

A brisa do verão aliviava o calor, e a umidade estava abençoadamente baixa. Alek e Ethan cruzaram com um grupo de acrobatas de rua que pulavam uns sobre os outros em manobras ousadas ao som de música *hip-hop* na frente de uma escultura enorme de um cubo cintilante que girava e parecia um artefato do futuro.

— *Downtown* é totalmente diferente da Milha dos Museus e do Central Park — comentou Alek.

— Isso que é o máximo em Nova York. Parece ser feita de mil cidades diferentes, todas enfiadas em uma pequena ilha.

— Tudo em *uptown* era limpo e organizado. Mas aqui é mais…

— *Relax?* — sugeriu Ethan.

— *Relax?*

— É. *Relax*. E artístico. *Downtown* é artístico — disse Ethan. — É uma boa forma de pensar no seu novo visual. Antes, você era limpo e organizado, como *uptown*. Mas, agora, vai descobrir o Alek de *downtown*, artístico.

— O Alek artístico — repetiu Alek a si mesmo.

Alek e Ethan entraram em um pequeno parque cercado de ruas e lojas. Alek viu uma placa dizendo UNION SQUARE NORTH em uma rua próxima.

— Você precisa ver isso!

Ethan pegou a mão de Alek e praticamente correu para o outro lado da praça, onde um grupo de garotos andava de skate em corrimões, rampas e escadas.

— Parece o que vocês fizeram lá na cidade — disse Alek.

— Essa é a nossa inspiração. Não importa que hora do dia seja, sempre tem um grupo de garotos aqui. Dá uma olhada neles! — Ethan, disse, empolgado. — Manobra incrível, cara — gritou Ethan para um skatista que pulou no corrimão com o skate, deslizou, girou no ar e caiu com tranquilidade. O skatista respondeu batendo no peito duas vezes com a mão fechada e

fazendo o sinal de paz para Ethan.

Depois de observar os skatistas por um tempo, Alek e Ethan seguiram para o sul. Alguns quarteirões depois, viraram à esquerda, na Astor Place.

— Tudo bem. Sei que você não pediu, mas, se vamos transformar você, temos de começar com o cabelo.

— Ethan, você pode se achar algum tipo de milagreiro, mas você não tem meu cabelo afro-armênio. Vou usar o cabelo assim até morrer.

— Você não conhece meu amigo Marco. O cara é um gênio.

Ethan desceu uma escada debaixo de uma placa de barbeiro em que as palavras ASTOR HAIR eram formadas com lâmpadas brancas em um fundo preto. Alek seguiu logo atrás. Chegaram a um labirinto de espelhos e cadeiras de barbeiro tão escuro que Alek não entendeu como os barbeiros conseguiam ver os cabelos das pessoas, muito menos cortar. O lugar não tinha semelhança nenhuma com os salões iluminados com música de elevador no shopping, onde a mãe de Alek o levou durante toda a vida.

Tudo no local estava em movimento: barbeiros cortando impetuosamente, assistentes varrendo o chão com cuidado e barbeadores elétricos zumbindo com ousadia. Os clientes eram quase todos homens adultos, mas Alek viu garotos mais novos do que ele e alguns idosos andando pelo aposento com bengalas e andadores. Até os clientes que já estavam cortando os cabelos tinham uma aura de energia e discutiam animadamente política local ou esportes uns com os outros. Ethan nem parou para observar o pandemônio. Foi direto falar com o barbeiro que estava no fundo do salão.

— Ethan, *mio caro*, é tão bom ver você! — disse um homem gorducho de meia-idade, com barba por fazer de alguns dias, um bigode volumoso e sotaque forte.

— Marco, este é meu amigo Alek. Salve-o! — pediu Ethan.

Marco tinha olhos castanhos calorosos e os dedos gorduchos. Enfiados em uma tesoura, pareciam salsichas prestes a pular para fora da película.

Marco puxou Ethan e Alek de lado.

— Vou terminar este cliente em cinco minutos. Tem lista de espera, mas qualquer amigo do Ethan é meu amigo — Marco passou os dedos gorduchos pelo cabelo de Alek. — Grego?

— Armênio.

— Seria meu próximo palpite. Só os gregos e armênios têm cabelo louco assim. Vamos ver o que podemos fazer, tá? Você deve usar o cabelo, não o cabelo usar você, certo?

Meia hora depois, Alek saiu do porão com um novo corte de cabelo. Apesar das instruções detalhadas que recebeu, Alek não fazia ideia se conseguiria recriar a aparência perfeitamente bagunçada que Marco fez em 15 segundos, usando alguns produtos e ajeitando com as mãos.

— Deem uma olhada no meu garoto! — disse Ethan com admiração quando Alek saiu do barbeiro.

Alek viu seu reflexo no vidro de uma vitrine. O corte parecia ainda mais drástico à luz do dia do que pareceu no espelho escuro de Marco. Ele nunca tinha percebido como o cabelo antigo tirava o foco de seus olhos, nariz e

orelhas. Com o corte mais curto, seus traços se destacavam.

— Me sinto nu.

— Assustador, não é, não ter nada atrás de que se esconder? — perguntou Ethan.

— É — concordou Alek. — Mas também é libertador.

— Cara, está muito lindo — Ethan respirou fundo e gritou:

— Meu garoto está lindo!

— Shh!

Alek olhou ao redor para ver se alguém tinha reagido à explosão de Ethan.

Mas Ethan já estava andando.

— Agora, precisamos arrumar umas roupas lindas para esse gato — comentou. — Vamos.

Ethan e Alek andaram por mais 15 minutos até pararem em frente a um prédio de tijolos com as palavras HOUSING WORKS em estêncil na vitrine e na porta.

— Venha comigo — disse Ethan, entrando na loja sem diminuir o ritmo.

Alek foi.

— Ethan! — chamou uma jovem afrodescendente atrás da registradora. — Você não vem aqui há um século! Bom te ver, gato!

— Clarice! E aí, garota? — disse Ethan, se inclinando e dando um abraço nela. — Este é Alek. Alek, esta é Clarice. Ela está se formando no FIT, o *Fashion Institute of Technology*, então ela sabe das coisas. — Ele se voltou para Clarice. — Estou pensando em alguma coisa nerd-chique. Você pode nos ajudar?

— Claro, venham comigo.

Quando Clarice saiu de trás da bancada, Alek pôde apreciar o conjunto completo. Ela estava usando uma calça roxa bem justa e uma camisa preta sem mangas com lantejoulas que brilhavam quando ela andava. Ethan e Alek foram atrás de Clarice conforme ela percorria as araras de roupas.

— É uma loja de roupas usadas! — exclamou Alek.

— Como você acha que fico na moda com pouca grana? — perguntou Ethan. — Mas não é *só* uma loja de roupas usadas.

— Doamos nossos lucros para pessoas sem-teto e portadoras de HIV — Clarice explicou para Alek, enquanto o guiava pelas araras. — Você fica na moda e ajuda uma boa causa ao mesmo tempo.

— Eles também têm uma livraria em *downtown* — disse Ethan. — Não que eu tenha passado muito tempo lá.

— Vamos ver — Clarice avaliou Alek como um cientista tentando entender os resultados de um experimento. — Nada de tons terrosos claros nem de amarelos, gosto de você em cores primárias fortes e talvez um marrom intenso para destacar esses olhos. Parece bom, Ethan?

— Na mosca, como sempre, Clarice.

— Que tal isto? — perguntou ela, pegando uma camiseta verde desbotada.

— É a insígnia do Lanterna Verde! — exclamou Alek com alegria,

admirando o desenho do círculo branco no meio da camiseta.

— O quê? — disse Ethan.

— “No dia mais claro, na noite mais escura, nenhum mal escapará à minha visão.” É o lema do Lanterna Verde!

— Não faz diferença — disse Ethan. — Só achei legal. Você segura enquanto Clarice e eu pegamos — disse ele, jogando a camiseta para Alek.

Em pouco tempo, ele estava enterrado embaixo de uma pilha de roupas. Ele vetou imediatamente algumas coisas por achar esquisitas demais, como uma calça justa vermelha e uma camiseta regata roxo néon. Mas Ethan não se importou.

— Só estamos tentando entender do que você gosta.

Quando Alek pensou que desmoronaria sob o peso da pilha de roupas que estava segurando, Ethan disse:

— Vá experimentar isso tudo. Chego lá em um segundo.

Alek encontrou o provador no canto do fundo da loja e esperou na fila até um deles estar disponível.

Depois de fechar a cortina, Alek tirou os sapatos e o short cáqui e experimentou a primeira calça, de corte justo azul-marinho fechada por botões e com costuras laranja.

— Alek, venha desfilar para mim! — gritou Ethan do lado de fora. Timidamente, Alek abriu a cortina e saiu andando.

— “A chuva na Espanha cai com intensidade tamanha” — recitou Alek com sotaque britânico.

— Como?

Ethan avaliou o caimento da calça em Alek de todos os ângulos.

— É o que ensinam Eliza Doolittle a dizer corretamente quando ela é finalmente transformada em *My fair lady*.

— Tudo bem, cara. Essa ficou linda. Experimente com…

Ethan foi até o provador e pegou uma camiseta preta justa com gola V.

Alek trocou de camisetas e saiu com o traje completo. Ethan assobiou com aprovação.

— É isso que você estará vestindo quando sair daqui. Entre lá e me mostre o resto.

O entusiasmo de Ethan contagiou a todos. Quando Alek saiu do provador, alguns momentos depois, dessa vez usando a camiseta do Lanterna Verde com uma calça jeans de cintura baixa cinza de corte reto, os outros clientes que esperavam na fila do provador bateram palmas. Ethan o fez desfilar com as roupas pelo corredor, para o deleite da plateia improvisada.

— Você precisa de uns sapatos caprichados para essa roupa — sugeriu um jovem elegante e bem-vestido com uma pasta na mão.

— Esses dois formam um casal lindo — sussurrou uma mulher de meia-idade que usava um chapéu de palha bege para a amiga.

No provador, Alek tirou a camisa e estava decidindo o que experimentar em seguida quando ouviu Ethan do outro lado da cortina.

— Escolhi isso para você. Quero ver se você fica melhor de armação preta ou prateada. Acho que estamos prontos para escolher acessórios.

Alek teve um vislumbre de si mesmo no espelho, sem camisa, antes de Ethan entrar segurando dois pares de óculos de sol e alguns cordões com contas de madeira.

— Ah, hã. Eu não sabia… Me desculpe, achei que você estivesse vestido — disse Ethan quando viu Alek seminu. Mas não fez nenhum movimento para sair.

— Eu só estava tentando decidir o que experimentar agora — respondeu Alek, virando-se e ficando de costas para Ethan.

— Que tal esta?

Ethan mostrou uma camisa branca quase transparente estampada com um desenho floral nos ombros e nas costas.

— Ótimo, quer deixar aqui? — perguntou Alek.

— Eu prefiro que se vire para eu poder ver você colocar.

Alek fez uma pausa de um segundo e depois virou lentamente. Percebeu que Ethan o olhava de cima a baixo. Embora devesse ter ficado pouco à vontade, Alek sentiu uma emoção secreta por estar seminu na frente de Ethan. E ter tanta gente por perto tornava tudo mais emocionante.

— Eu não sabia que você tinha um *tris* tão *sexy* — Ethan falou devagar, apreciando cada palavra.

— *Tris?*

— Tríceps, dã.

— Eu contei pra você que joguei tênis durante anos.

Ethan tocou o cotovelo de Alek com um dedo e percorreu do tríceps até o ombro. Alek sentiu cada pelo do corpo se arrepiar. O dedo de Ethan permaneceu no ombro de Alek por um tempo e depois desceu lentamente, acompanhando o peitoral.

— E eu não sabia que você era tão bronzeado. Todos os armênios pegam cor tão bem assim?

— Ah, muitos armênios são muito brancos, como a minha mãe. Meu irmão puxou mais o tipo de pele dela. Mas sou mais parecido com meu pai. Ele é tão moreno que às vezes pensam que é turco.

— Agradeçamos a Deus pelos genes armênios do seu pai.

O dedo de Ethan parou debaixo do queixo de Alek e, de repente, ele o empurrou contra a parede do provador. Ethan encostou seu corpo no de Alek e o beijou.

— Aqui não! — protestou Alek, quase sem forças, depois de alguns segundos.

— Não faz diferença para mim o lugar onde dar uns amassos — Ethan deu um sorriso tímido, mas se afastou. No entanto, sua linguagem corporal deixava claro que ele teria ficado feliz em continuar beijando. E talvez até mais. — Mas, tudo bem. Quero ver você com essa camisa de botão.

Na fila do caixa, alguns minutos depois, Alek não conseguia acreditar que as duas calças, os três shorts e as quatro camisetas que ele estava segurando, sem contar a calça azul e a camiseta preta com gola V que Ethan escolheu para ele, os óculos de sol prateados e um cordão de contas de madeira, custaram menos da metade do dinheiro que a mãe costumava

gastar nas roupas de verão.

— E que tal isso, para dar o toque final? — perguntou Ethan, mostrando uma mochila de couro surrada.

Alek largou as roupas no chão e abraçou a mochila com carinho.

— Adeus, JanSport — disse ele, apertando o rosto na mochila e inspirando o aroma de couro velho.

— Vou interpretar isso como um sim — disse Ethan, pegando as roupas de Alek do chão.

Alguns minutos depois, eles saíram da loja com Alek orgulhosamente vestindo as roupas novas e o resto dobrado na mochila de couro, pendurada nas costas.

— Lembra dos cinco dólares que não gastamos da última vez porque você estava todo azedo?

— Eu não estava azedo, seja lá o que isso quer dizer! Eu achei que você estava sendo homofóbico…

— …quando eu só estava sendo homossexual — completou Ethan. — Está com fome?

Com todas as atividades do dia, Alek não tinha percebido que não comia desde o incidente das frutas *soudé*.

— Morrendo!

— É para isso que vamos usar os cinco dólares. Mesmo em Nova York, dá para encontrar comida boa e barata.

Ethan apertou o passo e Alek foi atrás. "Como deve ser", perguntou-se Alek, "saber andar bem pela cidade?"

— Vamos comer uma coisinha e depois vamos para a High Line.

— O que é a High Line?

— Você tem de ver para acreditar — foi tudo o que Ethan disse.

Alek e Ethan passaram por incontáveis restaurantes, quiosques e carrinhos de comida enquanto andavam pela cidade.

— Não podemos comer uma coisa aqui? — perguntou Alek.

— Não — respondeu Ethan rapidamente. — Este lugar é meio longe, mas se você quer o melhor tem de estar disposto a ir atrás. Principalmente se quer que o melhor também seja barato.

Eles passaram por uma quadra de basquete e Ethan virou à esquerda.

— Estamos no West Village. Era um bairro boêmio/gay, mas aconteceu a gentrificação e agora só gente rica mora aqui. E alunos da NYU. Chegamos.

Ethan parou em frente a um toldo pequeno listrado de branco e marrom junto a uma placa que dizia MAMOUN'S FALAFEL.

— Falafel! — exclamou Alek.

— Não me diga que falafel é armênio também.

— Não é, mas é do Oriente Médio. Mas minha mãe era vizinha de uma família egípcia quando criança, e as mães trocavam receitas o tempo todo. Falafel para mim é como cachorro-quente para a maioria dos garotos.

Ethan foi fazer o pedido, mas Alek intercedeu.

— Pode deixar — disse ele. — Vamos querer dois sanduíches de falafel,

mas quero com o pão árabe de verdade, não esse negócio grosso que *esses americanos* gostam.

O sujeito atrás do balcão assentiu com aprovação. Pegou pães árabes bem finos debaixo da bancada, abriu e usou uma pinça para pegar bolas de falafel na cesta de fritura.

— Há quanto tempo esse falafel está aí? — perguntou Alek ao sujeito, que olhou com vergonha em vez de responder. — Foi o que pensei. Você se importa de fazer fresco, por favor?

O sujeito fez bolinhas com massa de grão-de-bico amassado e colocou no óleo fervente.

— Você saca mesmo de falafel — comentou Ethan, impressionado.

— Você não faz ideia do orgulho que meus pais sentiriam de mim agora — respondeu Alek.

Quando o falafel ficou pronto, Alek apontou para os acompanhamentos.

— Pode pegar leve na salada, e queremos pepino na salmoura e…

— Frutas *soudé*! — exclamou Ethan com alegria.

— E picles de berinjela seria ótimo. E vamos querer *tahine* e molho picante, por favor. *Sahtein* — disse Alek quando o homem entregou a ele os sanduíches de falafel.

— O que quer dizer *sahtein*? — quis saber Ethan.

— É tipo *bon appetit* em árabe — respondeu Alek.

— Vocês vão pagar juntos? — perguntou o homem, somando o total.

— Sim, por favor.

Alek se adiantou antes de Ethan ter a chance de responder. Entregou ao caixa uma nota de dez dólares do envelope e colocou um dólar no pote de gorjetas.

— Alek, você não precisa pagar para mim.

— Sei que não. Mas isso é um encontro, né?

— *Amém*.

— Supondo que isso signifique "sim", é um prazer para mim.

— Estou podendo. Meu namorado pagou um sanduíche de falafel para mim — gabou-se Ethan para as garotas góticas atrás dele.

— Vocês dois são tão fofos. E você tem tanta sorte. Ser gay está tão na moda agora. Estou pensando em virar lésbica — respondeu a mais alta.

Alek teria rido ou reagido ao comentário da garota, mas ainda estava absorvendo o fato de Ethan ter usado a palavra *namorado*. Eles comeram caminhando, com Ethan praticamente arrastando Alek.

— Minha mãe diz que não é saudável comer andando — protestou Alek.

— Sua mãe não precisa chegar à High Line antes de fechar.

Eles andaram sem parar, e Ethan guiou Alek por uma escadaria circular externa. Uma pista com jardim, paralela ao rio e suspensa no meio da cidade, os recebeu.

— Que legal! — exclamou Alek.

— Não é? — Ethan assentiu. — Aqui era uma linha férrea usada para entregar leite, carne, hortifrutigranjeiros e bens crus e manufaturados pela cidade. Depois ficou fechada por uma eternidade e as pessoas queriam

derrubar, mas alguém teve a ideia de transformar em parque. Venha!

— É o oposto do Central Park — observou Alek, enquanto eles andavam.

— Como assim?

— Ah, no Central Park você esquece que está em uma cidade. Aqui, a cidade e a natureza se misturam nessa coisa híbrida incrível. A High Line não poderia existir em nenhum outro lugar.

— Não mesmo — concordou Ethan. — Adoro a vista da cidade dessa perspectiva de segundo andar. — Ele apontou para o oeste. — É ali onde os Ramblers, o time de futebol gay da cidade, joga todas as noites de segunda. E ali fica o Hotel Chelsea, que era *o* lugar para se estar. E, olhe, esta é a minha parte favorita — disse ele quando eles chegaram à Rua 26. Eles se sentaram suspensos sobre a rua, vendo-a seguir até o que parecia ser o infinito. — Nunca se vê uma rua ou avenida desse ângulo. Não é incrível? — perguntou Ethan.

Alek fez que sim e ficou olhando a rua seguir para o horizonte.

Eles passaram por casais de mãos dadas e mais carrinhos de comida. Quando chegaram a um quiosque de paleta mexicana, Ethan pegou a carteira com orgulho.

— Se você pode pagar meu falafel, eu posso pagar a sobremesa — disse ele, comprando uma paleta de morango e outra de manga com pimenta. — Quer dividir?

— Um picolé? — perguntou Alek.

— Com medo de pegar meus germes?

Eles continuaram andando enquanto tomavam os picolés, admirando a arquitetura do parque suspenso e a forma como parecia eternamente integrado à folhagem e ao verde.

— Venha, venha — Ethan apressou Alek. — Não temos muito tempo.

— Tempo para quê?

— Anda logo! — disse Ethan, praticamente arrastando-o por outra escadaria circular.

Alek foi atrás de Ethan até o outro lado de uma rua, para um pequeno gramado em um píer.

— Estamos no extremo oeste de Manhattan — Ethan apontou para a rua que seguia em paralelo ao rio. — Esta é a West Side Highway.

— Eu vivo esquecendo que Manhattan é uma ilha — admitiu Alek.

Ele ergueu o rosto e viu o sol se pondo atrás do contorno de Nova Jersey. Alek cresceu em Nova Jersey e sabia que a cidade tinha a reputação de ser o sovaco do país. E, normalmente, Alek achava que a reputação era merecida. Mas naquele momento ele estava vendo alguns raios de sol atravessando o céu escurecido com feixes de luz roxas, vermelhas e laranja. O reflexo cintilava na água com delicadeza, como se qualquer perturbação fosse fazer a imagem desaparecer. Alek pensou que até Nova Jersey ficava bonita pelas lentes de Nova York. Alek e Ethan ficaram admirando o visual.

— Você me chamou de namorado quando estávamos comprando o almoço — disse Alek baixinho, ainda olhando para a frente.

— No Mamoun's?

— É. Você falou para aquelas garotas que seu namorado pagou a comida.

— E daí?

Alek fez uma pausa, perguntando-se se teria coragem de fazer a pergunta apavorante.

— Por que eu, Ethan? Você é tão… bem, você poderia ter qualquer pessoa que quisesse. Por que me escolheu?

— Tenho uma quedinha pelo povo armênio. Com toda essa história de genocídio…

A brisa que soprava agitava algumas mechas do cabelo de Ethan. Alek achou que ficaria feliz de passar o resto da vida assim, com o sol, a água, o vento e Ethan. Mas isso não queria dizer que ia deixá-lo fugir da pergunta.

— Estou falando sério, Ethan — insistiu Alek delicadamente.

Ele colocou a mão sobre a de Ethan, que estava apoiada no parapeito e entrelaçou seus dedos com os dele.

Ethan fez uma pausa longa e considerável antes de começar a falar.

— Eu acho que quando se tem a nossa idade é muito fácil fazer a escolha fácil. O que os adultos não entendem ou talvez tenham esquecido é que, na maioria das vezes que fazemos besteira, sabemos que estamos fazendo uma idiotice, mas escolhemos fazer mesmo assim porque é mais fácil. Mas você é diferente. Você não tem medo de fazer a coisa certa, mesmo que seja mais difícil. Como avisar ao senhor Weedin que ele copiou o problema errado na lousa. Ou chamar a minha atenção quando achou que eu estava sendo homofóbico. E respeito isso, Alek. Você tem personalidade. Quero isso em um cara com quem vou ficar. Significa que ele vai me tratar bem e que também merece ser tratado bem.

Alek apoiou a cabeça no ombro de Ethan e continuou observando o resquício de sol desaparecer.

— Mais uma coisa — disse Ethan depois de uma longa pausa. — E isso já era verdade antes de hoje, mas agora é indiscutível. — Ele passou o braço ao redor do ombro de Alek e sussurrou no ouvido dele. — Você é *sexy*, namorado.

16

Alek tinha separado as roupas na noite anterior, fazendo um pacto consigo mesmo de que as usaria. Mesmo assim, teve de se obrigar a ignorar a invisibilidade confortável das roupas velhas de shopping do seu armário. Enquanto caminhava pela High Line no dia anterior, as roupas novas faziam sentido. Mas, em cima da cama dele, em Nova Jersey, pareciam tão deslocadas quanto fogos de artifício em um enterro.

Alek não sabia se era bom sinal o fato de a senhora Imbrie, a professora de inglês, não o ter reconhecido quando ele entrou na sala naquela manhã usando uma calça jeans justa e uma camisa xadrez vermelha de mangas curtas e com o novo corte de cabelo. E, apesar de não estar vestido como um desistente, ele se sentiu bem mais à vontade à mesa deles. Josh, com o cabelo espetado platinado, até disse:

— Ah, cara, eu sou hétero, mas pegaria você fácil, fácil.

E Ethan respondeu na mesma hora:

— Josh, você é hétero?

A mesa toda caiu na gargalhada.

******

— Quer uma bebida? — Alek perguntou a Ethan mais tarde, depois da aula, quando eles chegaram na casa dele.

— Água está ótimo.

— Com ou sem gás?

— Com gás.

— Gelada ou à temperatura ambiente?

— Vocês têm água com gás gelada *e* à temperatura ambiente?

— Um bom anfitrião está preparado para todas as possibilidades — respondeu Alek, citando a mãe.

Ethan estava deitado no sofá quando Alek voltou com a água com gás à temperatura ambiente. Colocou sobre um porta-copos na frente de Ethan e se sentou na poltrona.

— Por que você está sentado tão longe, namorado? Eu não mordo —

ronronou Ethan.

Deitado de barriga para baixo, com as costas arqueadas sob a luz do sol que entrava pela janela da sala, Ethan parecia felino.

Alek se aproximou lentamente e se sentou do outro lado do sofá. Era a primeira vez que os dois ficavam sozinhos em um lugar privado desde o primeiro beijo. As possibilidades apavoravam Alek e o deixavam eufórico.

Como se lendo a mente dele, Ethan disse:

— Você ainda está muito longe.

Alek chegou mais perto, até ficar com os joelhos ao lado da cabeça de Ethan. Ethan colocou a cabeça no colo dele, se arqueou e deu um beijo firme nos lábios.

Quando Alek aprendeu sobre a Guerra de Troia e, consequentemente sobre Helena de Troia ter sido o rosto que lançou mil navios, achou a história totalmente inacreditável. A ideia de que uma única pessoa pudesse atrair, inspirar ou provocar centenas de homens a arriscar a vida e a liberdade parecia o tipo de hipérbole mitológica que nunca acontecia no mundo real. Mas, enquanto beijava Ethan, Alek compreendeu por que todos aqueles guerreiros gregos antigos entraram naqueles navios e navegaram para o outro lado do mundo.

Boa parte do que Ethan já tinha ensinado a Alek foi descritiva; como as ruas de Manhattan eram organizadas ou o significado mais profundo de uma música de Rufus Wainwright. Mas, agora, ele estava ensinando por meio de exemplos, e Alek era um aluno ávido. Alek aprendeu quando se inclinar e quando recuar, quando mordiscar e quando respirar.

Ethan começou a passar delicadamente os dedos pelo cabelo de Alek. O aumento de pressão foi tão sutil que Alek não reparou no começo, mas em pouco tempo o movimento evoluiu para uma coisa mais forte. Chegou um ponto em que Ethan pegava punhados de cabelo de Alek pelas raízes. Alek se surpreendeu, interrompendo um dos beijos com um gemido profundo e gutural. Ethan segurou de novo, e Alek gemeu ainda mais alto.

— Gostou disso, né, namorado? — Ethan deu um sorriso malicioso.

— Gostei — respondeu Alek.

Alguns dias antes, ele talvez corasse, mas agora não.

As mãos de Ethan seguiram pela parte de cima da camisa de Alek. Alek inspirou profundamente e percebeu que tinha perdido a noção do tempo e não fazia ideia se ele e Ethan estavam de amassos havia poucos minutos ou muitas horas.

Estar com Ethan assim deixava Alek um tanto apavorado. A primeira vez que eles se beijaram, no quarto de Ethan, alguns fatores conspiraram para limitar a experiência: eles sabiam que o senhor Novick voltaria para casa a qualquer momento e, além disso, Alek nunca tinha beijado um garoto. Mas agora, acomodado na sala de casa, sem ameaça de interrupção, Alek não fazia ideia de como desacelerar as coisas e até onde se sentiria à vontade. E parte dele tinha medo de *não querer* saber nenhuma dessas coisas, de se perder na curiosidade e na fome.

Ethan abriu os botões da camisa xadrez vermelha de Alek um a um.

Quando chegou ao último, deixou a mão parada no primeiro botão da calça jeans de Alek. Alek se afastou de Ethan.

— Estou brincando com você, cara — riu Ethan. — Não estamos prontos para isso ainda. Temos de esperar pelo menos uns dias.

— O quê? — disse Alek, apavorado e excitado.

— Cara, só estou provocando. Onde foi parar seu senso de humor? Cale a boca e me beije. Você está ficando bom nisso.

Ethan tirou a camiseta, colocou as mãos no rosto de Alek e o puxou para perto novamente. O som da campainha interrompeu o abraço.

— Deixa pra lá, cara — implorou Ethan. — Seja lá quem for, vai acabar indo embora.

— E se meus pais pediram aos Eisinger para virem dar uma olhada em mim?

— Quem se importa, cara?

— Eu me importo. Vamos, vista a camiseta — insistiu Alek.

— Você está brincando?

— Eu pareço estar brincando? — perguntou Alek, jogando a camiseta para ele.

— Não fico constrangido por ser gay, sabe.

— Nem eu, mas não é assim que planejo sair do armário para os meus pais, tá? Agora, vista-se! — ordenou Alek enquanto seguia para a porta da frente.

— Eu trouxe o filme, um pacote de Cracker Jack e, claro, Dr. Pepper diet — ele ouviu Becky dizer antes de a porta estar toda aberta. — Estou supondo que seus pais tenham deixado o suficiente para alimentar um pequeno exército, não é? Porque, se não deixaram… — Becky parou de falar quando viu Alek. — Alek? Está tudo bem? O que aconteceu com seu cabelo?

— Oi, Becky. Já são seis horas? Eu esqueci que tínhamos combinado.

— Deu para perceber — disse Becky, olhando para ele e para a camisa meio aberta.

— Oi, moça — disse Ethan da sala.

Becky olhou de Alek para Ethan e para Alek de novo.

— Você deve ser Ethan.

— E você deve ser...?

— Sou Becky. Espero que Alek tenha citado a melhor amiga para você.

— A patinadora!

— Bingo.

— Que patins maneiros. São Kinetic?

— Quase. Activa.

Alek não conseguia acreditar. Mesmo nessa situação, Ethan conseguia ficar tranquilo.

— Eu e uns amigos andamos de skate do outro lado do túnel — prosseguiu Ethan. — Quase todos nós, mas alguns usam patins. Eu convidaria você para ir patinar com a gente se não tivéssemos uma regra que proíbe meninas.

— Ethan, se isso é um desafio, pode me considerar dentro. Tenho

certeza de que eu poderia ensinar umas coisinhas a você e aos desistentes.

Alek limpou a garganta com pouca sutileza.

— Becky, Ethan e eu estávamos…

— Ah, tenho uma boa ideia do que vocês estavam fazendo. Mas você já me dispensou uma vez e não vai dispensar de novo. Ethan, você pode ficar com a gente se quiser. E acho uma boa ideia nós três começarmos a passar um tempinho juntos. Você pode ser o namorado de Alek, mas eu sou a melhor amiga. Eu o conheço há mais tempo, o conheço melhor e não vou a lugar nenhum, então é melhor se acostumar.

Becky se encaminhou até a sala contígua.

— Vou preparar tudo — disse ela da sala de TV. — Andem logo! Estou doida para ver esse filme. De novo. Tem Jennifer Aniston e Paul Rudd. *A razão do meu afeto* não é um filme velho, mas é tão bom que é como se fosse. Jennifer Aniston engravida do namorado, mas o larga e decide criar o bebê com Paul Rudd, o melhor amigo gay, por quem se apaixonou. Lembra alguma coisa?

Alek ficou estupefato.

— A moça tem coragem, né? — disse Ethan a Alek. — Me lembre de nunca deixá-la irritada.

— Vocês vêm? — chamou Becky da sala de TV. — Já está começando!

******

Duas horas depois, os créditos finais subiram pela tela.

— Filmaço — disse Ethan. Ele e Becky estavam no sofá, e Alek estava esparramado no chão. — É legal ver personagens gays que são, tipo, normais. Quando foi lançado?

— Em 1998 — disse Becky, lendo na capa.

— Tão à frente do tempo.

— Que bom que você gostou, Ethan. Eu diria a Alek para terminar com você se você não tivesse gostado — mesmo em meio ao choro previsível, Becky continuava sendo ela mesma. — Gosto do fato de acontecer tanta coisa nesse filme, como uma mulher que tem um bebê sozinha e a importância das promessas que os amigos fazem uns aos outros. — Becky encarou Alek enquanto assoava o nariz em um lenço de papel e secou os olhos. — Sabe o que quero dizer?

— Agora sei — respondeu Alek, falando sério.

— O que você achou do filme, namorado? — perguntou Ethan a Alek, sentando-se no chão ao lado dele.

— É, Alek. Você está estranhamente silencioso.

Alek pensou por um momento antes de responder.

— Eu só estava pensando… quanto tempo demora para uma ideia mudar.

— O que você quer dizer?

Becky tinha acabado com o lenço e agora estava usando a manga da blusa para limpar o nariz.

— Temos uma ideia de família, certo, que existe há milhares de anos. E, no final do filme, vemos uma ideia diferente de família.

— Ou muitas ideias diferentes de família — disse Ethan.

— Exatamente: gay, hétero, idades muito diferentes, inter-racial. E eu estava me perguntando quanto tempo vai demorar para termos mais de uma ideia de família na cabeça.

— Quantos garotos da sua idade que você conhece são de uma "família normal"? Só vejo minha mãe algumas poucas vezes por ano. Os pais da maioria dos meus amigos são separados ou não se falam. Acho que está na hora de nossa ideia de família se equiparar à realidade — disse Ethan.

— Ah, na maior parte do tempo, a realidade não faz sentido, e acho que esse é um dos motivos para o filme ser tão bom — disse Becky. Ela pegou um saco de *pretzels* e começou a comer. — Como quando Jennifer Aniston e Paul Rudd começaram a se beijar. Eles eram melhores amigos, ela sabia que ele era gay, e, se o ex-namorado dele não tivesse ligado naquele momento, quem sabe até onde eles teriam ido.

— Eu nunca beijei uma garota — disse Ethan.

— É mesmo? — perguntou Alek. Nunca teria ocorrido a ele que pudesse ser mais experiente do que Ethan em certos aspectos.

— Não. Mas, quem sabe, pode ser que eu vá para a faculdade e acabe experimentando com pessoas do sexo oposto, mas até agora o impulso não aconteceu.

— Ah, eu penso em beijar garotas às vezes — disse Becky, tirando o DVD do aparelho.

— Não acredito — disse Alek.

— Claro que sim — Becky deu de ombros. — Mas, por outro lado, acho que a sexualidade das mulheres é bem mais fluida.

— Do que o quê? — perguntou Ethan.

— Do que a dos homens.

Alek se inclinou para a frente.

— Ah, é? E o que você sabe sobre a sexualidade dos homens?

— Ah, tem um cara com quem eu ficava…

— Você nunca me contou isso!

— Devo ter esquecido — continuou Becky. — Aquele Brock que mora na rua da minha avó, no Maine.

— Ele? Não acredito que ficou com o cara que você chamava de "Brock, o pateta de bicicleta"! — disse Alek com acusação na voz.

— Ah, ele parece ser interessante — disse Ethan.

— Ele me perguntou se eu já tinha pensado em beijar outra garota — continuou Becky.

— Meus amigos falam disso o tempo todo — disse Ethan. — Caras hétero são tão previsíveis.

— E eu disse não. E ele perguntou: "Nem a Kate Winslet?" A gente tinha acabado de assistir a *Titanic*, então, como vocês podem imaginar, a imagem

dela estava recente na minha cabeça. Acho que não sou lésbica, mas eu disse que sim, que a beijaria. E, aí, ele começou a citar todas as minhas outras atrizes favoritas, como Audrey Hepburn, Anne Hathaway e Rachel Weisz, e eu disse sim a todas elas. Então, acho que ou sou uma teórica bissexual ou tremenda piranha de famosas.

— Não consigo acreditar que você não me contou sobre o Brock — disse Alek.

— Foi antes de a gente se conhecer, Alek. E eu não queria intimidar você com minha experiência.

— Moça, você fala com mais sabedoria do que imagina — Ethan assentiu com conhecimento de causa.

— Ethan, eu tentei domá-lo para você, mas você sabe como ele pode ser difícil — contou Becky. — Quando você o beijou, achou…

— Eu acho que já chega disso — interrompeu Alek, rapidamente. — Limites, tá?

— Concordo. Ver vocês dois se aconchegando está me deixando péssima — Becky fechou a capa do DVD, colocou os patins e seguiu na direção da porta da frente. — Foi bom conhecer você, Ethan. Tenho certeza de que nos veremos por aí.

17

Alek passou os dois dias seguintes flutuando, com a liberdade recém-descoberta expandindo sua definição de alegria. Em vez de terminar o trabalho de Shakespeare para a aula da senhora Imbrie, Alek ficou com Ethan até meia-noite depois que Becky foi embora naquela quinta. E, na manhã seguinte, acordou e comeu Cracker Jack com Dr. Pepper diet de café da manhã, antes de sair para encontrar Ethan na estação de trem para outra aventura na cidade.

Quando a chuva inesperada os pegou tomando sorvete no West Village, Ethan correu para o hotel mais próximo e explicou ao porteiro que era filho de um dos hóspedes e conseguiu um guarda-chuva enorme e lindo que os protegeu no caminho até a livraria Barnes & Noble mais próxima. Lá dentro, Ethan mostrou a Alek seu truque favorito de sobrevivência urbana. Pegou um livro de aparência cara em uma das prateleiras, andou com ele por um tempo e depois o "devolveu" no caixa.

— Normalmente não aceitamos mercadoria devolvida sem recibo, mesmo em perfeitas condições — explicou o caixa.

— Foi presente de aniversário — justificou Ethan com cortesia.

Alguns momentos depois, tinha em mãos um crédito da loja no valor do livro "devolvido".

— Você gosta de livros, não gosta?

Ethan deu o cartão com o crédito a Alek, que ficou olhando para ele, impressionado.

******

Enquanto Alek continuou ligando para os pais todos os dias e todas as noites, eles continuaram acreditando que tudo estava bem.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou a mãe quando conversaram na manhã de sábado.

— Quem sabe, mãe? Como estão as outras famílias? Os Kalfayan obrigam você a comer a comida deles? E os Hovanian, conseguiram relaxar?

— O oposto. Nik precisou ir correndo encontrar Nanar porque ela disse

que tem uma coisa que precisa falar para ele.

— Você acha que ela está grávida? — brincou Alek.

— Isso não é engraçado — ela respondeu. — O que você vai fazer hoje?

— Eu estava pensando em jogar tênis.

— Que ótimo, Alek. Sozinho?

— Não, com um amigo.

— O quê? — perguntou ela.

— Eu disse que vou com um amigo — repetiu Alek.

— Me desculpe, querido, eu estava falando com seu pai — Alek conseguiu ouvir a voz abafada do pai do outro lado do telefone. — Querido, parece que aconteceu alguma coisa. Ligo para você daqui a pouco, tá?

— Claro, mãe. Vejo vocês amanhã. Façam uma boa viagem.

Alek desligou o telefone. Deu uma olhada na seção de artes e na *Magazine* do *Times* de domingo que chegou no sábado, apreciando a possibilidade de poder ler o jornal primeiro. Como integrante mais novo da família, ele costumava ter de ficar com o que os outros três já tivessem lido.

— Que horas você acha que seus pais vão voltar amanhã? — perguntou Ethan.

— Tarde. Eles vão dirigir o dia inteiro.

— Beleza.

— Vamos jogar tênis hoje — decidiu Alek, colocando o jornal em cima da mesa.

— Adoro quando você assume o comando — Ethan sorriu.

— Vamos ver se ainda pensará assim depois que eu tiver arrasado você.

Quando ele e Ethan chegaram às quadras, ficou claro que Ethan não era jogador de tênis; ele só gostava de tentar fazer a bola passar por cima da rede. Portanto, Alek se segurou. Mesmo assim, Ethan ficou impressionado.

— Preciso dizer, cara, quando você falou que seu negócio era tênis, eu não acreditei. Mas você é bom mesmo!

— Você ainda não viu nada.

— Sério?

Encorajado pela admiração de Ethan, Alek começou a jogar do melhor jeito que sabia, recuperando o *forehand* com as duas mãos, jogando a bola no fundo da quadra e se aproximando da rede como fez na melhor época do ano anterior.

— Gostei de jogar tênis com você, Ethan — disse Alek, quando eles estavam secando o suor com toalhas depois da partida.

— Porque eu fico lindo na quadra?

— Não, você parece um idiota correndo de um lado para outro tentando rebater minhas bolas. Gostei porque é bom fazer uma coisa em que eu sou melhor.

Ethan bateu com a toalha em Alek de brincadeira, que, também brincando, revidou.

******

— Por que você está demorando tanto? — perguntou Alek, entrando na cozinha.

Ele olhou para as pilhas de roupas, pratos não lavados e sacos de lixo, perguntando-se quanto tempo demoraria para recolocar a casa em uma ordem aceitável aos Khederian.

— Um segundo! — respondeu Ethan.

Ethan estava segurando dois copos de água e olhando para a porta da geladeira. Alek tirou os copos das mãos dele e colocou na bancada. Ficou de pé atrás de Ethan e passou os braços atrás da cintura dele, aninhando o rosto no pescoço.

— O que você está olhando?

— Sinistro, não é?

Ethan estava lendo as fotocópias em preto e branco de dois artigos de jornal presos na geladeira dos Khederian. Uma manchete dizia “Histórias do horror armênio confirmadas” e a outra era: “Armênios exilados passam fome no deserto”. Uma fotografia de uma caravana de armênios esqueléticos em uma marcha forçada no deserto estava pendurada ao lado do artigo. Como Alek não conseguia se lembrar de uma época sem artigos na porta da geladeira, nem os percebia mais.

— Esses são do *New York Times*? — perguntou Ethan.

— São. O primeiro artigo é de 1915. O segundo, com a foto, é de 1916. Foi só o começo de tudo.

— Pensei que você tivesse dito que algumas pessoas ainda negam que isso aconteceu.

— Negam mesmo — respondeu Alek com simplicidade.

— Como? Se tinha gente escrevendo artigos de jornal na época, como alguém pode negar?

— Essa, Ethan, é a questão da incrível dor nascida da injustiça que os armênios carregam nas costas — Alek descobriu que as histórias do passado da família estavam guardadas lá dentro quando as procurou, como ingredientes em uma despensa bem guarnecida. — Meus pais querem que valorizemos o que temos, e não esqueçamos as atrocidades infligidas ao nosso povo, por isso colocaram esses artigos aí.

— Não faço ideia de como deve ser carregar essas coisas por aí com você. Sou um vira-lata europeu. Meu pai é irlandês, francês e alemão, mas nada disso tem significado para mim.

— E sua mãe? — perguntou Alek.

— O que tem ela?

— Você nunca fala dela — Alek sondou com delicadeza. — O que ela faz?

— Maconha — respondeu Ethan.

— E ela ganha bem para fumar maconha? — brincou Alek.

— Eu não estou brincando. Ela era *hippie* quando se tornou lobista da indústria da maconha. Ela é uma das responsáveis por a maconha estar se tornando legal em todos os estados do oeste.

— Não é o tipo de emprego que se imagina que a mãe de alguém tenha

— disse Alek.

— Ah, ela não é uma mãe normal — admitiu Ethan. — Só não foi feita para esse negócio de ser mãe que não trabalha. Nem para ser mãe que trabalha. Foi por isso que pulou fora.

— Você sente falta dela?

Alek não conseguia imaginar seus pais separados, nem como teria sido sua infância com apenas um deles.

— O tempo todo. Mas prefiro que tenha agido assim a virar escrava do sistema. De qualquer modo, mesmo que ela ainda estivesse aqui, acho que eu não teria uma ligação com os ancestrais húngaros oprimidos da forma que você tem.

— Eu não fico pensando nisso o tempo todo, sabe.

— É mesmo?

— É assim — prosseguiu Alek. — Você é gay, né, mas não sai por aí pensando "O que vou usar hoje já que sou gay?" nem "Como uma pessoa gay reagiria nessa situação?"

— Claro que não. Às vezes passo cinco minutos inteiros sem pensar que sou gay.

— Estou falando sério. Com que frequência você pensa de verdade nisso?

— Acho que certas situações me fazem pensar mais do que outras. Como quando Remi e eu andávamos de mãos dadas no shopping e as pessoas olhavam. Mas, quando estou andando nas ruas de Nova York, não importa.

— É a mesma coisa com ser armênio. Na maior parte do tempo, não é a coisa principal na minha cabeça. Mas me lembro de Nik voltando para casa depois da aula ano passado praticamente chorando porque a turma de história moderna europeia passou uma semana falando da Primeira Guerra Mundial e o professor nem mencionou os armênios. O "Genocídio Armênio" nem estava no índice remissivo do livro. Quando uma coisa assim acontece, você é obrigado a pensar no que ela representa para você.

— Então é isso que representa para você: dor, sofrimento e perda?

— Ah, em parte, sim, claro. Mas tem bem mais do que isso.

Alek levou Ethan até um armário de vidro do outro lado da cozinha. Abriu com cuidado e entregou a Ethan uma foto grande em um porta-retrato.

— Esse retrato foi tirado quase cem anos atrás. É o lado da família da minha mãe, quando todo mundo morava em Van. Van fica na Turquia; minha família morou no bairro armênio lá durante quase 300 anos.

— Por que eles estão fazendo essas caretas? Normalmente, as pessoas em fotos antigas estão com expressões sérias e deprimentes e ficam imóveis como estátuas.

— Está vendo isso? — Alek apontou para um canto da foto.

— Parece o rabo de um gato — avaliou Ethan.

— Isso mesmo. Os gatos de Van eram especiais, diziam que davam boa sorte porque todos têm um olho azul e outro verde. Na hora que essa foto foi tirada, Sarma, o gato da família, pulou na frente da câmera e deu um susto em todo mundo. Eles tiraram outra foto, e essa, considerada estragada,

deram a meu bisavô. Ele está aqui, na fila de trás, na ponta direita.

— Ele parece ter a nossa idade.

— É, ele tinha 15 anos — disse Alek. — Foi o único que sobreviveu ao genocídio.

Ethan olhou para todos os rostos armênios na foto, rindo, surpresos, irritados.

— Me deixa ver se entendi: todas as outras pessoas nesta foto morreram?

Alek assentiu.

— Penso o tempo todo no quanto tenho sorte de estar aqui, no quanto tenho sorte de meu bisavô, contra a vontade dos pais, ter feito as malas e partido quando as coisas ficaram ruins. E por ter carregado essa foto com ele, senão eu jamais saberia como eram esses parentes. Mas há muitas outras coisas que acompanham o fato de ser armênio — disse Alek, pegando a foto da mão de Ethan e recolocando no armário de vidro. — Como isto.

Ele mostrou um objeto de argila grande, redondo e achatado, do tamanho de um prato. Ethan pegou e observou as imagens pintadas na superfície.

— Isso foi feito pela família Balian no bairro armênio de Jerusalém. Essa assinatura — mostrou Alek, virando o prato — é como se sabe que é verdadeiro. São os únicos que ainda fazem esse tipo de coisa.

— Tem um bairro armênio em Jerusalém?

— Claro. Fomos o primeiro país a se converter ao cristianismo, sabia?

— É lindo — disse Ethan, admirando os dois peixes entrelaçados pintados de verde e marrom, com uma borda azul intrincada.

— Todas as imagens no artesanato armênio têm algum significado. Às vezes, contam uma história; outras vezes, a imagem é simbólica.

— O que esse desenho quer dizer? — perguntou Ethan.

— Quer dizer *miasnut'yun*.

— Como é?

— Não sei exatamente como traduzir. Unidade? União? A imagem representa dois seres inteiros se completando. Juntos formam uma coisa nova. Uma coisa maior e melhor.

— Me parece uma boa explicação.

Ethan se inclinou e beijou Alek.

******

Mais tarde naquele dia, os dois jovens estavam sentados na cama de Alek, com as pernas entrelaçadas.

— Seu quarto é tão arrumado — disse Ethan, com algo entre admiração e nojo.

— Arrumamos todos os domingos quando voltamos da igreja.

— E foram seus pais que escolheram esse verde vômito das paredes?

— É verde-musgo, e minha mãe diz que é calmante — disse Alek, assentindo.

— Nosso próximo projeto devia ser seu quarto. A gente devia fazer uma transformação nele como fizemos com você — disse Ethan.

— Uma coisa de cada vez — respondeu Alek.

Ele se perguntou como os pais reagiriam ao novo cabelo e às novas roupas quando voltassem para casa no dia seguinte.

— O que você quer fazer hoje?

— Podemos ver TV, eu acho — disse Ethan.

— Desde que a gente não assista a nada com Kim Kardashian. Você não faz ideia de quantas horas os armênios do mundo passam reclamando por ter sido logo ela a escolhida para nos representar. Cheguei até a ouvir minha mãe dizer que sentia falta dos bons tempos em que Cher andava por aí com roupas inadequadas.

— Ela disse por que teve de desligar com tanta pressa?

Alek riu.

— Imagino que tenha descoberto que o leite do café da manhã do hotel não era orgânico e comprado de fornecedores locais. Ela ligou quando estávamos jogando, mas não deixou recado porque nunca deixa. Tentei ligar depois, mas caiu direto na caixa postal, então deixei recado no hotel. Tive de soletrar "Khederian" três vezes.

— Qual é o sobrenome da Cher? — perguntou Ethan.

— Sarkisian.

— Sarkisian, Khederian, Kardashian… todos os armênios têm sobrenome terminado em "ian"?

— Sim. Ou "yan", às vezes, mas é a mesma coisa. É patronímico.

Em resposta à expressão de incompreensão de Ethan, Alek explicou:

— É o equivalente a "son" em inglês. Aqui tem Johnson e Anderson, nós temos Hovanian e Boghossian. Significa "filho de" em armênio.

— Você é um poço de conhecimento — disse Ethan.

— De inutilidades armênias — completou Alek. — Devíamos começar logo a arrumar a casa.

— Vocês não têm empregada?

— Você está brincando? Até tentamos ter quando minha mãe começou a trabalhar em tempo integral, mas meus pais passaram tanto tempo limpando a casa no dia anterior à vinda dela porque queriam impressioná-la com a casa limpa que acabamos concluindo que não valia a pena.

Alek pensou na energia envolvida em se soltar de Ethan e ir levar o lixo lá fora, botar os pratos na lava-louças, limpar as bancadas, passar aspirador nos tapetes e passar pano no chão e concluiu que parecia impossível.

— Acho que podemos fazer amanhã.

— Não, senhor. Temos mais um passeio em Nova York planejado.

— Ethan, minha família volta amanhã! Não temos tempo de ir à cidade.

— Mas você disse que eles vão chegar tarde, não é?

— É.

— Então deixe o resto comigo. Me encontre na estação para pegarmos o

trem das 10h17, e estaremos de volta antes do jantar. Ou, melhor ainda, posso passar a noite aqui e saímos juntos amanhã de manhã.

— Você sabe ser bem persuasivo, Ethan.

— Amanhã é surpresa, então nem pense em perguntar o que vamos fazer, tá?

Milhares de possibilidades surgiram na mente de Alek, como uma máquina de cassino.

— Não sei o que vou fazer quando meus pais chegarem. A ideia de não poder ir a Nova York sempre que eu quiser e ficar preso aqui de novo é tão deprimente.

— Sabe, não acho nosso subúrbio assim tão ruim — disse Ethan.

— Como você, que me apresentou à cidade, pode pensar isso? Não tem nada para fazer aqui. Nunca. Mesmo que você tivesse idade para dirigir e tivéssemos um carro, e aí? Poderíamos ir ao shopping. A não ser que fosse depois das 8 horas da noite, claro. Aí nossa única opção seria a lanchonete na Route 130. Mas, se morássemos na cidade, poderíamos andar pela High Line ou tomar paletas ou ver o sol se pôr sobre o rio ou nos perdermos pelo Central Park. Nós poderíamos até jogar futebol gay com os Ramblers! É por isso que odeio tanto aqui. É como se tudo morresse quando o sol se põe.

— Você acha mesmo o subúrbio uma *droga*?

— Acho.

— E você acha isso ruim?

— Como pode ser bom?

— Vou mostrar.

Ethan saiu de cima da cama de Alek. Ligou o celular na caixa de som de Alek, e uma música de Rufus começou a cantar: *"You can go out, dancing..."*

— "*Between my legs*", certo? — perguntou Alek.

— Mais certo do que você poderia imaginar — respondeu Ethan.

Ele aumentou o volume até Alek conseguir sentir a batida nos ossos. Ethan fechou a porta e baixou a luz até o quarto estar tão escuro que Alek mal conseguia vê-lo.

— Ethan!

— Shhhh.

Ethan tirou a camisa, andou até Alek e colocou o dedo nos lábios dele. Alek beijou o dedo de leve. Ethan esticou a outra mão e colocou no joelho de Alek. Inclinou-se, beijou Alek no rosto, na boca e no pescoço, descendo devagar pelo corpo. A mão subiu pela lateral da perna até os dedos pararem na cintura da calça. Em seguida, começaram a mexer lentamente no botão. Alek fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

Cada centímetro que Ethan descia com as mãos fazia o coração de Alek bater mais forte. Alguns dias antes, quando Ethan brincou sobre isso, pouco antes de Becky entrar, Alek teve mais medo do que de qualquer outra coisa na vida. Ainda sentia medo, mas agora sentia que talvez estivesse pronto.

As mãos de Ethan conseguiram soltar o botão. Alek deixou a letra da música de Rufus tomar conta dele. A música nunca tinha feito tanto sentido. Se o mundo estivesse chegando a um fim apocalíptico e cataclísmico, era

exatamente assim que ele queria estar: com Ethan.

Alek abriu os olhos e viu Ethan olhando para ele. Sabia qual pergunta estava sendo feita. Ele estava pronto? Queria que Ethan fizesse isso?

Mas, antes que Alek pudesse decidir, a porta do quarto foi aberta com violência. Uma pessoa com um taco de golfe acima da cabeça, preparada para atacar, pulou no quarto.

— Chame a polícia! — gritou Ethan ao pular e derrubar a pessoa no chão.

Alek pulou por cima de Ethan e do invasor para chegar à escrivaninha, pegou o celular e brigou com a tela protegida por senha.

— Nove-um-um — disse a atendente no ouvido de Alek. — Qual é sua emergência?

Gritos foram ouvidos quando mais duas pessoas apareceram na porta, uma segurando um taco de beisebol e a outra com a frigideira de ferro fundido Le Creuset favorita da mãe, a que ela escondia no armário da frente. “Como esses invasores saberiam onde encontrar isso?”, perguntou-se Alek. “A não ser que…”

— Parem! Não se mexam! — gritou Alek.

Todo mundo no quarto parou.

— Me desculpe, senhora, não há emergência — disse Alek ao telefone, e desligou.

Ele acendeu a luz e viu o irmão e a mãe de pé na porta do quarto e Ethan, com o punho erguido, prendendo o pai de Alek no chão.

— Ethan, pare! — gritou Alek, puxando o braço de Ethan antes que ele pudesse dar o soco.

Ethan olhou para baixo e saiu rapidamente de cima do senhor Khederian.

— Ah, me desculpe, pai do Alek. Você está bem?

— Eu estou bem — respondeu o pai de Alek, indignado, levantando-se. Ele olhou para Alek. — *Você* está bem?

— Por que não estaria? — perguntou Alek.

— Quando chegamos em casa, a porta da frente estava aberta e a casa estava tão bagunçada que achei que tinha sido invadida — explicou a mãe, baixando a frigideira. — Achamos que tínhamos chegado no meio de um assalto.

— Então vocês se esgueiraram aqui para dentro para pegar os ladrões? — perguntou Alek com incredulidade.

A mãe assentiu.

— Meu Deus, vocês são tão barrocos! Por que não ligaram para a polícia? E se um desses ladrões imaginários tivesse uma arma?

— Nós ligamos para a polícia. Mas estávamos preocupados com você — disse a mãe.

— Por que a casa está tão bagunçada? — perguntou o pai de Alek. — E o que vocês dois estavam fazendo aqui com todas as luzes apagadas e…

O pai parou de falar. Alek sentiu as bochechas arderem de tão vermelhas. Todo mundo no quarto fez um silêncio constrangedor na hora que

a família se deu conta do que tinha interrompido.

Todo mundo exceto Ethan, claro, que se sentou no chão e começou a rir.

— Você acha isso engraçado, rapaz? — Alek ouviu o pai dizer na voz baixa que reservava para as piores situações.

— Ah, cara…

— Não sou um cara. Sou um adulto. Você pode me chamar de senhor Khederian. Embora, depois do que vi hoje, duvido que você volte a me chamar de qualquer coisa.

Agora foi a vez de Ethan ficar paralisado. Alek já tinha visto Ethan usar o charme para sair de uma situação atrás da outra, mas até seu melhor sorriso era inútil diante do patriarca armênio furioso.

— Qual é seu nome?

— É… hã… hã… — gaguejou Ethan.

— O nome dele é Ethan Novick — disse Nik, nervoso. — Ele é da minha turma na escola.

— Senhor Novick, imagino que a polícia vá chegar em poucos minutos. Se você ainda estiver aqui, tenho todas as intenções de dizer que você é um invasor.

— Eu não invadi. Sou amigo de Alek — protestou Ethan.

— Infelizmente para você, esta casa não é de Alek. É minha. E, se você sair dela nos próximos 60 segundos e eu tiver certeza de que jamais terei o desprazer de vê-lo aqui de novo, existe uma chance de você não passar a noite na cadeia. Estou sendo claro?

Ethan olhou para Alek. Alek sabia que devia dizer alguma coisa, que devia defender o namorado ou explicar aos pais que as coisas não eram tão ruins quanto pareciam. Pelo menos, ele sabia que era isso o que Ethan faria. Mas ele só baixou a cabeça, envergonhado. Mais do que o choque dos pais, ele conseguia sentir a decepção de Ethan queimando-o.

— Sim, senhor — disse Ethan, pegando a camiseta e saindo correndo.

Alek seguiu Ethan escada abaixo até a porta da frente.

— Eu preciso sair daqui, cara — disse Ethan. — Vejo você amanhã, tá?

— Ethan, não há a menor possibilidade de eu poder me encontrar com você amanhã.

— Por quê?

— Você está falando sério? Meus pais vão me matar. Se eu tiver sorte, vão me botar de castigo até eu me formar. Mas as chances de eu poder ir à cidade amanhã de manhã são as mesmas de nascerem asas em mim agora e eu sair voando daqui.

— Vem dormir na minha casa, então — propôs Ethan com olhos brilhando.

Alek ficou olhando para ele sem acreditar.

— Você não entende, né?

— O quê?

— Como é ter de fazer o que seus pais mandam.

— Você não *tem* de fazer o que eles mandam, Alek. Você *escolhe* fazer. Assim como está *escolhendo* não se encontrar comigo amanhã, apesar de

saber que planejei uma coisa especial.

— Você não entende porque seu pai não liga para o que você faz.

— Você não sabe nada sobre o meu pai — disse Ethan com rispidez. — Então não o use como desculpa por ser bichinha demais e não enfrentar seus pais.

— Não foi isso que eu quis dizer — contestou Alek.

— Tanto faz — disse Ethan. — É melhor você voltar para os terroristas que gostam tanto de você que vão botá-lo de castigo para sempre. Até mais, cara.

Ethan saiu batendo a porta.

Alek olhou para a porta fechada por um segundo, depois subiu a escada lentamente até o quarto.

— Aleksander Khederian, você tem tantas coisas para explicar que não sei nem por onde começar — disse a mãe, quando ele reapareceu na porta do quarto.

— Eu achava que vocês só voltariam amanhã — Alek sentiu lágrimas surgindo nos olhos. — Se vocês me deixassem explicar…

— Acho que não preciso de explicação para o que acabei de ver — disse o pai. — Você é uma desgraça para esta família.

O sangue sumiu do rosto de Alek e ele expirou intensamente, como se tivesse levado um soco no estômago. As mãos começaram a tremer e ele precisou encostar na porta do quarto. Ele olhou para Nik com uma esperança impossível de que o irmão fosse defendê-lo ou ao menos dizer alguma coisa. Mas Nik afastou o olhar, balançando a cabeça, em descrença.

— Alek, antes de você ir dormir vai arrumar a casa inteira, de cima a baixo — disse o pai. — Amanhã de manhã, às oito horas, você tem de estar na sala de jantar, onde sua mãe e eu vamos discutir os eventos desta semana. Depois do dia que tivemos, nós só queríamos voltar para casa e descansar. Não consigo expressar o tamanho da minha decepção por você ter nos negado até isso. Esperamos sinceridade e clareza. Entendeu?

— Sim, pai.

Alek baixou a cabeça e esperou que o resto da família saísse do quarto.

18

Às 7h55 da manhã seguinte, Alek entrou na sala de jantar e se sentou à mesa. Ele reprimiu um bocejo. Arrumar a casa o obrigou a ficar acordado até bem mais tarde do que estava acostumado, e ele sabia que não era hora de não caprichar. Além de jogar todo o lixo fora, ele tirou o lixo reciclável e esfregou a cozinha toda, usando uma escova de dentes velha para limpar os cantinhos difíceis. Depois, esvaziou a geladeira e a limpou, pois sabia que era a tarefa da qual a mãe menos gostava porque tinha medo de a comida estragar na temperatura ambiente.

Quando foi para a cama, ele estava ansioso demais para conseguir dormir. Deitado, ficou acordado, olhando para o teto, com a mente em disparada e o coração batendo rápido, até finalmente cair em um sono agitado. Quando acordou de manhã, não conseguia se lembrar dos pesadelos que teve, só das impressões bizarras que deixaram.

Os sons dos pais descendo a escada fizeram Alek se sentar ereto. Eles entraram na sala de jantar e se sentaram à frente dele, do lado onde ficava o armário com toda a louça e prataria boa da família.

A mãe estava especialmente linda, vestida com um terninho, o que significava que ia trabalhar no domingo. O pai estava com uma camisa enfiada dentro da calça marrom bem passada, uma despedida formal do moletom que sempre usava desde que havia sido demitido. Alek conseguiu imaginar como seria se reunir com eles em um ambiente de trabalho: não os pais calorosos que cuidavam da família, mas profissionais sérios, bem preparados e motivados.

— Aleksander, quando deixamos você sozinho na segunda-feira, foi um ato de confiança e respeito. Ao violar tão escancaradamente as orientações que deixamos, você nos desrespeitou e destruiu essa confiança — começou a mãe.

— Mas eu não… — disse Alek.

— Basta! — ela interrompeu na mesma hora. — Vamos deixar claro quando quisermos uma resposta de você e quando não quisermos. Agora, não queremos.

— Sim, mãe.

Ele olhou para o pai, que olhou para Alek com olhar vazio, com o rosto parecendo uma máscara de pedra.

— Vamos começar com o que mais nos incomodou — prosseguiu a mãe.

— Sei o que você vai dizer e acho uma porcaria — disse Alek. — Vocês são muito homofóbicos. Se tivessem pego Nik e Nanar de amassos, não reagiriam assim de jeito nenhum.

— Não estamos falando sobre Nik e muito menos sobre Nanar — explodiu o pai. — Além do mais, Nik tem quase 17 anos, e a questão aqui é você. Agora. Aos 14 anos. E se acha que aquele garoto é o que mais nos incomoda você não nos dá crédito nenhum.

Alek hesitou.

— O que você quer dizer?

— Você sabe que sua mãe e eu nos conhecemos quando morávamos em Nova York. Você acha que nós não tínhamos amigos gay? — perguntou o pai, incrédulo.

— Acho que não…

— É isso que estou querendo dizer — murmurou o pai.

A mãe de Alek colocou o braço no ombro do marido.

— Alek, você se lembra de Tim?

— Tio Timmy, colega de quarto de papai?

— Sim, bem, tio Timmy foi meu primeiro namorado na faculdade. Ele saiu do armário logo depois que terminamos.

— Tio Timmy é gay? Por que você nunca nos contou?

— Acho que foi mais fácil não contar. Mas eu queria que você confiasse em nós como costumamos confiar em você. Criamos você e Nik para terem a mente aberta, e acho que é o mínimo que você pode esperar de nós.

— Então você não liga de eu ser gay?

— É claro que eu ligo. Sou sua mãe. Ligo para tudo o que acontece com você. E, se dependesse de mim, eu escolheria você ser gay? — A voz da mãe de Alek falhou. Ela fez uma pausa de um segundo, enquanto avaliava a questão e as implicações da resposta. — Para ser sincera, provavelmente não. Mas estou dizendo isso porque vi como foi difícil para meus amigos gays aceitarem a própria sexualidade vivendo em um mundo que não estava feliz com a presença deles e também com a questão da aids na época. E, apesar de eu achar que tudo está melhor agora, odeio a ideia de o meu bebê ter de lidar com mais dor em sua vida do que o que já acontece na vida de todo mundo normalmente. — A mãe de Alek fez outra pausa, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Em seguida, com ferocidade surpreendente, disse:

— E se você acha que isso livra você de ter de me dar netos, está muito enganado.

— Ah, e como exatamente você espera que eu faça isso? — perguntou Alek.

— Você vai dar um jeito — respondeu a mãe.

— Você pode adotar. Muitos casais gays fazem isso — disse o pai.

— Eu sei, eu sei — respondeu Alek, ainda tentando absorver essa virada inesperada.

— Vamos continuar, então — a senhora Khederian tirou um envelope da pasta. Alek reconheceu como sendo uma das correspondências que ele recebeu durante a ausência dos pais. — Você pode nos explicar isso, Alek?

Alek ficou olhando para ela com expressão estúpida por um momento.

— Essa é uma das vezes em que queremos resposta — disse a mãe.

Alek pegou o envelope. Dentro havia um memorando da escola listando as faltas dele.

— Isso é o que mais incomoda vocês?

— Você sabe o quanto os estudos são importantes nesta casa — declarou a mãe.

Alek passou a noite toda e o começo da manhã com medo da conversa com os pais. O medo o consumiu enquanto ele arrumava a casa. Fez com que ficasse acordado até tarde e, quando finalmente conseguiu dormir, assombrou seus pensamentos.

Mas, agora, tinha relaxado. Sabia que o resto da conversa seria difícil e incômoda. Sabia que teria muitas coisas pelas quais pedir desculpas e que levaria um tempo até que tudo voltasse ao normal. Mas percebeu que os pais estavam agindo exatamente como ele devia ter esperado: colocando os estudos na frente de tudo.

— Eu matei aula para ir a Nova York com Ethan — confessou Alek.

— Foi lá que assassinaram seu cabelo? Em Nova York? — perguntou a mãe.

— Bem, sim, mas foi em um dia diferente.

— Então vamos acrescentar Nova York desacompanhado em sua lista de delitos.

— Sim, pai.

— E a segunda falta, no período da tarde do dia 29?

— Eu briguei com Ethan, então fui ao Dairy Queen atrás de Becky, para conversar.

— E por que não fomos notificados dessas faltas?

— Eu falsifiquei um bilhete com a assinatura do papai — disse Alek, afastando o olhar.

O pai balançou a cabeça sem acreditar.

— E, assim, acrescentamos a falsificação da assinatura do seu pai e, o pior de tudo, ter mentido a nós.

— Sim — murmurou Alek.

Quando estava executando esses atos individuais, eles não pareceram particularmente enganosos. Mas, expostos assim, Alek tinha de admitir que formavam um conjunto impressionante.

— Tem mais alguma coisa que você queira nos contar?

— Hã, eu não entreguei um trabalho de inglês na sexta porque Ethan e eu fomos a Nova York de novo.

— E, vou tentar adivinhar, você estava planejando falsificar outro bilhete? — perguntou o pai.

Alek fez que sim.

— Seu pai e eu passamos a noite toda nos perguntando como você pôde

se comportar de forma tão irresponsável e imatura e tão diferente de como você é. A única razão que podemos atribuir a esse comportamento é esse garoto, Ethan. Ele deve ser uma influência ruim. O Alek que eu conheço jamais teria feito qualquer uma dessas coisas.

A mãe dobrou o papel e guardou no envelope. Os pais trocaram um olhar e a mãe voltou a falar.

— Nós achamos que você não devia voltar a vê-lo.

— Vocês estão de brincadeira? — Alek começou a chorar. — Vocês passam tanto tempo me dizendo que não são homofóbicos e agora me dizem que não posso mais ver Ethan? Mãe, pai, por favor. Podem me punir o quanto quiserem. Dobrem minha quantidade de tarefas até eu fazer 100 anos. Me deixem de castigo até a faculdade. Mas não me digam que não posso ver Ethan.

— Alek, sei que é difícil, mas é para o seu próprio bem — insistiu o pai.

— Vocês são uns hipócritas!

O pai de Alek olhou para ele com raiva.

— Não nos insulte, seu mentiroso desrespeitoso! — cortou ele. — Alek, você sabe qual é a sensação quando seu próprio filho mente a você? E não estou nem falando de uma coisa grande. Até uma mentira pequena dói quando vem de alguém que você ama tanto. Mas, de repente, há um festival de mentiras saindo da sua boca. Espero que você tenha filhos para poder saber um dia como é ser magoado por eles assim. Não criamos você para ser este tipo de homem. Você devia sentir vergonha. Eu sinto vergonha de você.

— Alek, isso é tudo o que temos a dizer — concluiu a mãe. — Até que você seja avisado, considere-se de castigo. Você tem de vir direto para casa depois da escola. Seus privilégios telefônicos, inclusive o celular, estão suspensos por tempo indefinido. Vamos colocar senha no seu computador para que você não possa acessar a internet. Você tem mais duas semanas de aulas pela frente. Sugiro que se prepare e tente salvar o verão.

— Posso dizer uma coisa agora? — Alek perguntou baixinho aos pais.

— Não. Enquanto você não começar a agir como adulto, não há motivo para tratarmos você como um.

Os pais de Alek se levantaram e saíram da sala de jantar. Alek olhou para baixo e viu os dois círculos molhados que as lágrimas deixaram no jogo americano.

19

Se a última semana da vida de Alek fora puro êxtase, a semana que se seguiu foi puro inferno. Ele não tinha permissão nem de ir andando para a escola, o pai insistiu em levá-lo e buscá-lo. Alek se sentava no banco do passageiro todos os dias de manhã em silêncio, desafiando o pai a dizer qualquer coisa sobre suas roupas da Housing Works. Mas ele não disse nada. A rotina de casa, escola, casa, tarefas e dever de casa enraizou de tal forma que qualquer outro tipo de existência parecia uma lembrança distante. O tempo quase perfeito para jogar tênis, provocando-o enquanto ele era conduzido no carro do pai, só tornava tudo pior. A raquete estava no armário, negligenciada, como um amigo esquecido. Ele não podia nem ver ou ligar para Becky.

E o pior é que ainda não conversara com Ethan desde a briga. Embora Alek quisesse ter ido a Nova York com Ethan no domingo, quanto mais pensava no assunto, com mais raiva ficava. Ethan sabia que não era uma decisão dele. Ele *não queria* ficar de castigo.

Quando Alek entrou no refeitório na segunda-feira seguinte ao sermão dos pais, já tinha decidido que Ethan havia sido imaturo, e não sabia se sentaria ao lado dele.

"Dessa vez", pensou Alek, "Ethan pode almoçar na companhia de sua mochila."

O plano de Alek foi por água abaixo quando percebeu que Ethan não estava sentado à mesa de sempre. Alek ficou de pé no meio do refeitório sentindo cada vez mais raiva. *Ele* foi o humilhado na frente dos pais. *Ele* teve a porta batida na cara. *Ele* estava de castigo pelo resto da vida. *Ele* foi quem precisou ficar preso no subúrbio enquanto Ethan ia a Nova York. E ele devia achar que era apenas coincidência Ethan estar atrasado e não ter guardado o lugar dele? Ethan por acaso achava que ele ia se sentar à mesa dos desistentes sozinho? Alek foi batendo os pés até a antiga mesa vazia, sentou, pegou os *buregs* de espinafre e abriu o livro de álgebra.

Alguns minutos depois, Alek viu Ethan entrando no refeitório com Josh, Jack e Pedro. Quando viu Alek, ele parou e cochichou com os amigos, que foram direto para a mesa deles e deixaram Ethan sozinho. Ele ficou de pé olhando para Alek do outro lado do salão, com uma expressão vaga no rosto. Alek olhou por cima das folhas do livro aberto.

Os olhares e posturas permaneceram firmes, como caubóis em um

filme do velho-oeste, sem nenhum dos dois querer dar o primeiro passo ou recuar. Depois de alguns momentos infinitos, Alek interrompeu a imobilidade e voltou a olhar para o livro. “Se ele não é homem o bastante para vir pedir desculpas, prefiro me preparar para a aula de álgebra”, pensou Alek. Alguns minutos depois, Alek roubou um olhar para Ethan. Em vez de estar no lugar de sempre, Ethan estava sentado do outro lado da mesa, de costas para Alek.

Depois que terminou o almoço, Alek foi para a sala de aula, direto até a mesa do senhor Weedin. O professor baixou o jornal que estava lendo e olhou para Alek por cima dos óculos.

— Posso ajudar? — perguntou ele.

— Senhor Weedin, estou tendo dificuldade para ver o quadro-negro do fundo da sala — mentiu Alek — e queria saber se posso me sentar mais para a frente nas próximas duas semanas de aula.

— Parece sensato. Pode se sentar ali — disse o senhor Weedin, apontando para a carteira na fila da frente que ficava mais distante da porta.

“A parte fácil está feita”, pensou Alek.

— Mais alguma coisa, senhor Khederian?

— Sei que o senhor tem uma política de reprovar qualquer pessoa que mate aula sem motivo, e eu queria saber se há algum crédito extra que eu possa fazer para tentar compensar minha falta de sexta. Eu não quero repetir.

— Isso quer dizer que sua falta de sexta, ao contrário das outras neste semestre, foi *sem* motivo? — perguntou o senhor Weedin.

— Sim — admitiu Alek.

— Senhor Khederian, está claro que você tem domínio da matéria. Se não tivesse matado aula, eu teria recomendado você para a turma especial do ano que vem. Mas, infelizmente, não posso abrir exceções para alunos, independentemente do quanto pareçam ser inteligentes.

O senhor Weedin pegou o jornal e voltou a ler.

A resolução do professor quase fez Alek desistir. Mas ele sabia o quanto aquilo era importante para os pais. E, tinha de admitir, para ele também.

— Senhor Weedin, o senhor não acha que me reprovar em uma matéria quando acha que sou capaz de acompanhar a turma especial é contraproducente? — Alek limpou a garganta. — *Que possamos abandonar nossos juramentos para nos encontrarmos/Senão vamos nos perder para manter nossos juramentos*.

— Isso é Shakespeare? — perguntou o senhor Weedin, intrigado.

— É, é de *Trabalhos de amores perdidos*. Acabei de fazer um trabalho comparando com *Romeu e Julieta* para a aula de inglês, e essa citação ficou na minha cabeça.

— Por quê?

O senhor Weedin se encostou na cadeira e tirou os óculos de leitura para poder olhar para Alek sem obstáculos.

— Acho que passamos muito tempo tentando cumprir as promessas que fazemos ou as regras que criamos e acabamos esquecendo que também é importante olhar bem essas promessas e regras e ter certeza de que estão cumprindo seu papel, e não o contrário.

— Bem, senhor Khederian, você é bastante persuasivo — o professor bateu com o lápis na mesa três vezes. — Mas não vou facilitar para você. Vou dobrar sua quantidade de deveres de casa. Se fizer tudo de forma satisfatória, sua penalidade será reduzida e, em vez de reprovação, vou baixar sua nota. Assim, a maior nota que você vai poder receber será B.

Alek precisou se controlar para não abraçar o senhor Weedin.

— Obrigado, senhor Weedin, muito obrigado. Prometo fazer o melhor que eu puder.

— Qual é o seu melhor você, eu me pergunto?

— Não sei, senhor Weedin, mas estou ansioso para descobrir.

— Eu também, Alek.

Alek correu para a nova carteira, pegou o dever de casa e o livro e cuidou para estar lendo com atenção na hora que Ethan entrasse na sala. Alek torcia para que Ethan ficasse surpreso de vê-lo sentado do outro lado da sala.

******

Como estava confinado em casa, Alek na verdade gostou do aumento na quantidade de dever. Só desejava que os pais pudessem baixar sua nota, como a senhora Imbrie disse que faria quando ele entregou o trabalho sobre Shakespeare naquela manhã, e depois continuar a vida em vez de ficarem olhando para ele com mágoa e decepção toda vez que eram obrigados a interagir.

No sábado seguinte, Alek acordou antes das nove horas e desceu a escada pé ante pé para pegar o *New York Times* antes de qualquer outra pessoa da família acordar.

Quando estava terminando a *Magazine*, uma hora depois, Nik apareceu.

— Posso ler com você? — perguntou ele.

Foram as primeiras palavras que Nik dirigiu a ele desde que a família chegou de férias, uma semana antes.

Alek deu de ombros, demonstrando indiferença.

Nik se sentou ao lado de Alek e pegou a *Magazine*, enquanto Alek fazia a leitura na ordem que gostava: seção de artes, esportes e, por fim, o primeiro caderno. Eles ficaram lendo em silêncio por mais uma hora. Quando Alek terminou a seção de notícias internacionais, fechou o jornal e se levantou para voltar para o quarto.

— Alek, você tem um segundo? — perguntou Nik.

— Nik, se você vai me encher o saco por alguma coisa que fiz ou não fiz, esqueça. Não tenho energia para isso.

— Você não precisa ser hostil.

— É mesmo? Não preciso? Essa semana toda foi um inferno, Nik. Você nunca ficou de castigo, nem por um dia, então não tem como entender. O irmão mais velho não devia ser o que faz besteira para que tudo seja mais fácil para o mais novo?

— O quê?

— Você não percebe o quanto é difícil ser seu irmão? Você faz tudo certo. Tira notas perfeitas, trabalha como monitor de acampamento no verão, nunca se atrasa para o café da manhã e para o jantar e participa do grupo jovem da igreja. Caramba. Eu queria que você fizesse uma coisa, *qualquer* coisa, que mamãe e papai não aprovassem.

— Você está de brincadeira? — perguntou Nik.

— Eu pareço estar de brincadeira?

— Alek, você entendeu tudo errado. Ser o mais velho é um saco. Você acha que eu gosto do peso de ter de fazer a coisa certa o tempo todo? Sabe quantas vezes tenho de ouvir mamãe ou papai dizendo que estão contando comigo, Andranik, o primogênito, e não posso decepcioná-los?

— Então, por que você sempre faz o que eles mandam? E o que eles esperam? Você até namora uma armênia!

— Não mais.

— O quê?

Nik olhou ao redor para ter certeza de que eles estavam sozinhos.

— Mamãe e papai contaram por que voltamos mais cedo da viagem?

— Sinceramente, com tudo o que aconteceu, acho que a mudança nos planos de férias não está na lista muito curta de assuntos sobre os quais tenho permissão de falar com eles.

— Tenho certeza de que não era a recepção que você planejaria se estivesse nos esperando — disse Nik.

— Não mesmo — concordou Alek.

— Bem, acontece que Nanar não é armênia de verdade. Ou, pelo menos, não *só* armênia — contou Nik. — No dia antes de as férias terminarem, ela me contou que descobriu uma coisa que achava que eu devia saber.

— E o que poderia ser?

— Ah, o pai dela é armênio, mas a mãe não é. É turca!

O queixo de Alek caiu.

— Isso quer dizer…

— Nanar é meio armênia, meio turca. Quando a mãe e o pai se apaixonaram, eles sabiam que os pais dele nunca a aceitariam. Então, mentiram sobre o assunto e continuam mentindo desde então.

— Como Nanar descobriu?

— Começou com o projeto de herança cultural que fizemos para o grupo jovem. Ela começou a investigar a história da família da mãe e, quanto mais investigava, mais as coisas ficavam esquisitas. Mesmo antes da viagem ela me disse que sentia que a mãe estava escondendo alguma coisa dela. Aí fomos fazer a pesquisa na biblioteca de Burlington e ela encontrou um censo da cidade onde os pais nasceram. A família do pai estava listada no lado armênio, mas a mãe estava na lista dos turcos! Ela confrontou os pais e eles confessaram, e ela veio correndo me contar.

— O que você fez, Nik?

Nik afastou o olhar.

— Ah, não.

— Eu falei para ela que não podia namorar uma pessoa turca — admitiu Nik, afastando o olhar de vergonha. — E saí correndo e contei a mamãe e papai, que contaram ao resto das famílias, e, um a um, todo mundo decidiu ir embora mais cedo. Os Kalfayan nem esperaram Nanar e os pais. Fizeram as malas e foram embora. Nem sei como eles voltaram para casa.

— Nik, você já fez algumas coisas idiotas na vida, mas preciso dizer que essa leva o prêmio de *mais idiota*. Sua namorada, a única pessoa perto de quem você fica suportável, se abre com você e você a rejeita? Ela não precisava contar. Podia ter guardado o segredo, mas decidiu ser sincera com você. Você sabe quanta coragem é necessária para isso? Tem alguma coisa em ser hétero que deixa você insensível ou é coincidência cósmica?

— Você acha que não sei que fui babaca? — perguntou Nik, angustiado. — Na hora em que fiz o que fiz, eu já senti que não era certo.

— Então, por que fez?

— Eu sabia que era o que mamãe e papai gostariam — confessou Nik. — Mas, agora, não ligo. Sem Nanar, me sinto como um *dolma* sem recheio. Como um *baklava* sem pistache. Como…

— Tá, eu entendi — interrompeu Alek.

— Preciso pensar em um jeito de tê-la de volta.

— Mesmo que signifique irritar mamãe e papai?

— Mesmo assim — disse Nik. — Ficar longe de Ethan é assim para você?

— Não é a mesma coisa porque Nanar não fez nada de errado, e Ethan fez. Ele não fala comigo desde aquele dia.

— E você tentou falar com ele? — perguntou Nik.

Alek afastou o olhar em vez de responder.

— Pelo menos eu sei quando sou idiota — disse Nik. — Você consegue imaginar como deve ter sido para ele? Conhecer mamãe e papai já seria traumático em circunstâncias normais. Você *precisa* procurá-lo, Alek.

Alek sentiu afundar por dentro, como se sentia sempre que estava errado e outra pessoa estava certa. E essa sensação começou a virar outra coisa, uma coisa selvagem, perigosa e louca.

— Acho que sei o que precisamos fazer — disse Alek.

— Sabe?

— Sei. Uma coisa que vai trazer Nanar de volta para você, ajeitar as coisas com Ethan para mim e tirar mamãe e papai do nosso pé. Mas só se funcionar, claro.

— E se não funcionar?

— Aí Nanar e Ethan nunca mais vão falar com a gente e mamãe e papai vão nos deixar de castigo até os turcos finalmente admitirem o Genocídio Armênio.

— Onde eu assino?

— Você quer mesmo isso?

— Eu confio em você, Alek. Pense em quanto tempo passamos trabalhando um contra o outro. Se começássemos a trabalhar juntos, o que

não conseguiríamos fazer?

20

— Você está enrolando o *sarma* apertado demais — insistiu Alek.

— Não estou — disse Nik.

— Vão explodir quando estiverem cozinhando — avisou Alek.

— Não vão.

— Vão sim.

— Não vão! — Nik praticamente gritou e rasgou a folha na qual estava trabalhando, espalhando recheio de cordeiro e arroz por toda a cozinha.

Os irmãos Khederian pararam por um momento e respiraram fundo.

— Por que você não faz comigo? — perguntou Nik.

— Você sabe que mamãe e papai ainda não me ensinaram — respondeu Alek.

— Eu ensino. Aqui — disse Nik, passando uma das folhas de uva desenroladas para o irmão.

— Sério?

— Por que não? Coloque uma colherada de recheio no meio, dobre nos lados e enrole de baixo para cima.

Alek pegou a folha e começou a trabalhar de acordo com as instruções do irmão.

— Está vendo como vai mais rápido quando fazemos juntos? — disse Nik.

Alek assentiu em concordância e apreciou a sensação tão aguardada da folha de uva nas mãos.

— Alek, depois que terminarmos de enrolar o *sarma*, vou começar a picar as cebolas para preparar a vagem e as lentilhas.

Ele colocou o *sarma* na panela e começou a fazer a segunda camada.

— Por que você não começa com o *lahmacun* e eu cuido das cebolas?

Alek observou a cozinha de casa, que parecia uma zona de guerra. Nik pediu que um dos amigos do conselho de alunos o levasse para comprar os ingredientes. Eles já tinham voltado havia horas, e Alek e Nik acreditaram, ingenuamente, que teriam tempo suficiente para cozinhar. Então separaram cada ingrediente como os pais faziam antes de embarcarem no preparo de uma longa refeição. Mas, depois de algumas horas, parecia que um terremoto tinha atingido a cozinha e jogado os ingredientes em direções aleatórias. E nenhum prato estava pronto.

— Que horas são? — perguntou Alek, com nervosismo.

— Sete e quinze.

— Só nos restam 45 minutos!

— Então, o que estamos esperando?

Alek descarregou a ansiedade nas cebolas. Quando pensou em fazer esse jantar e sugeriu a Nik na semana anterior, parecia a ideia perfeita. Eles passaram o resto daquele sábado e o domingo folheando os livros de receitas dos pais para tentar elaborar o jantar perfeito.

— Que tal fazer *kufteh* de entrada? — perguntou Alek ao irmão.

— O que é isso mesmo?

— Existe alguma coisa da cultura armênia que você não sabe? — perguntou Alek, fingindo espanto.

— Diz logo o que é.

— Tia Arsinee faz toda Páscoa, lembra? É aquela bolinha de cordeiro, pinhão e salsa, tipo um hambúrguer armênio. Ela faz com muito cominho.

— Não é difícil de fazer? Acho que precisamos fazer coisas que sabemos. Ou pelo menos coisas que achamos que conseguimos.

Alek pensou no assunto.

— Faz sentido, Nik — concordou ele.

Eles combinaram de começar com o *lahmacun* preparado com antecedência, um pão-folha assado com carne moída e ervas que só precisava ser aquecido. Como entrada, decidiram fazer *sarma*, que seria servido acompanhado de triguilho, lentilha e vagem em molho de nozes.

Se ele tivesse se dado conta de quanta cebola picada era necessária, talvez Alek tivesse escolhido outro prato. Ele tentou afastar o rosto para proteger os olhos de lacrimejarem, mas ficou com medo de acabar cortando os dedos.

— Aqui, me deixe mostrar um truque — ofereceu Nik.

Ele acendeu uma vela e colocou ao lado da tábua de corte.

— Isso deve ajudar.

— É mesmo? — perguntou Alek.

— É. Cortar cebolas faz você chorar porque as enzimas da camada externa da cebola se misturam com os ácidos sulfênicos da camada interna e produzem óxido de tiopropionaldeído. O gás sobe até seus olhos e reage com a umidade, criando ácido sulfúrico. Aí seus olhos ardem e liberam mais água, e uma reação em cadeia acontece. Mas a chama afasta o gás.

— Não consigo acreditar que, pela primeira vez, estou feliz de você ser nerd — disse Alek.

— Corte logo essas cebolas, tá? Faltam 30 minutos — Nik encheu uma panela grande com água, colocou no fogão e acendeu a chama alta. — Vamos ver — pensou em voz alta. — Aí deve ter uns 8 litros de água e, com um minuto para cada 900 mililitros, a água deve ferver em menos de 10 minutos.

— Para sua informação, sua nerdice descolada virou supernerdice ridícula — disse Alek.

Ele pegou uma frigideira grande para as vagens e colocou em fogo

médio. Quando estava quente, colocou algumas colheres de azeite, esperou que começasse a ferver e jogou metade das cebolas dentro, mexendo delicadamente até ficarem translúcidas. Enquanto as cebolas eram cozidas, ele esmagou as nozes e o alho até formar uma pasta e temperou com coentro, páprica, sal, pimenta-de-caiena e vinagre de vinho tinto.

— Vou começar a preparar as lentilhas — disse Nik, colocando uma panela em fogo baixo.

Assim que a panela esquentou, ele acrescentou algumas colheres de azeite. Pegou o que sobrou das cebolas e colocou na panela, deixando que cozinhassem lentamente até caramelizarem, como vira o pai fazer um milhão de vezes. Enquanto as cebolas chiavam baixinho, ele lavou as lentilhas e começou a remexer em busca de pedras e impurezas.

— Boa ideia — elogiou Alek. — Você consegue imaginar o escândalo que mamãe faria se mordesse uma coisa dura e não comestível? É quase motivo suficiente para colocar algo assim no prato dela e ver o que acontece.

— Quase — disse Nik, para ter certeza de que Alek estava brincando. — Você não me contou como convenceu Ethan de vir.

Alek deu uma gargalhada nervosa, depois tirou as vagens cortadas da geladeira e jogou sobre as cebolas transparentes na frigideira grande.

— Ele *vem*, não vem, Alek?

— Claro.

— Então, por que a risadinha nervosa? — perguntou Nik.

— É que, bem, eu passei a semana passada inteira tentando arrumar coragem para convidá-lo… — começou Alek.

— Que é seu jeito de me contar que isso não aconteceu de verdade, certo? — disse Nik.

— Então pedi a uma amiga para me ajudar — concluiu Alek.

Como o pai de Alek teve outra entrevista de emprego e não pôde ir buscá-lo depois da aula na sexta, Alek aproveitou para desviar até a casa de Becky no caminho para casa. Ele bateu na porta com urgência, rezando para Becky estar em casa. Tinha de ligar para o celular do pai do telefone fixo depois da aula, então a janela era de poucos minutos.

— Por onde você anda, seu babaca? — perguntou ela quando abriu a porta. — Você não retornou nenhuma das minhas ligações. Nem e-mails. Nem mensagens de texto. Nem sinais de fumaça.

— Estou de castigo para sempre. Meus pais chegaram e me pegaram com Ethan.

— Será que eu deveria dar início a um grupo de apoio com eles? Fiquei totalmente traumatizada quando isso aconteceu comigo.

— Obrigado, Becky.

— Estou sempre aqui para você.

— Olha, preciso que você faça uma coisa para mim — ele explicou rapidamente tudo o que tinha acontecido. — É por isso que preciso que você entregue uma mensagem por mim e peça ao Ethan para ir jantar amanhã à noite com a minha família.

— Você é o Romeu ou a Julieta? — perguntou ela.

— O quê?

— Ah, se eu tenho de ser a Ama e levar mensagens de um para o outro, quero saber quem é quem.

— Vou ter de dizer que sou Julieta para você fazer isso para mim, não é?

— Garoto esperto.

— Tudo bem, Becky. Se você é a Ama, então Ethan é Romeu e eu sou Julieta.

— Diga de novo.

— Eu sou Julieta — repetiu Alek.

— Deixe comigo. Ele vai — garantiu Becky.

— E cuide para que ele saiba o que vai encarar, tá? — pediu.

Alek olhou para o irmão, que estava enxaguando as lentilhas uma última vez.

— Como você fez Nanar aceitar vir?

— Fiz o que qualquer cara com respeito próprio faria. Devolvi na loja todos os livros armênios que comprei este verão e usei o dinheiro para mandar entregar uma dúzia de rosas na casa dela com um bilhete implorando perdão e dizendo que, se ela me aceitasse de volta, eu seria escravo dela para sempre.

— Muito masculino.

— Deu certo, tá?

Alek deixou a panela com água fervente esfriar por alguns minutos e derramou metade do líquido no *sarma* enrolado e cru. Aumentou um pouco o fogo e, assim que a água voltou a ferver, cobriu a panela e baixou o fogo para médio, deixando cozinhar em fervura branda. O cheiro intenso e natural das folhas de uva perfumou o ambiente.

— Acho que nunca vou conseguir sentir cheiro de *sarma* sem pensar na nossa casa — disse Nik.

— Sei bem como é — concordou Alek.

As cebolas de Nik tinham finalmente caramelizado e estavam douradas. Ele virou algumas xícaras de lentilhas lavadas na panela e mexeu para cobri-las com o que restou do azeite.

— Você sabe que não se coloca sal nas lentilhas enquanto elas não estiverem prontas, certo? — instruiu Nik.

— *Dã* — respondeu Alek. — Não sou um *desses americanos*. Todo mundo sabe que não se coloca sal nem vinagre em leguminosas enquanto não estiverem prontas, senão não cozinham completamente.

— Sabe, eu não tenho a intenção de sugerir que você é burro quando falo as coisas. Só estou tentando ser um bom irmão mais velho — disse Nik.

Alek sentiu milhares de respostas sarcásticas viajarem do cérebro até a língua. Mas, em vez de soltar qualquer uma delas, só murmurou um “obrigado” baixinho e continuou a mexer.

— Vamos ver — disse Nik. — O triguilho só precisa ficar aí absorvendo a água, o *sarma* tem de terminar de cozinhar…

— Não se esqueça de colocar o extrato de tomate.

— Não vou esquecer. Precisamos terminar a vagem, colocar o caldo de

galinha na lentilha e deixar ferver em fogo baixo, acrescentar o molho *matzoon* e esquentar o *lahmacun*, mas quero esperar para fazer isso no último momento, para que não esfrie. Acho que dou conta de tudo isso. Você pode colocar a mesa?

— Tudo bem — disse Alek. — Também posso servir os aperitivos.

— Você acha que precisamos do queijo trançado além do *soojoukh*? Acho que a carne com o pão árabe e as azeitonas já está bom.

— O queijo trançado é importante, tá?

— Tudo bem — concordou Nik.

Alek pegou o *soojoukh*, uma carne salgada e seca, em um dos sacos e cortou-o em fatias finas, depois arrumou em um pratinho ao redor de uma porção generosa de queijo trançado. Em seguida, cortou o pão árabe em quatro partes, tirou o líquido das azeitonas, colocou em uma tigelinha de cerâmica e pegou outra para os caroços. Colocou todos os aperitivos na sala, com uma pilha de guardanapos perto.

Na sala de jantar, Alek abriu o armário onde os pais guardavam a louça boa e tirou uma pilha de pratos. Colocou ao redor da mesa de jantar, dobrou seis guardanapos de pano e posicionou no meio de cada prato. Em seguida, Alek pegou os talheres nas gavetas. Como ele e Nik decidiram não servir salada nem sopa, ele só precisava de dois garfos, uma faca e duas colheres. Cada item foi posicionado com precisão: o garfo da entrada e depois o do prato principal do lado esquerdo do prato; a faca e a colher de chá do lado direito. Ele colocou as colheres de sobremesa horizontalmente em cima, com o cabo virado para a direita.

Quando colocou a última colher, o cronômetro do forno tocou na cozinha.

— É do *lahmacun*? — perguntou Alek ao irmão.

— É — respondeu Nik. — Você sabe onde estão as luvas térmicas?

— Coloquei de volta na gaveta.

— Valeu.

Alek voltou para a cozinha, pegou na geladeira a pasta de iogurte que eles fizeram mais cedo e polvilhou hortelã fresca em cima.

— Ótima ideia servir o *lahmacun* com acompanhamento de *matzoon*, Nik — Alek disse ao irmão.

— Nanar diz que é assim que a família dela faz porque eles adoram molhar no *matzoon*. Quando saímos ontem à noite, ela também me disse…

Nik parou de falar quando ouviu a porta da frente.

— Já podemos entrar? — gritou a mãe.

Alek e Nik se olharam e assentiram.

— Podem entrar, pessoal — gritou Alek.

Eles ouviram a porta da frente ser fechada.

— Garotos, está tudo tão cheiroso — o pai elogiou, caloroso.

Alek e Nik tiraram os aventais e saíram da cozinha ao encontro dos pais, na sala de jantar. A senhora Khederian estava usando um vestido curto azul-marinho de algodão. Alek percebeu que era a primeira vez durante o verão que ele a via usando uma roupa diferente do terninho. O senhor Khederian

estava de paletó e gravata e abotoaduras quadradas de prata.

— Vocês vão nos contar por que decidiram preparar esse jantar ou vamos ter de esperar para descobrir? — perguntou o pai.

O som da campainha tocando os salvou de terem de responder.

— Devo atender? — perguntou a mãe.

— Não! — responderam os garotos ao mesmo tempo.

Alek olhou para o relógio da sala de estar, que marcava oito horas em ponto.

— Deve ser Ethan — ele sussurrou para Nik.

— Não tem como uma armênia *ou* turca ter chegado na hora — concordou Nik. — Você quer ir atender? Posso mantê-los ocupados.

— Obrigado — disse Alek com gratidão.

— Pronto? — perguntou o irmão.

— Pronto como nunca estarei — respondeu Alek.

21

Ethan estava usando um terno de linho creme por cima de uma camisa branca bem passada e o cabelo penteado com gel para trás. Alek inspirou o aroma doce que ele exalava e seus joelhos ficaram bambos. Eles ficaram se olhando, um olhar familiar e constrangido.

— Eu não sabia se você viria ou não — disse Alek.

— Nem eu — admitiu Ethan.

— Por que veio? — perguntou Alek.

— Porque sou mais velho que você.

— O que isso tem a ver?

— Tenho de ser o maduro e perdoar você quando brigamos.

— Que engraçado, não me lembro de ter pedido o seu perdão.

— E é isso que torna o perdão tão incrivelmente maduro.

Ethan sorriu. O sorriso aqueceu as entranhas de Alek. Ele deu um passo na direção de Ethan e passou as mãos lentamente ao redor da cintura dele. Como Ethan não se afastou, ele inclinou a cabeça, apoiou no seu peito e ouviu os batimentos de seu coração.

— Estou tão feliz de você estar aqui — sussurrou.

— Eu também — sussurrou Ethan, passando a mão pelos cabelos de Alek.

— Você vai bagunçar meu cabelo — protestou Alek, permanecendo exatamente onde estava.

— Então, qual é a parada, Polly-O?

— É um jantar. Eu, você, meu mano, a namorada meio turca dele e meus pais. Você acha que encara?

— Becky me contou. Eu topo.

— Vamos ver se você ainda vai pensar assim no fim da noite.

Ele segurou Ethan pelo braço e o levou para dentro. Os pais estavam comendo aperitivos quando Alek entrou e se levantaram assim que viram Ethan.

— Mãe, pai, acho que vocês se lembram de Ethan Novick. Ethan, meus pais. E acho que você conhece meu irmão, Nik.

— Senhor e senhora Khederian, eu gostaria de pedir desculpas por nosso primeiro encontro que, acredito, aconteceu sob circunstâncias desagradáveis — recitou Ethan formalmente.

— Meu jovem… — começou o senhor Khederian.

— Por favor, senhor — interrompeu Ethan com delicadeza. — Eu gostaria de ir até o fim com isso, pois me dei ao trabalho de escrever tudo e decorar. — Ethan fez uma pausa que era como um pedido de permissão, e o senhor Khederian fez um leve aceno positivo com a cabeça. — Quero que vocês saibam que gosto muito do seu filho e espero que vocês me deem a oportunidade de mostrar quem realmente sou. Posso não ser um cidadão-modelo como Alek, mas essa é uma das coisas de que gosto nele e não quero mudar isso. Não quero ser uma influência ruim. — Ethan olhou para Alek por um segundo e prosseguiu. — Uma pessoa muito importante para mim disse uma vez que pedidos de desculpas não custam nada. É fácil dizer "Me desculpe" e esperar que tudo fique melhor. Ela também disse que presentes funcionam melhor. Um presente quer dizer "Me desculpe, estou disposto a gastar tempo e esforço para mostrar o quanto sinto muito". Portanto, aqui está. — Ethan tirou um pequeno pacote embrulhado com papel de seda branco de dentro do bolso do paletó. — Aceitem este presente como meu pedido de desculpas. Espero que gostem.

O pai de Alek hesitou só por um momento, mas esticou a mão e pegou o pacote de Ethan. Soltou o laço verde-claro, abriu a caixa e pegou o que tinha dentro: um único azulejo de cerâmica azul e branca, autêntico da Armênia.

— Como você conseguiu isso? — perguntou o senhor Khederian, estupefato.

— Peter Balakian deu ao meu pai.

— Seu pai conhece Peter Balakian! Que legal! — exclamou Nik.

— Eles são melhores amigos desde que estudaram na NYU juntos. Meu pai almoçou com ele no dia seguinte em que voltaram de viagem, e era por isso que eu queria que Alek fosse à cidade comigo.

— Então seu pai é professor universitário? — perguntou a mãe de Alek com esperança.

— De sociologia. Especializado em urbanismo.

— Que encantador, Ethan. Que presente atencioso e significativo.

A senhora Khederian sorriu. Os pais de Alek se entreolharam por um momento. Alek não conseguiu ver nenhum gesto que indicasse comunicação entre eles, mas sabia que uma conversa inteira acontecera naquele momento.

— Imagino que Aleksander convidou você para jantar hoje.

— Convidou, sim — disse Ethan, assentindo.

— Por que você não fica? Para passar a noite conosco? — disse o senhor Khederian, esticando a mão.

Ethan expirou e apertou a mão do senhor Khederian.

— Obrigado, senhor. Sim. Seria uma honra.

— Tem aperitivos na mesa de centro — chamou Nik da sala de estar.

Alek segurou a mão de Ethan e o levou até a sala.

— Eu não sabia que seu nome era Aleksander. Vou chamar você de "o Grande" de agora em diante — provocou Ethan, mexendo no cabelo espetado de Alek.

— Excelente ideia — disse Alek. — Se você quiser que eu mate você.

— São picles árabes autênticos — disse Nik, explicando o que havia de aperitivo. — E isto é…

— Queijo trançado! — disse Ethan com alegria.

— Se come assim — disse Nik, segurando uma trança.

— Pode deixar, cara. Quando o assunto é queijo trançado, sou *profissa*.

Ethan puxou uma tira e colocou na boca.

A campainha tocou pela segunda vez naquela noite. Alek e Nik se olharam, e Nik se levantou para atender. Ainda na porta, deu um abraço apertado em Nanar. Ela estava usando um vestido lilás com um cinto simples, e um xale branco nos ombros. Os saltos a deixavam ainda mais alta, e Alek viu uma força desafiadora na postura dela. Em vez de pedir desculpas pela altura, ela a estava usando a seu favor.

— Não! — Alek ouviu a mãe dizer.

Ela atravessou o saguão inteiro e bloqueou a entrada da convidada.

— Não o quê? — perguntou Nik, se soltando de Nanar, mas ainda segurando a mão dela.

— Sua mãe está dizendo: "Não, não nos peça para aceitá-la na nossa casa" — disse o senhor Khederian. — E eu concordo.

— Senhor e senhora Khederian, sou tão diferente agora da pessoa que almoçou com vocês todas as semanas depois da missa no ano passado? — perguntou Nanar com voz firme.

— Sim! É sim! — respondeu a senhora Khederian.

— Mas eu não fiz nada! — protestou Nanar. — Por que descobrir que minha mãe é turca me tornou mais cruel ou pior? Por que sua opinião sobre mim mudou por causa de uma coisa sobre a qual não tenho controle?

— Nik nos contou que sua família era de Van. Você sabia que minha família também era de lá? — perguntou a senhora Khederian.

— Não — disse Nanar.

— Boghos, traga a foto — disse a senhora Khederian.

— Você acha… — começou ele, mas ela o interrompeu.

— Eu disse para trazer a foto — insistiu a esposa.

Ele foi até a cozinha.

— Meu avô foi a única pessoa da família que teve recursos para fugir da Turquia. É fácil olhar para trás e perguntar "Por que todo mundo não fugiu quando viu seus amigos e famílias sendo perseguidos e executados?" Mas quantos de nós, mesmo agora, teriam a coragem de deixar tudo o que conhecemos, de abandonar as raízes e a comunidade para ir para um mundo novo e estranho, cuja língua não falamos? Ele era um pouco mais velho do que Nik quando partiu.

O senhor Khederian voltou da cozinha com o retrato da família. Entregou à esposa, que mostrou a Nanar.

— Com esta foto meu avô me ensinou os nomes dos integrantes da família que foram mortos no genocídio — ela apontou para uma mulher na fileira de trás que estava rindo. — Manushag, a tia do meu avô, que foi arrastada da cama no meio da noite, estuprada e assassinada na praça da cidade. — Ela apontou para um homem ao lado dela, com postura solene e

orgulhosa, usando terno. — O marido dela, Simon, foi perfurado na barriga com uma baioneta quando tentou intervir, e foi obrigado a assistir ao que acontecia com a esposa enquanto sua vida se esvaía aos poucos. — Ela apontou para quatro crianças de pé por ordem de altura. — Taniel, Garnik, Adrine e Sevoug, os filhos deles, foram cercados como animais e deportados, obrigados a uma marcha pelo deserto à qual nenhum sobreviveu.

Ela continuou apontando para o retrato.

— Sona, a irmã mais velha do meu avô, que foi morta junto com o marido, Ara, e os dois filhos, Patil e Elnaz, quando os armênios de Van tentaram se unir e repelir os ataques.

Ela apontou.

— Karekin, a mais jovem, se escondeu em um poço. Ela morreu de fome e o cadáver foi descoberto semanas depois. Foi considerada uma das que tiveram sorte porque não morreu em mãos turcas.

Ela apontou.

— Meus bisavós, Dikran e Marine, levaram tiros na cabeça sentados à mesa de jantar, pouco depois de meu avô partir. Ele nem se despediu dos pais, os únicos da família que ainda estavam vivos quando ele partiu, porque achava que não conseguiria ir se fosse falar com eles. E eles ficaram, iludidos e acreditando que as coisas melhorariam. Em 1920, não havia mais um único armênio na cidade.

O corpo da senhora Khederian estava rígido enquanto ela falava, com as histórias da família deixando sua voz mais tensa.

— Sei que você não é responsável por nenhuma dessas coisas, Nanar. É claro que sei. E tudo o que mais quero é poder receber de braços abertos a garota que dá a Andranik, meu primogênito, tanta alegria. Mas como posso saber o que os avós da sua mãe estavam fazendo em 1915? Como posso saber se seu bisavô não foi quem puxou o gatilho contra gente da minha família, ou que alguma coisa que há na casa da sua família hoje não foi roubada da minha cem anos atrás? Como posso receber você nesta casa se fazer isso insultaria os fantasmas dos meus ancestrais?

— Não sei, senhora Khederian — respondeu Nanar com sinceridade.

Nik soltou a mão de Nanar, e Alek não conseguiu concluir qual dos dois parecia mais derrotado. A mãe de Alek andou até Nanar e colocou a mão no ombro dela.

— Você veio de carro? — perguntou com gentileza.

Nanar fez que sim com a cabeça.

— Vá para casa, Nanar, e vamos pensar nisso no futuro, em um momento em que não estejamos tão nervosos, está bem? — instruiu a senhora Khederian.

Nanar fez que sim de novo e se virou, o corpo murcho, derrotado.

— Não, não está bem — disse Alek.

— Alek, por favor — disse o pai com delicadeza. — Isso não tem nada a ver com você.

— Tem, sim. Acho que é uma questão familiar, e esta é minha família também, então tem muito a ver comigo — insistiu Alek. — Nanar é nossa

convidada. Foi convidada por uma pessoa desta família para vir à sua casa e, se tem uma coisa que sei sobre ser armênio, é que tratamos os convidados com respeito. Então vocês podem me explicar por que isso não está valendo agora? Vocês estão dizendo que ser contra os turcos é mais importante do que a hospitalidade na hierarquia da tradição armênia? Porque, até onde consigo entender, o genocídio aconteceu cem anos atrás, mas o povo armênio e sua suposta e famosa hospitalidade existem há uns três mil anos. Então, acho que, meramente pela natureza da idade, a hospitalidade bate todo o resto.

— Alek, você sabe como é difícil para mim deixar esse garoto…

— O nome dele é Ethan, pai — disse Alek.

— Tudo bem. Deixar Ethan entrar nesta casa sabendo que ele foi o motivo de você ter mentido a nós. Mas nós fizemos isso. Sua mãe e eu. Agora vamos jantar com vocês dois. Isso não basta por uma noite?

Na semana anterior, a ideia de que os pais receberiam Ethan em casa teria sido inconcebível para Alek. Quando ele e Ethan ficaram juntos, nunca lhe ocorreu que o relacionamento seria uma coisa que ele poderia incorporar à vida familiar. E, de repente, essa porta estava aberta e a possibilidade de poder ter isso tudo o chamava para entrar.

Mas ele não podia. Não assim. Porque não era certo.

— Você não entende, não é, pai? Não posso aceitar sua proposta. E Nik também não aceitaria se a situação fosse a inversa. Você, dentre todas as pessoas, devia saber isso. Porque nos criou para isso.

— Esse é o meu garoto — sussurrou Ethan para ele.

Alek saiu de casa e colocou a mão no ombro da mãe.

— Nossos ancestrais mortos não ligam se Nanar jantar aqui, mãe.

— Como você pode ter certeza? — perguntou ela, e Alek conseguiu ouvir o quanto ela queria que ele estivesse certo.

— A única coisa que eles querem para nós é que sejamos felizes. E se Nanar faz o tataraneto deles feliz, e você teria de ser cega para não ver como Nik sorri quando Nanar está perto, isso é tudo o que eles querem. Eles gostariam que você escolhesse os vivos aos mortos.

22

Duas horas depois, a família Khederian estava com Ethan e Nanar na sala de jantar, tomando chá de hortelã armênio e terminando a sobremesa.

— Não me digam que vocês também fizeram o *baklava* — disse a senhora Khederian, espetando o último pedaço com o garfo e colocando na boca com prazer.

— Claro que fizemos — insistiu Alek.

— Se “fizemos” quiser dizer “encomendamos na Damascus Bakery do Brooklyn” — acrescentou Nik.

— Mas vocês mesmos polvilharam a canela e o cravo? — perguntou ela.

— Claro, mãe — respondeu Nik com orgulho.

— Você trabalha na cidade, não é, senhora Khederian? — perguntou Ethan.

— Ao sul de Port Authority.

— Você devia ir conhecer o Market Café na esquina da Nona Avenida com a Rua 38. É um dos melhores restaurantes de Nova York na minha humilde opinião.

— Estou sempre procurando novos lugares para experimentar — disse a senhora Khederian, assentindo com apreciação.

— E você já foi ao International Grocery, na Rua 40?

— Passei por lá algumas vezes, mas nunca entrei.

— Aquele lugar é demais, quer dizer, é muito bom — disse Ethan. — Tem um monte de temperos. Nunca ouvi falar da maioria deles.

— Minha mãe me levou lá ano passado — disse Nanar. — Ela disse que a fazia lembrar-se de casa.

— Nanar, você se importa se eu fizer uma pergunta? — disse o senhor Khederian.

— Claro que não.

— Como sua mãe fez isso? Como escondeu a etnia dela? Não deve ter sido fácil.

— Ela disse a todos que não tinha parentes. Não é triste? Acontece que temos uma tia e uns primos que moram em Baltimore e eu nem sabia.

— Deve ser muito estranho descobrir que seu passado não é o que você pensava que era — observou Nik.

— E foi mesmo. Quer dizer, ainda é. Porque faz você se sentir uma pessoa diferente, mesmo você não sendo. Principalmente quando descobre que seu passado é uma coisa que você foi criada para odiar — explicou Nanar. — Ainda estou tentando lidar com tudo isso. O que vai acontecer na próxima vez que um dos meus amigos armênios fizer uma piadinha improvisada sobre turcos?

— Nem me fale — disse Ethan, em solidariedade. — Você imagina quantas vezes algum cara acha que sou hétero e usa a palavra *bicha*? E aí tenho de decidir se vou deixar passar, que é o que não quero, ou se vou corrigi-lo e fazer um drama, que é outra coisa que não quero.

— É isso que torna tudo difícil, não existe sentido claro de qual é a coisa *certa* a fazer — concordou Nanar. — Mas eu sabia que tinha de contar a Nik.

— E, quando eu surtei, você se arrependeu?

— Não — respondeu Nanar, com simplicidade. — Eu sabia que não queria o fardo de carregar o segredo. Pesa nos ombros.

— Pesa mesmo — concordou Alek.

— Minha mãe sempre disse que acreditava que a recusa turca de reconhecer a verdade sobre o genocídio dói nos turcos quase tanto quanto nos armênios porque impede que eles tenham a cura que vem da verdade — Nanar fez uma pausa antes de continuar. — Acho que isso torna a decisão dela de mentir pra mim durante todos estes anos ainda mais dura.

— Eu preciso contar uma coisa a vocês — disse o senhor Khederian de repente, colocando a xícara na mesa.

As cinco outras pessoas na sala de jantar se viraram para olhar para ele.

— O que foi, querido? — perguntou a mulher.

— Consegui um emprego!

Os filhos comemoraram, e a mulher passou os braços pelos ombros dele e o beijou.

— Que maravilha, querido.

— Mas eu recusei — confessou o senhor Khederian.

A senhora Khederian encolheu os braços.

— Você fez o quê?

— Falando sério, pai — perguntou Alek —, por que você se deu ao trabalho de ir às entrevistas se não queria o emprego?

O senhor Khederian falou com cautela, articulando os pensamentos conforme as palavras saíam pela boca.

— Só na hora que consegui o emprego que percebi preferir ficar em casa. Consigo ver vocês mais do que vi em qualquer outra época da minha vida, e tenho algumas ideias de trabalho que ando querendo desenvolver. Às vezes, você precisa conseguir o que pensa que quer para perceber que nunca quis isso, na verdade.

— Estão vendo, todo mundo está tirando um peso das costas — disse Ethan.

— Todo mundo menos você, mãe — disse Alek.

— Não sei o que dizer — insistiu a senhora Khederian. — Não tenho segredos, não faço nada que não deveria e não tenho nada a esconder.

— Não acredito — disse Alek. — Deve haver alguma coisa. Alguma coisa em que você pensa naquele momento antes de adormecer com a culpa ou o remorso que revira você por dentro.

— Nadinha — disse a sra. Khederian com simplicidade.

— Nada, mãe? — perguntou Nik.

A senhora Khederian fez uma pausa curta antes de responder.

— Bem… — ela parou de falar.

— Eu sabia! Eu sabia! — disse Alek.

— Não consigo acreditar que vou admitir isso — disse a senhora Khederian.

— Nik foi concebido antes do casamento? — perguntou Alek, esperançoso.

— Alek é filho de outro pai? — perguntou Nik, no mesmo tom.

A senhora Khederian afastou o olhar e colocou a mão no pescoço, como se agonizasse. O marido se inclinou na direção dela, intrigado.

— Conte logo, querida! — encorajou ele.

— Às vezes, quando vou ao Whole Foods, eu enfio um galho de endro no pacote de salsinha — confessou ela.

Por um momento, ninguém falou nada.

— Não entendi — admitiu Ethan.

— Ah, eu não preciso de um maço inteiro de endro, só de um galhinho para enfeitar a comida. Mas odeio a ideia de jogar todo o resto fora.

— Você pode congelar. É o que minha mãe faz — sugeriu Nanar.

— Serviria para uma sopa ou um ensopado, mas prefiro endro fresco como decoração.

— Deixe ver se entendi — disse Alek, lentamente. — Seu grande segredo é que você rouba endro no valor de dois centavos no Whole Foods a cada duas semanas?

— E me sinto péssima por isso — prosseguiu a mãe, com a culpa transparecendo no rosto. — Afinal, é roubo. E se a pessoa do caixa perceber? Ou se eu for vista pelas câmeras de segurança? Você consegue imaginar o escândalo?

— Nós jamais sobreviveríamos — disse Alek.

— Bem, não quero ser grosseiro — disse Nik —, mas temos de ir para a cama. Alek e eu precisamos estudar amanhã cedo.

— Para quê? — perguntou a mãe. — As aulas só começam daqui a duas semanas.

— Ah, sim, mas quando se faz turma especial de álgebra II há deveres para as férias — gabou-se Alek.

Os pais de Alek olharam para ele com alegria nos olhos.

— Não se animem demais, é só álgebra. A senhora Imbrie baixou a nota do meu trabalho final, então vou fazer inglês normal ano que vem — explicou Alek.

— Isso é um absurdo! — a senhora Khederian se levantou. — Vou conversar com a senhora Schmidt segunda-feira logo cedo.

— Mãe, relaxe. Está tudo bem. Eu não me matei de estudar nem nada.

E isso vai permitir ter tempo para outras coisas, como o tênis.

— Ele tem razão, Kada — o pai de Alek segurou a mão da mãe e ela se sentou. — Além do mais, turma especial de álgebra é uma coisa de que podemos nos orgulhar.

A mãe assentiu em concordância.

— E tenho certeza de que, se você se esforçar, consegue ir para a turma especial de inglês no segundo ano, o que quer dizer que ainda pode estar adiantado quando…

— Por que não encaramos um ano de cada vez? — sugeriu Alek, interrompendo a mãe.

— Que ideia excelente — concordou a mãe. — Não há motivo para apressar nada, não é? — disse ela, virando a atenção para Nik e Nanar.

Nik, entendendo na mesma hora o que ela queria dizer, colocou a mão sobre a de Nanar de forma protetora.

— O que você está dizendo, mãe? Que devo terminar com minha namorada porque ela é parcialmente turca?

— Tenho certeza de que não é isso que sua mãe está dizendo — interrompeu o senhor Khederian. — Só que é sempre bom ir devagar para você poder digerir tudo o que está acontecendo, como se faz depois de uma grande refeição. Quando você ficar velho como eu e sua mãe…

— Vocês não são *tão* velhos — interrompeu Alek.

— Como eu estava dizendo, quando vocês ficarem mais velhos, vão ver como é importante deixar as coisas tomarem o rumo natural.

— Bem, eu preciso ir para casa — disse Nanar, se levantando. — Vejo vocês na igreja amanhã, senhor e senhora Khederian?

— Você e seus pais planejam ir à igreja esta semana? — perguntou a senhora Khederian, com surpresa evidente na voz.

— Claro. Minha mãe se converteu antes de ficar noiva do meu pai. Ela tem tanto direito de estar lá quanto qualquer outra pessoa — disse Nanar.

— Veremos vocês lá — respondeu Nik. — E não sei quanto aos meus pais, mas quero que você saiba que sempre vou me sentar com você, na igreja, no almoço e em qualquer lugar.

Nanar abraçou Nik, e ele a acompanhou até o carro. Os Khederian voltaram a atenção para Ethan.

— Ethan, você precisa entender a situação constrangedora em que nos coloca — explicou a senhora Khederian. — Está claro que você faz Alek feliz…

— E ele me faz feliz — disse Ethan.

— Sim, isso também está claro — concordou o senhor Khederian. — Mas um jantar agradável não é prova de que você vai ser boa influência para o nosso filho.

— E daí, pai? Só posso namorar Ethan se minha média na escola for alta? — ironizou Alek.

— Não é tão fácil, filho. Infelizmente, não podemos deixar…

— Ah, não sei, Boghos — disse a senhora Khederian.

O pai de Alek parou de falar. Virou-se e olhou para a mulher.

— Nós não discordamos na frente das crianças, lembra, Kadarine? — disse ele com um sussurro delicado.

— É que, talvez, esteja na hora de começarmos a tratá-los como adultos — prosseguiu a senhora Khederian. — Afinal, seus pais não me acharam uma boa influência quando nos conhecemos.

— E por quê, mãe? — perguntou Alek, com o máximo de neutralidade possível, torcendo para o tom não trair o quanto ele desejava saber.

— Primeiro, porque sou três anos mais velha do que seu pai, o que os deixou *escandalizados*. Além disso, eu estava fazendo mestrado, e a mãe dele queria que ele se casasse com uma boa moça armênia que fosse dona de casa, não com uma mulher que trabalhasse fora e tivesse carreira, que… como ela disse? — perguntou a senhora Khederian ao marido. — "Não sabia enrolar *sarma* direito nem que as vidas dela e dos filhos dependessem disso."

Alek não conseguiu sufocar a gargalhada ao imaginar a avó falando desse jeito sobre sua mãe.

— Tudo bem, querida, acho que basta — disse o senhor Khederian.

— Claro que há certas regras nesta casa que esperamos que Alek siga, Ethan — explicou a senhora Khederian. — E, se acharmos que você não vai respeitar essas regras, não vai haver lugar para você aqui. É simples assim.

— Eu entendo.

Ethan esticou a mão e deu à mãe de Alek seu melhor sorriso enquanto eles apertavam as mãos. Nik voltou a tempo de se despedir de Ethan, que agradeceu a hospitalidade dos Khederian.

— Obrigado — murmurou Alek.

— Pelo quê?

— Por ter vindo.

— Não é nada de mais, Polly-O.

Eles se beijaram até Alek ficar com medo de os pais desconfiarem, e Ethan pegou o skate no jardim dos Khederian.

— Você vai de skate para casa com este terno?

— Do jeito como estou me sentindo, vou praticamente voando para casa — respondeu Ethan. — Além do mais, você já me viu cair?

Ele partiu e saiu deslizando. Antes de desaparecer na escuridão da noite, virou-se e jogou um beijo para Alek.

Alek entrou em casa e fechou a porta. Encostou-se nela para apreciar a sensação dos lábios de Ethan nos seus. Recompôs-se e voltou para a sala, onde a família o esperava.

Os pais estavam sentados no sofá e Nik tinha começado a tirar os pratos da mesa.

— Eu queria que o *baklava* estivesse mais fresco — disse Alek, comendo algumas migalhas enquanto ajudava o irmão a arrumar. — E acho que não cozinhamos o *sarma* completamente.

— Não faça isso — repreendeu a mãe.

— O quê? — ele quis saber.

— Essa coisa de ficar criticando tudo.

Alek olhou para ela, estupefato.

— Onde você acha que eu aprendi?

— Ah, é bom ter padrão alto — disse o pai.

— Mas também é bom poder se sentar e apreciar uma refeição caseira bem preparada — concluiu a mãe. — É por isso que a comida é tão importante na tradição armênia. Transforma uma coisa que você precisa fazer em uma coisa que você quer fazer. Agora vocês, garotos, vão ficar sentados enquanto eu e seu pai terminamos a arrumação.

— Vocês não precisam fazer isso — disse Nik.

— Sabemos que não — respondeu o pai.

— Mas vocês dois arrumam quando cozinhamos, então é justo que a gente limpe quando vocês cozinham — insistiu a mãe. — Então, podem ir se sentar e relaxar. Vocês merecem!

Epílogo

— Logo depois que você saiu da minha casa, fui até a pista de skate. Agora você sabe como ele pode ser — Becky falou para Alek, dando um soco no ombro de Ethan de brincadeira. — Principalmente quando ele está com os desprezíveis.

— É *desistentes* — Ethan estava se esforçando para acompanhar enquanto arrastava a mala gigante de Becky.

— Mas quando vocês fazem babaquices são desprezíveis — disse ela. — E ande logo. Não quero perder o trem.

— Becky, são cinco minutos da sua casa até a estação. Temos tempo à beça.

Alek ajeitou a tira da bolsa que tinha pendurado no ombro, pensando se não teria sido melhor ter vestido uma camiseta velha e sem graça de algodão em vez da camisa de mangas curtas de poliéster azul-clara que comprou na Housing Works. Mas uma camiseta velha ficaria feia com a calça jeans que tinha escolhido para usar naquele dia. Ele segurou melhor a mala pequena que estava puxando enquanto se perguntava como uma menina pequena como Becky poderia precisar de tanta coisa para passar uma semana fora.

— A única forma de você perder o trem seria se Ethan e eu desmaiássemos de exaustão. E você pode me explicar por que não está carregando nenhuma mala?

— Lembra quando você era hétero e cavalheiro? — uma tira do macacão que Becky sempre usava caiu preguiçosamente do ombro. — Sinto falta daqueles dias. Você quer ouvir o resto da história ou não?

Alek assentiu com ansiedade.

— Então eu digo: "Ethan Novick, tenho um convite de jantar de Alek Khederian para você" — continuou Becky.

— Todo mundo caiu na gargalhada — acrescentou Ethan, com bom humor. Ele estava usando uma roupa especial do estilo Ethan naquele dia: calça camuflada preta, branca e cinza e uma camiseta vermelha sem mangas com as palavras EU FAÇO, MAS NÃO COM VOCÊ na frente. — Eu fiquei muito constrangido. Mas claro que não ia demonstrar isso aos meus amigos.

— Então, ele me perguntou o que aconteceria se não fosse. E eu disse: "Eu prometi que faria você ir, Romeu". A essas alturas, todos estavam

morrendo de tanto rir. E então Ethan diz que aposta meus patins contra o skate dele para decidir se vai ou não.

— Por que você não me contou que foi assim que Becky o convenceu de ir ao jantar lá em casa no sábado? — perguntou Alek.

— E ainda tem mais! — Os olhos dela brilharam de malícia.

— Eu não quero me gabar — disse Ethan —, mas sou bom na pista e sou bom no skate. Tão bom que é difícil imaginar um dos caras fazendo melhor, e menos ainda essa garota magrela de patins com cabelo ondulado que só conheço como melhor amiga do Polly-O.

— Eu fico alguns minutos só inspecionando o circuito. Você sabe, avaliando ângulos, entendendo o impulso, essas coisas.

— E então, *bum*, ela patina como se possuída pelo demônio — disse Ethan. — Pula grades, dá voltas, patina de costas. Na primeira vez, arrasa. Sem dúvida. Ela se aproximou e disse que, se eu não aparecesse bem-vestido e causasse uma boa impressão, ela teria de me dar outra lição.

Alek riu com satisfação, pensando no quanto a primeira experiência de Becky com os desistentes foi diferente da dele com Jack no começo do verão.

— Preciso agradecer, Ethan. Acho que meus pais nunca perceberam o quanto essa "coisa de patinação" era importante para mim até eu voltar para casa naquele dia e contar a eles como venci você. Foi por isso que decidiram me mandar para o acampamento de patinação, afinal.

Os três chegaram à estação.

— Vamos, garotos. Essas malas não vão andar sozinhas.

Ethan e Alek trocaram olhares antes de puxar as malas até a plataforma.

— A sensação de pegar o trem sozinho é tão adulta. Tem certeza de que você sabe para onde vai? — perguntou Alek.

— Vou pegar a NJ Trans até Trenton, trocar de linha para a Amtrak, depois vou até Wilmington. O acampamento tem uma van que vai me buscar.

— E quem vai ajudar você a carregar essa merda toda na mudança de linha? — perguntou Ethan.

— Vou ficar bem, rapazes, fiquem tranquilos. Ah, mal posso esperar! No primeiro dia, eles nos mandam fazer atividades para avaliar os níveis, sabe? Aí preparam o programa de acordo com cada um.

Becky continuou explicando os detalhes e nuanças da programação do acampamento de patinação até o trem parar na estação alguns minutos depois.

— Não morra de saudade de mim — disse ela a Alek.

— Impossível — respondeu ele.

E o trem a levou. Alek e Ethan ficaram vendo-o desaparecer ao longe.

— Este verão está sendo um sonho — murmurou Ethan.

— Eu sei.

— Odeio o fato de só faltar uma semana para acabar.

— Você entendeu tudo errado, Eth — disse Alek, passando a mão delicadamente pelo cabelo de surfista de Ethan. — Este verão não é o sonho. *Nós* somos um sonho. Você e eu. E não importa a época do ano, desde que estejamos juntos.

— Gostei disso, Polly-O — Ethan sorriu.

— Vamos detonar, você e eu — disse Alek.

— O que isso quer dizer?

— É de uma música do Rufus, palhaço. Quer dizer: Cuidado, mundo. Vamos fazer coisas doidas juntos.

— Vamos detonar, você e eu — repetiu Ethan.

Alek se inclinou para beijar Ethan enquanto a plataforma vibrava pela força de dois trens passando pela estação em direções opostas.

A receita da família Khederian de
CHARUTO DE FOLHA DE UVA

Ingredientes
1 xícara de arroz basmati (se fizer sem cordeiro, use 2 xícaras)
1 vidro de 500g de folhas de uva
2 pimentões vermelhos
2 cebolas
1 ramo de salsa mergulhado em água morna (troque a água até que fique clara e limpa)
¼ de xícara de chá de pimenta-da-jamaica
500g de carne de cordeiro moída (opcional)
Aproximadamente ¼ xícara de azeite (se não usar o cordeiro, aumente para ½ xícara)
2 colheres de chá de sal (ou mais)
1 colher de chá de pimenta (ou mais)
Aproximadamente ¼ xícara de suco de limão fresco (se não usar o cordeiro, aumente para ½ xícara)
½ xícara de extrato de tomate

Preparo

1 Cubra o arroz com água quente e deixe de molho enquanto prepara o resto dos ingredientes.

2 Separe e enxague as folhas de uva em água corrente fria.

3 Tire as sementes dos pimentões vermelhos. Em um processador de alimentos, bata no modo "pulsar" até os pimentões estarem bem moídos. Coloque em uma tigela grande e reserve. Bata as cebolas no processador até ficarem bem picadas e junte aos pimentões. Separe as folhas de salsinha do cabo e bata no processador até ficarem bem picadas. Acrescente aos pimentões e às cebolas. Escorra o arroz e junte aos legumes na tigela. Acrescente a pimenta-da-jamaica.

4 Junte o cordeiro moído (opcional) à mistura de arroz e legumes.

5 Acrescente o azeite, o sal, a pimenta e o suco de limão. Se você estiver fazendo a versão vegetariana, prove um pouco da mistura e ajuste o azeite, o suco de limão, o sal e a pimenta de acordo com seu gosto. Se estiver fazendo a versão com carne, adicione azeite o bastante só para

deixar a mistura brilhando, mas não mais do que isso.

6 Forre o fundo da panela com uma camada de folhas de uva.

7 Coloque as folhas de uva em uma tábua de corte com o lado dos veios para cima. Corte o cabinho com uma tesoura de cozinha. Coloque uma colher do recheio no meio de cada folha (ponha um pouco mais em caso de folhas maiores, um pouco menos em caso de folhas menores). Dobre as laterais primeiro. Elas devem quase se encontrar. Vire a parte de baixo da folha por cima do recheio e enrole até formar uma trouxinha apertada (mas não apertada demais). Acomode os "charutinhos" na panela, começando pelas laterais até chegar ao centro. A panela ideal tem altura normal, mas com circunferência grande (mais larga do que alta). Continue a colocar as folhas enroladas até cobrir todo o fundo da panela. Depois, coloque mais folhas por cima, formando uma segunda, terceira e até quarta camadas. Continue até todas as folhas estarem enroladas, mas não use as muito pequenas ou rasgadas.

8 Ponha algumas das folhas pequenas ou rasgadas em cima das enroladas. Coloque um prato com circunferência um pouco menor que a da panela por cima delas.

9 Encha uma chaleira com água e leve ao fogo até ferver. Apague o fogo e deixe descansar por 10 minutos. Despeje lentamente a água quente sobre as folhas de uva recheadas até a água quase cobrir a camada mais alta.

10 Ligue o fogo novamente. Quando a água ferver, abaixe o fogo e deixe cozinhar com a panela tampada por 20 minutos. Tire ¼ da água fervente e misture com o extrato de tomate até chegar a uma consistência de molho. Jogue uniformemente sobre as folhas de uva recheadas e cozinhe por mais 10 minutos. Tire do fogo e deixe descansando por 15 minutos. Os charutos podem ser servidos quentes, assim que ficarem prontos, ou à temperatura ambiente.

Esta receita é dedicada à minha avó
Mèline Boghossian (29 [?] de maio de 1915 — 2 de fevereiro de 2010), uma mulher com magia nas mãos.

— M.B.

Agradecimentos especiais

A Ann E. Imbrie e Wendy Wasserstein, minhas escritoras-mentoras.

Aos amigos que leram este livro em vários estágios: Chris Kipiniak, Rosemary Andress, Suzanne Agins, Ariel Whitefoot e Emily Donahoe. E, principalmente, a Sarah Braunstein, minha romancista viva favorita.

A Emily Jenkins, que me guiou infinita e generosamente por esse processo.

A meu querido não namorado Andy Goldberg, por me apresentar a muitas coisas maravilhosas, entre elas a música de Rufus Wainwright.

A Taylor Stewart, pela consultoria de dialeto jovem *hip* e gay.

Aos meus consultores armênios: Paul Boghossian, Donna Bagdasarian, Aaron Poochigian e Ara Merjian.

Ao meu agente, Josh Adams, um verdadeiro cavalheiro.

E, mais do que tudo, à minha editora, Joy Peskin. Enquanto as outras pessoas viam um jovem diretor de teatro, ela via um romancista. Todos os escritores deviam ter a sorte de encontrar uma parceira tão dedicada, inteligente e valente. Este livro não existiria sem ela.

Índice